

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
NÍVEL DOUTORADO**

MELQUÍADES PACELI SANDES BARROS

**A INTERTEXTUALIDADE E SUA RELAÇÃO COM A MUDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA
NA REVISTA GALILEU**

SÃO LEOPOLDO

2020

Melquíades Paceli Sandes Barros

A Intertextualidade e sua Relação com a Mídiação da Ciência na Revista Galileu

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em
Linguística Aplicada, pelo Programa de
Pós-Graduação em Linguística Aplicada
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos
– UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Eduarda Giering

São Leopoldo

2020

B277i Barros, Melquíades Paceli Sandes

A intertextualidade e sua relação com a midiatização da ciência na Revista Galileu. / Melquíades Paceli Sandes Barros -- 2020.

160 f. : il. ; color. ; 30cm.

Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, São Leopoldo, RS, 2020.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Eduarda Giering.

1. Linguística aplicada. 2. Intertextualidade. 3. Notícia - Divulgação científica midiática. 4. Semiologia. 5. Revista Galileu online. I. Título. II. Giering, Maria Eduarda.

CDU 81'33

Melquíades Paceli Sandes Barros

A Intertextualidade e sua Relação com a Mídiação da Ciência na Revista Galileu

Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor em
Linguística Aplicada, pelo Programa de
Pós-Graduação em Linguística Aplicada
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos
– UNISINOS

Prof.^a Dra. Maria Aparecida Linus Pauliukonis IES – UFRJ

Prof. Dr. Ernani Cesar de Freitas IES – UPF

Prof. Dr. Caio César Conta Ribeiro Mira – UNISINOS

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Eduarda Giering – UNISINOS

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dr.^a Maria Eduarda Giering, pelo apoio no tempo que dedicou a esta tese, pelas correções e incentivos.

À minha esposa, Marlene Ramalho, pelo companheirismo.

À professora Dr.^a Maria Helena Albé, pelos incentivos.

Às instituições UEMA e UNISINOS, que me propiciaram a oportunidade de expandir meus conhecimentos.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo apresentar os resultados da investigação sobre o fenômeno da intertextualidade e sua relação com duas finalidades (informar e cativar) próprias do domínio midiático. O estudo foca a midiatização da ciência, que se encontra na intersecção dos domínios científico, didático e midiático. A pesquisa analisa a intertextualidade explícita no *corpus* examinado, uma coleção de vinte notícias de divulgação científica publicadas na Revista Galileu *online*, levando em conta as finalidades de informação e captação, bem como a identidade dos atores mencionados, a fim de identificar o valor que o leitor pode atribuir à informação veiculada. Para isso, emprega uma metodologia de caráter quantitativo e qualitativo, que inclui descrição, análise e interpretação de um *corpus* composto por quatro amostras selecionadas do *corpus* geral. O referencial teórico abrange a noção de intertextualidade em Barthes (2012), Beaugrande e Dressler (2016); contudo, enfocamos o conceito de intertextualidade que provém de Koch (2009, 2016); Koch e Elias (2014, 2016); Koch, Bentes e Cavalcante (2012); outros conceitos, como (a) contrato de comunicação; (b) discurso de midiatização da ciência; (c) restrições discursivas, especialmente seriedade e emocionalidade; e (d) estratégias de credibilidade, legitimação e captação estão fundamentados em Charaudeau (2008, 2010, 2013, 2016), bem como em Charaudeau e Maingueneau (2012). O conceito de discurso relatado é emprestado de Maingueneau (2011), com as noções de (a) discurso direto e indireto; (b) modalização do discurso segundo; (c) ilha textual. O estudo revela que a intertextualidade, em notícias de divulgação científica midiática, constitui estratégia de (a) legitimidade: o locutor demonstra autoridade; (b) credibilidade: o locutor demonstra capacidade de persuadir; e para (c) captação: o locutor pretende sensibilizar utilizando como estratégia a intertextualidade na forma de citação em títulos, subtítulos e primeiros parágrafos, a fim de captar o interesse pela informação. De acordo com os resultados, é possível afirmar que esta investigação contribui para o conjunto de trabalhos no campo da Linguística Aplicada direcionados à formação de um leitor ciente do poder da linguagem, principalmente em notícias de divulgação científica.

Palavras-chave: Intertextualidade. Notícia de divulgação científica midiática. Semiologia. Revista Galileu *online*.

ABSTRACT

This thesis aims to present the results of the investigation on the phenomenon of intertextuality and its relationship with two purposes (inform and captivate), which are specific to the media domain. The study focuses on the mediatization of science, which is at the intersection of the scientific, didactic and media domains. The research analyzes the explicit intertextuality in the examined corpus, a collection of twenty scientific dissemination news published in Revista Galileu online, taking into account the purposes of information and captation, as well as the identity of the actors mentioned, in order to identify the value that the reader can assign to the information conveyed. To that end, a quantitative and qualitative methodology is used, which includes description, analysis and interpretation of a corpus composed of four selected samples from the general corpus. The theoretical frame of reference encompasses the notion of intertextuality in Barthes (2012), Beaugrande and Dressler (2016); however, we focus on the concept of intertextuality that comes from Koch (2009, 2016); Koch and Elias (2014, 2016); Koch, Bentes and Cavalcante (2012); other concepts, such as (a) communication contract; (b) mediatization discourse of science; (c) discursive restrictions, especially seriousness and emotionality; and (d) credibility, legitimation and captation strategies are based on Charaudeau (2008, 2010, 2013, 2016), as well as on Charaudeau and Maingueneau (2012). The concept of reported speech is borrowed from Maingueneau (2011), with the notions of (a) direct and indirect speech; (b) modalization of discourse according to; (c) textual island. The study reveals that intertextuality, in news about scientific media dissemination, constitutes a strategy for (a) legitimacy: the speaker demonstrates authority; (b) credibility: the speaker demonstrates the ability to persuade; and for (c) capturing: the speaker intends to raise awareness using intertextuality as a strategy in the form of citation in titles, subtitles and first paragraphs, in order to capture interest in the information. According to the results, it is possible to affirm that this investigation contributes to the set of works in the field of Applied Linguistics directed to the formation of a reader who is aware of the power of language, mainly in scientific dissemination news.

Keywords: Intertextuality. News of scientific media dissemination. Semiolinguistics. Revista Galileu online.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Espiral da cultura científica	233
Figura 2 - A flora brasiliense.....	577
Figura 3 - <i>Print</i> do home do portal da Revista Galileu <i>online</i>	766
Figura 4 - <i>Print</i> da aba “Notícias” (Últimas notícias) da Revista Galileu <i>online</i>	777
Figura 5 - <i>Print</i> da aba “Ciência” da Revista Galileu <i>online</i>	788
Figura 6 - <i>Print</i> da aba “Sociedade” da Revista Galileu <i>online</i>	788
Figura 7 - <i>Print</i> da aba “Cultura” da Revista Galileu <i>online</i>	799
Figura 8 - <i>Print</i> da aba “Vestibular e Enem” da Revista Galileu <i>Online</i>	80
Figura 9 - <i>Print</i> da notícia “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo’, diz astronauta”	877
Figura 10 - <i>Print</i> da notícia “Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea”	966
Figura 11 - <i>Print</i> da notícia “7 provas de que ler faz bem para sua saúde”	1044
Figura 12 - <i>Print</i> da notícia “Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes”	1133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação das notícias que constituem o <i>corpus</i>	80
Quadro 2 - Discursos relatados, efeito valorativo, modo de identificação e visadas de informação e captação na notícia “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo’, diz astronauta”	955
Quadro 3 - Discursos relatados, efeito valorativo, modo de identificação e visadas de informação e captação na notícia “Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea”	1033
Quadro 4 - Discursos relatados, efeito valorativo, modo de identificação e visadas de informação e captação na notícia “7 provas de que ler faz bem para sua saúde”	1112
Quadro 5 - Discursos relatados, efeito valorativo, modo de identificação e visadas de informação e captação na notícia “ <i>Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes</i> ”	1189

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - O discurso relatado	855
--------------------------------------	-----

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DC	Divulgação Científica
DCM	Divulgação Científica Midiática
LA	Linguística Aplicada
LT	Linguística Textual
MDS	Modalização em Discurso Segundo
SEC	Situação Específica de Comunicação
SGC	Situação Global de Comunicação
TSD	Teoria Semiolinguística do Discurso
VC	Visada de Captação
VI	Visada de Informação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA MUDIÁTICA	211
3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA O ESTUDO DA INTERTEXTUALIDADE E SUA RELAÇÃO COM A DUPLA VISADA DE INFORMAÇÃO E CAPTAÇÃO DO DISCURSO MUDIÁTICO	27
3.1 O Contrato de Comunicação e as Condições de Situação do Discurso Científico Mudiático	27
3.1.1 O Discurso Científico Mudiático: as condições de situação de comunicação....	30
3.1.2 Discurso de midiatização da ciência: as restrições discursivas.....	33
3.2 A Intertextualidade	388
3.2.1 Bakhtin: palavra, dialogismo e discurso alheio.....	399
3.2.2 Textualidade: a interação autor, texto, leitor.....	433
3.3 Intertextualidade e Construção de Sentidos	466
3.3.1 Roland Barthes: o texto como tecido de citações.....	466
3.3.2 Beaugrande e Dressler: intertextualidade e evolução dos textos.....	488
3.3.3 Koch, Bentes e Cavalcante: intertexto e memória social.....	522
3.4 Maingueneau: o discurso relatado	644
4 METODOLOGIA	71
4.1 A Construção do <i>Corpus</i>	72
4.2 Procedimentos de Análise	822
5 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	855
5.1 Análise da Notícia “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta”	866
5.2 Análise da Notícia “Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via láctea”	966
5.3 Análise da Notícia “7 provas de que ler faz bem para sua saúde”	1044
5.4 Análise da Notícia “Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes”	1122
6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	12020
7 CONCLUSÃO	12929
REFERÊNCIAS	1355

ANEXO A - “VOLTAR À TERRA É COMO TER A PIOR RESSACA DO MUNDO”, DIZ ASTRONAUTA	14040
ANEXO B - QUASE DOIS TERÇOS DOS BRASILEIROS NUNCA PODERÃO VER A VIA LÁCTEA	1422
ANEXO C - 7 PROVAS DE QUE LER FAZ BEM PARA SUA SAÚDE	1444
ANEXO D - OCEANOS EM 2050 VÃO TER MAIS PLÁSTICO DO QUE PEIXES.	1466
ANEXO E - SHOW DE HORRORES: PRECISAMOS FALAR SOBRE A EXPLORAÇÃO DE ANIMAIS	1477
ANEXO F - CIENTISTAS DEBATEM SOBRE OS EFEITOS PSICOLÓGICOS CAUSADOS POR VIAGENS PARA FORA DA TERRA	1544
ANEXO G - ASTRÔNOMOS DESCOBREM QUE O CORAÇÃO DE PLUTÃO ESTÁ "BATENDO"	1577
ANEXO H - MISTERIOSAS BOLAS DE METAL VINDAS DO ESPAÇO CAEM NO VIETNÃ	15959

1 INTRODUÇÃO

Esta tese investiga a ocorrência da intertextualidade quando o jornalista divulgador serve-se dela, na forma de discurso citado¹, num *corpus* de notícias da Revista Galileu *online*. Procurando compreender a intertextualidade no domínio da prática midiática, fazemos uma relação dela (intertextualidade) com a finalidade do discurso de midiatização da ciência (doravante DCM), que partilha as visadas de informação e de captação do discurso midiático. A primeira visada tem como meta “fazer saber” ao cidadão aquilo que ele (provavelmente) não sabe, identificando o DCM com o discurso didático; a segunda procura “suscitar o interesse” no leitor da notícia, identificando o DCM com o discurso midiático. Esse processo de identificação situa o DCM na intersecção de três discursos: o científico, o midiático e o didático. (CHARAUDEAU, 2016; GIERING; SOUZA, 2013).

De fato, pesquisas linguísticas interessadas na investigação das múltiplas situações de uso da linguagem têm se dedicado à análise de propriedades textual-discursivas que sustentam as interações verbais, como é o caso das relações intertextuais. Sabemos, com Bakhtin (2011, p. 311), que “[...] a reprodução do texto pelo sujeito (a retomada dele, a repetição da leitura, uma nova execução, uma citação) é um acontecimento novo e singular na vida do texto, o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva”. Aceitando a ideia segundo a qual a citação dá vida nova ao texto, propomos avançar os estudos sobre o potencial da intertextualidade quando expressa na forma de discurso direto, discurso indireto, modalização em discurso segundo e ilha textual. (MAINGUENEAU, 2011). Com efeito, a citação também fomenta influência ou crédito, em graus diferentes, a depender da representação da identidade pessoal ou social atribuída pelo jornalista à fonte selecionada para falar. Essa singularidade dos DCM nos leva a complementar a pesquisa com a apresentação da identidade² dos atores escolhidos pelos jornalistas divulgadores. (CHARAUDEAU, 2013).

¹ Não fazemos aqui distinção entre *discurso citado* (MAINGUENEAU, 2011), *discurso relatado* (CHARAUDEAU, 2013; MAINGUENEAU, 2011), *discurso alheio* (BAKHTIN, 2016) e *representação de um discurso-outro* (AUTHIER-REVUZ, 2004).

² Para Charaudeau, “a *denominação* [...] consiste em designar o locutor de origem por um nome que o identifique do ponto de vista de seu patronímico, de seu título, de sua função ou de uma forma coletiva, quando o indivíduo não é identificável. O problema que se coloca aqui, para o consumidor de informação, é saber o crédito que pode dar a uma informação cujo locutor de origem é designado de maneira coletiva, anônima ou vaga: ‘fontes próximas ao presidente dizem que [...]’; ‘de porta-vozes autorizados sabemos que... [...]’”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 170).

Convém retomar que o DCM se sustenta em características ao mesmo tempo didáticas, pois é explicativo; científicas, pois mantém laços com o discurso científico; e midiáticas, já que constrói suas próprias estratégias de captação do leitor – três discursos que conduzem o DCM a uma análise estribada nas condições situacionais de sua produção. (CHARAUDEAU, 2016). Contudo, são estratégias não satisfatoriamente exploradas na educação escolar³, em que praticamente não há um letramento voltado para a reflexão sobre a relação entre a voz do outro e as instâncias de produção e recepção do discurso midiático.

A Revista Galileu *online* é uma instância midiática que destaca a incorporação de outras vozes na voz autoral (o que não lhe é uma exclusividade), procedimento que, ao passar pelas estratégias de construção da realidade (CHARAUDEAU, 2016, p. 552; 2013, p. 151), implica os sujeitos e as competências envolvidas na situação de comunicação⁴, categorias que estão no centro do debate sobre a construção de sentidos no universo midiático, conforme diz Charaudeau (2001, p. 4, tradução nossa):

[...] não existe ato de comunicação em si, ou seja, que poderia significar pelo simples fato de se produzir uma declaração ou um texto. Para que tenha sentido, é necessário que o que foi dito esteja vinculado ao conjunto de condições dentro das quais foi dito. Isto é o que frequentemente, em análise do discurso, tem sido chamado de condições de produção.⁵

Assim, focados nas condições de produção, o que nos interessa nesta tese é entender, no que toca aos DCM, com que intenção os jornalistas divulgadores usam discursos citados em forma de títulos; por que os divulgadores recorrem insistentemente a discursos citados na construção dos DCM; que efeitos de sentido pode produzir a insistente recorrência a discursos citados na construção dos DCM; o que restaria de informação científica em uma notícia, uma vez que ela passou por um processo de construção midiática. Foram essas inquietações que nos motivaram a assumir o tema e, conseqüentemente, deram origem ao problema central da nossa pesquisa.

³ Não se trata aqui de construir uma proposta pedagógica. No máximo pretendemos construir “inspirações” que possam ser materializadas no uso escolar.

⁴ Trata-se das competências situacional, discursiva e semiolinguística do contrato de comunicação da semiolinguística. (CHARAUDEAU, 2001).

⁵ “[...] no existe acto de comunicación en sí, vale decir que pudiera significar por el solo hecho de producir un enunciado o un texto. Para que haya sentido, es preciso que lo dicho esté vinculado con el conjunto de las condiciones dentro de las cuales lo dicho está dicho. Esto es lo que, a menudo, en análisis del discurso, se ha denominado las condiciones de producción”. (CHARAUDEAU, 2001, p. 4).

Ancorados na finalidade da comunicação midiática, comunicamos que o problema da pesquisa é a relação da intertextualidade com as visadas de informação e captação do contrato de comunicação midiático em notícias de divulgação científica publicadas na aba “ciência” da Revista Galileu *online*.

Acrescentamos que esse recorte se insere no campo mais vasto da Linguística Aplicada (LA), teoria voltada para as práticas sociais com a linguagem.

A propósito, segundo Fabrício (2006, p. 48), “[...] a tendência de muitos estudos contemporâneos em LA é focalizar a linguagem como prática social e observá-la em uso, imbricada em ampla amalgamação de fatores contextuais”. Logo, sendo a linguagem a base construtora do indivíduo em seu espaço social, um dos problemas de que deve cuidar a LA é a prática de um letramento aberto à leitura focada na construção de efeitos de sentido pelos leitores da DCM, enfatizando a intertextualidade na forma do discurso citado. Nesse contexto, a relação entre leitor e discurso deverá ser tratada como relação de poder⁶, pois o leitor está desafiando não códigos, mas estratégias discursivas construídas para convencê-lo a aceitar a proposta a ele dirigida. Este trabalho comunga com a LA porque objetiva interferir na prática de compreensão⁷ da informação midiática da ciência, o que lhe dá uma feição pedagógica.

Já que nos interessamos pela língua em uso, na linha de problematização da LA, assumimos o dialogismo bakhtiniano em nossa investigação. (BAKHTIN, 2011, 2018). Referindo-se à ciência do espírito, esse teórico diz que “O espírito (o meu e o do outro) não pode ser dado como coisa (objeto imediato das ciências naturais), mas apenas como expressão semiótica, na realização em textos tanto para mim quanto para o outro”. (BAKHTIN, 2011, p. 310). Por assim dizer, nós somos seres semióticos, passamos a existir (como seres políticos, históricos e socioculturais) a partir das relações dialógicas construtoras de sentidos. Dessa entidade criadora, quer dizer, dessa criatividade com a linguagem (o espírito) resulta que a interação verbal não é algo inerte, sem vida; é no calor das relações sociais que se constroem os sentidos (expressão semiótica). Na

⁶ Penso, neste momento, nas palavras do linguista Gnerre (2009, p. 5): “A linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma função central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem ‘ouvidas’, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico (Bourdieu, 1997)”.

⁷ Não é nosso propósito fazer a distinção entre os conceitos de “compreensão” e “interpretação” apontada inclusive por Charaudeau (2001) em *Compreensão e interpretação. Interrogações em torno de dois modos de apreensão dos sentidos nas ciências da linguagem*.

verdade, para Bakhtin, o texto é enunciado⁸, razão pela qual é produzido para que os sujeitos, usando de suas atividades verbais, alcancem um fim social desejado dentro de suas práticas socioculturais. (KOCH, 2016).

É na relação com a alteridade (BAKHTIN, 2011) (algo como a presença do *eu* no *outro* e do *outro* em *mim*, em diálogo constante e inacabado) que a comunicação se concretiza, como ocorre no DCM, que, na condição de enunciado, serve-se dos mais variados recursos de construção de sentidos (supostamente) necessários para alcançar o público-alvo, como atesta a pluralidade de vozes dialogando no texto. Por outros termos, dentre esses recursos dialógicos está a intertextualidade, que num sentido *stricto sensu* “[...] ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva [...] dos interlocutores”. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 17), conceito atualizado pelas autoras, que o tornaram operacional com vários gêneros, gesto que amplia o valor da intertextualidade como dinâmica discursiva da leitura.

Conforme anotamos, a pesquisa está voltada para a divulgação científica no domínio midiático; neste sentido, referindo-se a uma propriedade básica do discurso das mídias (a construção da realidade), esclarece o linguista Charaudeau (2016, p. 554, grifo nosso):

[...] passando pelas mídias de informação, o discurso de divulgação não é tradução de um discurso científico de origem escrito por autores especialistas de uma disciplina que se dirigem a seus pares, mas um *discurso construído por um órgão midiático em função da finalidade de seu contrato de comunicação*.

Essa condição de discurso construído implica a dupla visada de informação e captação, que são aqui referenciadas para marcar sua relação com a intertextualidade, mas desenvolvidas em “Divulgação científica e divulgação científica midiática” (capítulo 2). Conforme o demonstramos, elevamos a intertextualidade ao estatuto de elemento relevante como marca da ciência no DCM. Assim sendo, adiantamos que a construção do DCM não nega o discurso científico. Devido à necessidade de recontextualização desse discurso, o processo de construção submete-o a uma encenação discursiva, o que

⁸ Segundo Volóchinov (2017, p. 357), “Enunciado – é um elo na cadeia da comunicação discursiva e um elemento indissociável das diversas esferas ideológicas (literária, científica, etc.). O enunciado sempre responde a algo e orienta-se para uma resposta.”

lhe dá um aspecto de espetacularização, procedimento estimulado pela necessidade de sobrevivência econômica e de motivação do leitor. (CHARAUDEAU, 2016). Com efeito, as citações no DCM continuam a afiançar a credibilidade⁹ construída no discurso científico, citações das quais lança mão o locutor para legitimar-se¹⁰, isto é, investir-se de autoridade para conquistar o respeito do seu interlocutor. Daí a nossa proposta incluir a dupla visada de informação e captação da divulgação científica midiática vinculada à intertextualidade.

Após situar a ambição do estudo, retomamos nosso problema de pesquisa, desdobrado e na forma interrogativa:

- a) a intertextualidade nas notícias do *corpus* marca, de forma relevante, a presença do discurso científico na divulgação científica midiática?
- b) em que medida a intertextualidade serve às visadas de informação e captação do discurso de midiatização da ciência?

Na busca de respostas, esperamos mostrar o papel da intertextualidade no *corpus*, mais especificamente, em que medida as citações se relacionam com a voz da ciência no contrato de comunicação midiático. Essas questões estão assim demonstradas em nossa hipótese: a recorrência ao recurso da intertextualidade nas notícias da Galileu *online*, aba “ciência”, é uma estratégia relevante para inscrever a ciência nessa revista, cumprindo a dupla finalidade do domínio midiático: informar e captar o leitor.

Para Volóchinov (2017, p. 254-255), “Entre o discurso alheio e o contexto da sua transmissão existem relações complexas, tensas e dinâmicas, sem as quais é impossível compreender a forma de transmissão do discurso alheio”. Para compreender essas “relações”, cujas características responsivas refletem a própria tensão social, elegemos a Revista Galileu *online*. Esta revista, que já se chamou Globo

⁹ “Para Charaudeau, a **credibilidade** é um fato de estratégia de discurso que, à semelhança das estratégias de *legitimação* e de *captação*, consiste, para o sujeito falante, em ‘determinar uma posição de verdade, de maneira que ele possa [...] ser levado a sério [...]’”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 143, grifo do autor).

¹⁰ Segundo Charaudeau, “*Em Análise do discurso*, a noção de legitimação pode ser utilizada para significar que o sujeito falante entra em um processo de discurso, que deve conduzir a que reconheça que tem direito à palavra e legitimidade para dizer o que diz” [...]. “Para Charaudeau, a *legitimação* é, com a *credibilidade* e a *captação*, um dos três espaços das estratégias de discurso. As estratégias de *legitimação* visam a determinar a posição de autoridade que permite ao sujeito tomar a palavra”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 295).

Ciência, é uma publicação mensal de circulação nacional do Grupo Globo e entrou no mercado editorial produzindo informação sobre política, tecnologia, cultura e sociedade em 1991. Destinada especialmente um público jovem, a revista conta com uma tiragem de 108.912 exemplares e circulação em torno de 88.494 assinantes, desempenho que vem garantindo prestígio nacional e internacional à revista (REDAÇÃO..., 2019), razão pela qual constitui o nosso *corpus* na versão *online*. (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS DE COMUNICAÇÃO SEGMENTADA (ANATEC, [2019?]).

Em uma sondagem que fizemos no banco de teses, dissertações e artigos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹¹, até 30 de março de 2018, não encontramos nenhum trabalho que pudéssemos enquadrar no perfil desta pesquisa, que vincula intertextualidade às visadas de informação e captação do DCM, o que nos motiva a preencher uma lacuna nesse campo de estudo. Na condição de estudo entabulado na relação da Linguística Textual com a Análise Semiolinguística do Discurso, exploramos a língua em uso, permitindo ao cidadão ingressar no mundo científico construído pelas mídias.

Em razão disso (a língua em uso), o estudo apoia-se em raízes bakhtinianas, por conseguinte, a intertextualidade recebe uma avaliação alinhada com as “condições da vida autêntica da palavra”. (BAKHTIN, 2018, p. 211). Somente neste escopo, o diálogo entre os textos revela os sentidos sociais da palavra. Não se trata apenas de engastar um texto noutro texto. É preciso avaliar a potência da palavra “[...] como signo da posição semântica de um outro, como representante do enunciado de um outro, ou seja, se ouvimos nela a voz do outro”. (BAKHTIN, 2018, p. 210). Essa discussão se articula com o contrato de midiaticização da ciência, situação em que “[...] a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo”.

¹¹ Falando sobre os passos de uma revisão da literatura, diz Creswell (2010, p. 74): “Quando realizar uma revisão da literatura, identifique palavras-chave para a busca na literatura. Depois faça sua busca nos bancos de dados *on-line* [...]. Em seguida, localize artigos e livros tendo como prioridade de buscar primeiro por artigos de periódicos e depois por livros. Identifique referências que darão uma contribuição a sua revisão da literatura”. Assim, em uma busca por “assunto”, localizamos artigos, teses e livros nos orientando por palavras-chave como “intertextualidade”; “intertextualidade/divulgação científica”; “discurso relatado/divulgação científica”; “intertextualidade/informação/captação”; “discurso relatado/informação/captação”, ou em forma de expressões (“intertextualidade e divulgação científica”; “discurso relatado e divulgação científica”; “intertextualidade, informação e captação”; “discurso relatado e a relação com informação e captação”).

(CHARAUDEAU, 2013, p. 151); noutros termos, ouvimos os discursos alheios já filtrados pelos olhos da mídia.

A relação entre as questões de pesquisa e a hipótese nos permite anunciar nosso objetivo geral: analisar a ocorrência da intertextualidade e sua relação com as visadas de informação e captação do contrato de midiatização da ciência em notícias de divulgação científica publicadas na aba “ciência” da Revista Galileu *online*. A esse objetivo, somam-se os seguintes objetivos secundários:

- a) identificar as marcas recorrentes da intertextualidade explícita (citação direta, indireta, ilha textual e modalização em discurso segundo) no *corpus*;
- b) mostrar as relações das ocorrências de intertextualidade com as visadas de informação e captação do discurso de midiatização da ciência;
- c) analisar os tipos de apresentação dos atores citados pelo divulgador, relacionando-os com o papel da intertextualidade no *corpus*.

A tese defendida é a de que a intertextualidade explícita na forma de citação, nas notícias da Galileu *online*, passa por um processo de encenação discursiva de modo que a finalidade de informar os conhecimentos científicos apresenta-se de forma dramática. Esse procedimento, típico de órgãos midiáticos que, na obrigação de informar precisam cativar o leitor, é a base de uma situação de discurso de midiatização da ciência: a dupla visada de informação e de captação do discurso midiático.

Objetivando esclarecer a relação da intertextualidade explícita com essas visadas, esta tese orienta-se segundo a Linguística Textual de abordagem interacionista. (KOCH, 2009, 2015, 2016). Por essa perspectiva, os sujeitos estão sempre em interação social, em ação constante, e o texto é o lugar da interação onde locutor e interlocutor constroem sentidos possíveis¹². A interação se concretiza no momento em que os leitores, munidos de seus conhecimentos de mundo e intenções, agem sobre o texto, isto é, dialogam com as vozes que ali falam, também munidas de suas experiências de mundo e intenções, o que permite uma troca de experiência

¹² Referindo-se à oposição “efeito pretendido/efeito produzido”, Charaudeau considera que há “[...] por um lado, os efeitos que o sujeito comunicante pretende e busca produzir junto ao sujeito destinatário por ele suposto e construído de modo ideal – os chamados **efeitos pretendidos** – e, por outro, aqueles que o sujeito interpretante reconhece *efetivamente*, construindo-os e reconstruindo-os a seu modo – os chamados **efeitos produzidos** [...]”. Os efeitos produzidos não coincidem necessariamente, portanto, com os efeitos pretendidos”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 180, grifo do autor).

entre texto e leitor. Essa teoria faz interface com a Teoria Semiolinguística do Discurso, que, a partir da noção de contrato, explica a organização do discurso tomando como referência o ato de comunicação, cujo centro é ocupado pelo locutor, que, ao falar ou escrever, se dirige a outro parceiro, o interlocutor. Compõem esse ato os conceitos de situação de comunicação, modos de organização do discurso, língua e texto. (CHARAUDEAU, 2008, p. 68).

Diante disso, esclarecemos que adotamos a metodologia de métodos mistos para um *corpus* geral de 20 textos constituído em 2016, extraídos da Revista Galileu online, tomando como parâmetro a temática astronomia, pesquisa, saúde e meio ambiente. Quanto aos procedimentos, analisamos a intertextualidade na forma de citação (discurso direto, discurso indireto, modalização em discurso segundo e ilha textual), no quadro das noções de Situação Geral de Comunicação e Situação Específica de Comunicação, focando a intertextualidade na sua relação com as visadas de informação e captação do DCM, segundo a lógica dos discursos científico, didático e midiático.

Esta tese está organizada da seguinte forma: no capítulo *1 Introdução*; o capítulo *2 Divulgação científica e divulgação científica midiática*, onde refletimos sobre a distinção entre uma e outra percepção; *3 Fundamentos teóricos para o estudo da intertextualidade e sua relação com dupla a visada de informação e captação do discurso midiático* contempla: *3.1 O contrato de comunicação e as condições de situação do discurso científico midiático*, desdobrado em *3.1.1 O discurso científico midiático: as condições de situação de comunicação*, em que discorremos sobre o conceito de contrato da Semiolinguística e sobre as situações concretas de produção da divulgação científica midiática, e *3.1.2 Discurso de midiatização da ciência: as restrições discursivas*, onde abordamos as restrições de visibilidade, legibilidade, seriedade e emocionalidade; *3.2 A intertextualidade*, que contempla *3.2.1 Bakhtin: palavra, dialogismo e discurso alheio*, e *3.2.2 Textualidade: a interação autor, texto, leitor*, momentos em que refletimos acerca do dialogismo bakhtiniano e da textualidade não como mera estrutura da organização textual, mas como “[...] unidade significativa global” do texto (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 28); *3.3 Intertextualidade e construção de sentidos*, espaço no qual apresentamos o conceito de intertextualidade segundo Roland Barthes, Beaugrande e Dressler, Koch, Bentes e Cavalcante; *3.4 Maingueneau: o discurso relatado*, aqui tratamos das categorias discursivas (tipos de citação) escolhidas para a pesquisa, e a distinção entre polifonia

e intertextualidade; *4 Metodologia*, espaço em que explicamos a construção do *corpus* e os procedimentos de análise; *5 Análise do corpus*; neste capítulo mostramos nossa prática de análise, que contempla os seguintes conteúdos: as visadas de informação e captação, a construção da credibilidade e da legitimação do sujeito falante, as estratégias dos discursos citados (autenticidade, distanciamento...), a seleção dos atores (o valor do dito), a identidade do locutor de origem, a negociação entre locutor e leitor de divulgação midiática; *6 Discussão dos resultados*, espaço em que refletimos sobre as semelhanças e diferenças entre as notícias analisadas no que tange às visadas de informação e captação do discurso midiático; *7 Conclusão*, em que apresentamos o que foi alcançado com a análise e algumas considerações sobre possíveis contribuições pedagógicas que a pesquisa possa trazer sobre a intertextualidade interpretada no contexto do contrato de mediação da ciência.

2 DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA MIDIÁTICA

Neste espaço, tratamos da Divulgação Científica (DC) e da Divulgação Científica Midiática (DCM). Inicialmente, trazemos um ponto de vista (SNOW, 2015) que não discorre diretamente acerca de DC, mas reflete sobre a cultura da divisão, do afastamento entre a ciência e outros campos, não científicos, atitude que atinge a atividade de divulgação científica, tanto é que esta tem sido acusada de deformação do conhecimento científico. (CHARAUDEAU, 2016). Na sequência, esclarecemos o assunto tratando da divulgação científica sob o ponto de vista da cultura científica (VOGT, 2003), da formulação do discurso (ZAMBONI, 2001) e da encenação midiática (CHARAUDEAU, 2016).

Historicamente, ciência e arte são dois ramos do conhecimento considerados divergentes, por isso abrimos este capítulo trazendo Snow (2015) à discussão, um dos mais animados críticos do distanciamento entre a cultura científica e a cultura não científica. Trata-se de uma ação que visa a encher o vácuo que aparta as duas culturas, o que é visível nas palavras desse cientista: “Então parece não haver lugar onde as culturas se encontrem”. (SNOW, 2015, p. 14).

O físico e romancista inglês, Snow (1905-1980), em uma palestra denominada por ele de *Duas culturas*¹³ realizada na Universidade de Cambridge, Reino Unido, em 1959, defendeu a tese de que havia uma contraposição entre os saberes das ciências e os saberes das disciplinas humanísticas. Intelectual a um só tempo das ciências e das letras, Snow mostrou-se convicto de que “Ela [a ciência] deve ser assimilada juntamente com o conjunto da nossa experiência mental, e como parte integrante dela, e ser utilizada tão naturalmente quanto o resto”. (SNOW, 2015). Noutros termos, a ciência seria mais bem assimilada pela sociedade caso renunciasse à separação a que se tem entregue e se aproximasse da “experiência mental”, como é a arte e outras culturas humanísticas. Do contrário, a divisão cultural se encarrega de selar não só a vaidade entre cientistas e não-cientistas, cada qual valorizando soberbamente o seu reduto, mas também a separação política, a separação econômica e outras tantas separações sociais. E aponta duas razões fundantes dessa discórdia, das quais também somos coniventes:

¹³ Há uma tradução brasileira com o título *As duas culturas e uma segunda leitura*, com tradução de Geraldo Gerson de Sousa e Renato de Azevedo Rezende Neto (EDUSP, 1915).

Uma é a *nossa crença fanática na educação especializada*, que está enraizada em nós¹⁴ muito mais profundamente do que em qualquer outro país do mundo ocidental ou oriental. A outra é a *nossa tendência a deixar que as nossas formas sociais se cristalizem*. Essa tendência parece fortalecer-se cada vez mais, e não enfraquecer, quanto mais aplainamos as desigualdades econômicas. Isso é especialmente verdadeiro no tocante à educação. Significa que, uma vez estabelecida uma divisão social, todas as forças sociais atuam não para lhe diminuir a rigidez, mas para consolidá-la cada vez mais. (SNOW, 2015, p. 14, grifo nosso).

Numa investida política, Snow (2015) acusa a sociedade não só de enaltecimento da educação científica mas também de passividade diante das outras atividades sociais, que por inércia nossa não avançam, afrouxando o espaço para a consolidação do fanatismo científico, o que pode resultar em divisões sociais cada vez mais acentuadas.

Ao lado de culturas dicotômicas, como as denunciadas por Snow (2015), avultam culturas positivistas, para as quais ciência e arte seriam duas atividades inconciliáveis; a primeira por visar à verdade absoluta do conhecimento científico, a segunda, por visar à reconstrução da realidade pela imaginação.

Com projeto desenvolvido no âmbito dos discursos científico e não científico, no Brasil, o linguista Vogt (2003) entende que a divulgação científica pode aproximar ciência e arte. Segundo ele, a cultura humana vem aceitando cada vez mais a presença do ser humano nas ações que resultam em descobertas, o que quer dizer que a ação humana tende a deixar sua marca naquilo que faz. (VOGT, 2003). Por consequência, a criatividade não estaria tão distante das dedicações científicas, o que motivou Vogt a propor a expressão “cultura científica” para aproximar a ciência de outras atividades, inclusive a arte.

Segundo Vogt (2003, p. 2), o termo “cultura científica” contempla em seu significado

[...] a ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, quer seja ele considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, ou ainda do ponto de vista de sua divulgação na sociedade, como um todo, para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais, de seu tempo e de sua história.

O entendimento de que o progresso científico é um “processo cultural” nos permite deduzir que não há neutralidade nos procedimentos da ciência. Se o ser

¹⁴ O autor se refere aos ingleses.

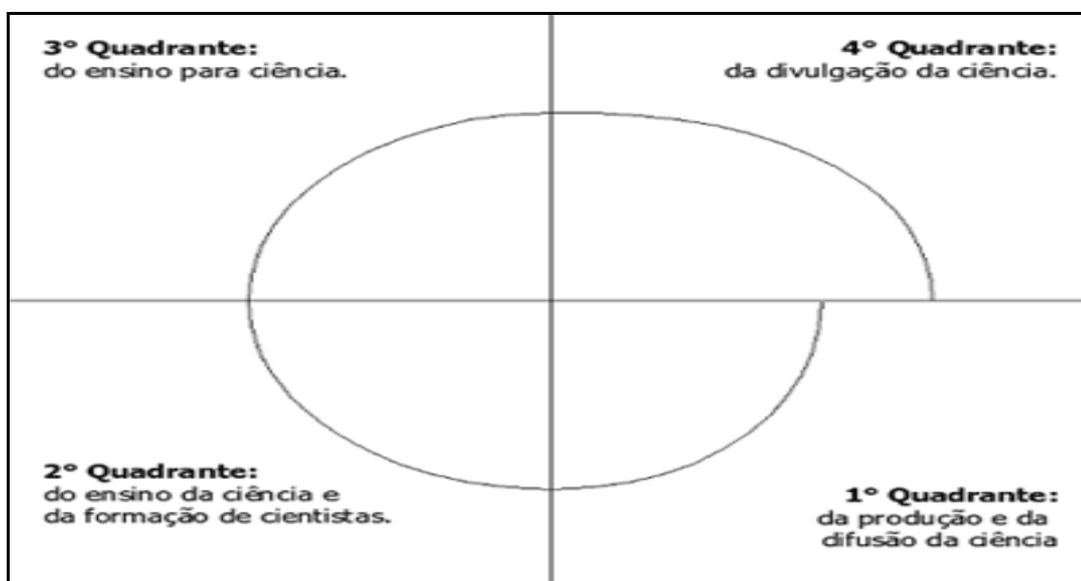
humano não é neutro, a ciência jamais o será. Assim, o fazer científico jamais se livraria de alguma imaginação. Por este ponto de vista, as duas áreas se tocam num ponto sensível. Para Vogt (2003, p. 2),

Trata-se da finalidade compartilhada por ambas, que é a da criação e da geração de conhecimento, através da formulação de conceitos abstratos e ao mesmo tempo, por paradoxal que pareça, tangíveis e concretos. No caso da ciência essa tangibilidade e concretude se dá pela demonstração lógica e pela experiência; no caso da arte, pela sensibilização do conceito em metáfora e pela vivência.

Por esse ângulo, servindo-se da metáfora e da experiência (não científica), a arte torna acessíveis à sociedade tanto os conceitos quanto os conhecimentos científicos gerais, estes movidos pela objetividade da lógica e do experimento.

Vogt propõe visualizar em um gráfico toda a dinâmica do conhecimento científico (da sua produção à recepção) para mostrar que a separação absoluta entre fazer científico e fazer artístico (e outras culturas) não se concretiza. Trata-se da espiral da cultura científica, como mostra a figura 1.

Figura 1 - Espiral da cultura científica



Fonte: Vogt (2003).

Como explica o próprio Vogt (2003), o caminho percorrido pelo conhecimento científico é simbolizado pela espiral da seguinte forma: o primeiro quadrante (da produção e da difusão da ciência), representa a produção científica e sua difusão entre os pares (neste quadrante, destinadores e destinatários coincidem, são os próprios

cientistas); deste ponto, a espiral encaminha para o segundo quadrante, que trata do ensino da ciência e da formação de cientistas (neste ponto da espiral, os destinadores são cientistas e professores e os destinatários, os estudantes); o terceiro quadrante representa as ações vinculadas ao ensino para a ciência (os destinadores são cientistas, professores, diretores de museus, animadores culturais da ciência; e destinatários, os estudantes e, mais especificamente, o público jovem); o quarto quadrante enquadra as atividades relativas à divulgação científica (são destinadores jornalistas e cientistas e destinatário a sociedade em geral, em especial o cidadão comum, foco desse intercâmbio cultural).

Registre-se ainda esta passagem, em que Vogt (2003) esclarece a dinamicidade da cultura científica:

Importa observar que nessa forma de representação, a *espiral da cultura científica*, ao cumprir o ciclo de sua evolução, retornando ao eixo de partida, não regressa, contudo, ao mesmo ponto de início, mas a um ponto alargado de conhecimento e de participação da cidadania no processo dinâmico da ciência e de suas relações com a sociedade, abrindo-se com a sua chegada ao ponto de partida, em não havendo descontinuidade no processo, um novo ciclo de enriquecimento e de participação ativa dos atores em cada um dos momentos de sua evolução. (VOGT, 2003, p. 6, grifo do autor).

A espiral da cultura é um processo em que o ponto de partida não corresponde ao ponto de chegada, pois não significa uma completude do ciclo, uma vez que o que está em jogo é a evolução do conhecimento. Isso significa que a difusão da ciência não pode se esgotar, ela evolui porque a ciência é objeto da cultura em geral, é objeto dos debates sociais. Cabe observar que o autor reconhece o assunto como digno de “participação da cidadania no processo dinâmico da ciência e de suas relações com a sociedade”. (VOGT, 2003, p. 6).

Neste ponto, vemos estreita relação com o pensamento de Charaudeau (2016) ao tratar da divulgação científica nas mídias, pois este também se refere à participação da cidadania no fazer científico num “debate social de ordem ética”. Diz este semiolinguista:

Enquanto discurso que responde ao dever de fazer conhecer o resultado de pesquisas científicas permitindo o debate social de ordem ética, os discursos de divulgação e de midiaticização participam de uma preocupação democrática. (CHARAUDEAU, 2016, p. 554).

Se se pode colocar a questão em termos de importância social, Vogt e Charaudeau falam da produção científica e sua divulgação a partir de uma prática

democrática que vincula a sociedade aos conhecimentos produzidos pela ciência. Charaudeau, associando o discurso de divulgação científica à situação de comunicação midiática, Vogt associando a produção científica à cultura científica, o que permite um processo de apropriação semelhante à conquista de qualquer outra cultura, como a ficção e a poesia.

Noutro polo, o dos gêneros discursivos, a partir do dialogismo de Bakhtin e especificamente da concepção de gênero desse teórico, Zamboni (2001) disserta sobre o assunto a partir da visão segundo a qual a divulgação científica nasce de um processo de formulação discursiva. Com esse ponto de vista, a autora procura afastar-se da concepção de divulgação científica como reformulação (Authier-Revuz, 1999) e elevá-la ao *status* de gênero autônomo.

Segundo Zamboni (2001, p. xvii-xviii, grifo do autor):

Vejo na divulgação muito mais o trabalho de *formulação de um novo discurso*, que se articula, sim, com o campo científico – e o faz sob variadas formas – mas que não emerge dessa interferência como o produto de uma mera reformulação de linguagem¹⁵. Muito menos corporificando a imagem de um discurso da ciência ‘degradado’, que celebraria, de seu lugar vulgarizado, o discurso absoluto da ciência.

Ancorada nesse princípio, Zamboni (2001) especifica a atividade de divulgação científica como atividade de difusão:

A divulgação científica é entendida, de modo genérico, como uma atividade de difusão, dirigida para fora do seu contexto originário, de conhecimentos científicos produzidos e circulantes no interior de uma comunidade de limites restritos, mobilizando diferentes recursos, técnicas e processos para a veiculação das informações científicas e tecnológicas ao público em geral. (ZAMBONI, 2001, p. 45-46).

Nesta citação, Zamboni (2001) aponta o “roteiro” formal da formulação da divulgação científica, o qual perfaz um “caminho” que vai da origem, o discurso científico, passa pelos recursos textual-discursivos aplicados na formulação da divulgação científica até uma avaliação do público receptor das informações em busca de uma linguagem adequada. Por esse ponto de vista, que é veicular informações científicas e tecnológicas ao público em geral, a autora procura definir um dos papéis centrais dessa atividade – partilhar o conhecimento científico entre aqueles que sempre estiveram à margem das descobertas científicas, o homem comum:

¹⁵ Zamboni refere-se ao conceito de *reformulação* de Authier-Revuz (1999).

[...] a tarefa maior de exercer a partilha social do saber, levando ao homem comum o conhecimento do qual ele historicamente foi apartado e do qual foi-se mantendo cada vez mais distanciado, à medida que as ciências se desenvolviam e mais se especializavam. (ZAMBONI, 2001, p. 49).

A título de ilustração, sintetizamos a proposta segundo a qual a divulgação científica é “formulação de um novo discurso” com exemplos pontuais da própria autora para mostrar como a linguagem hermética do discurso científico chega aos leitores.

A expressão “O inimigo à flor da pele” (ZAMBONI, 2001, p. 102) traz um trocadilho com “paixão à flor da pele”; apelo a nomes famosos como o romancista Marcel Proust (“O escritor francês Marcel Proust tinha [alergia]”) (ZAMBONI, 2001, p. 103), buscando confortar o leitor que padece do mesmo mal; a presença constante de especialistas, com a intenção de garantir credibilidade à matéria (“Para eliminar as dúvidas, o alergista José Carlos Mori...”) (ZAMBONI, 2001, p. 104); minirresenhas, pequenos textos “desgarrados” do corpo do texto, tendo em mente agarrar o leitor (“Especialistas da Unicamp preparam a última palavra em vacina para alérgicos”) (ZAMBONI, 2001, p. 108) etc. São marcas que permitem a produção de um discurso adequado, que dão acesso às informações supostamente esperadas pelo destinatário.

Quanto à divulgação científica construída pelos órgãos midiáticos, registramos que ao elevar a divulgação científica à categoria de ruptura em relação ao discurso científico, assim se posiciona Charaudeau:

Tudo isso nos leva a afirmar que, passando pelas mídias de informação, o discurso de divulgação não é tradução de um discurso científico de origem escrito por autores especialistas de uma disciplina que se dirigem a seus pares, mas *um discurso construído por um órgão midiático* em função da finalidade de seu contrato de comunicação. (CHARAUDEAU, 2016, p. 554, grifo nosso).

Uma vez que apresentamos alguns conceitos sobre a divulgação científica, deixando claro que seguimos o ponto de vista do contrato de midiatização da ciência (CHARAUDEAU, 2016), no próximo capítulo exploramos o conceito de contrato em geral e contrato de midiatização da ciência em particular.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA O ESTUDO DA INTERTEXTUALIDADE E SUA RELAÇÃO COM A DUPLA VISADA DE INFORMAÇÃO E CAPTAÇÃO DO DISCURSO MIDIÁTICO

Iniciamos este capítulo expondo algumas reflexões sobre o contrato de comunicação e as condições de situação do discurso científico midiático da Teoria Semiolinguística do Discurso. (CHARAUDEAU, 2008, 2013, 2016).

3.1 O Contrato de Comunicação e as Condições de Situação do Discurso Científico Midiático

Alinhados com os princípios teóricos em que nos apoiamos para levar a efeito a pesquisa, neste capítulo trazemos orientações gerais sobre o contrato de comunicação da Teoria Semiolinguística do Discurso e, especificamente, sobre o contrato de mediação da ciência (CHARAUDEAU, 2010, 2013, 2016), aportes teóricos imprescindíveis a análises de notícias de divulgação construídas pelas mídias.

Justificando o alicerce da Teoria Semiolinguística do Discurso, Charaudeau aponta uma característica fundamental da construção do discurso, as condições específicas de situação que lhe dão vida.

Segundo Charaudeau (2013, p. 67),

Todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge. A situação de comunicação constitui assim o quadro de referência ao qual se reportam os indivíduos de uma comunidade social quando iniciam uma comunicação. Como poderiam trocar palavras, influenciar-se, agredir-se, seduzir-se, se não existisse um quadro de referência? Como atribuiriam valor a seus atos de linguagem, como construiriam sentido, se não existisse um lugar ao qual referir as falas que emitem, um lugar cujos dados permitissem avaliar o teor de cada fala?

As condições de troca linguageira é que tornam reais as intenções que animam os falantes a construir a comunicação, pois é nelas que põem em ação os atributos da dialogia de que fala Bakhtin (2018); é nelas que os falantes discursivamente se constroem. É na situação que programamos o ato de linguagem e aí entram ações bastante específicas, como avaliar o interlocutor tendo em mira suas condições pragmáticas de abrir um diálogo¹⁶ com o sujeito falante. A afinidade

¹⁶ Não nos referimos propriamente ao dialogismo bakhtiniano. Aqui, o *diálogo* está situado na Teoria Semiolinguística do Discurso de Charaudeau. Referindo-se à comunicação verbal (“O que é

com as restrições da situação de comunicação, de um e outro lado, é que poderá estabelecer uma real condição de sucesso no ato de comunicação.

Como esclarecemos na introdução, nosso *corpus* é de notícias publicadas na Revista Galileu *online*; por essa razão, nesta seção, explanamos a noção de contrato de comunicação midiático, no qual está inscrita a divulgação científica midiática e apresentamos o quadro das restrições discursivas que orientam linguisticamente e discursivamente os momentos de produção e recepção dos textos.

Para a Teoria Semiológica do Discurso (CHARAUDEAU, 2013), todo processo de comunicação prevê a noção de “cointencionalidade”¹⁷, que, por sua vez, implica a concepção de contrato. O contrato comunicativo é um acordo firmado entre falantes no ato comunicativo, em que indivíduos seguem restrições que visam ao sucesso do ato linguageiro. Referindo-se diretamente ao leitor de um texto, diz Charaudeau (2013, p. 68):

O mesmo acontece com todo interlocutor, ou leitor de um texto, que deve supor que aquele que se dirige a ele tem consciência dessas restrições. A situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico.

Essas trocas sociais só se realizam mediante sua submissão a alguns fatores inerentes à situação das trocas linguageiras (dados externos), juntamente com as características resultantes desses fatores (dados internos), dados que, concomitantemente, concretizam o contrato de comunicação. Os dados externos se desdobram nas categorias *condição de identidade*, *condição de finalidade*, *condição de propósito* e *condição de dispositivo*; já os dados internos referem-se ao comportamento discursivo dos falantes e são de três ordens: espaço de *locução*, espaço de *relação* e espaço de *tematização*.

Focando nos dados externos, quanto à condição de *identidade* dos sujeitos, condição que requer o mínimo de entrosamento dos indivíduos envolvidos no ato de

comunicar?”), diz esse teórico: “Representamos o **ato de comunicação** como um *dispositivo* cujo centro é ocupado pelo **sujeito falante** (o locutor, ao falar ou escrever), em relação com um outro parceiro (o interlocutor). (CHARAUDEAU, 2008, p. 67, grifo do autor).

¹⁷ Referindo-se ao lugar das restrições de construção do produto, diz Charaudeau (2013, p. 27, grifo do autor): “É esse o lugar em que todo discurso se configura em texto, segundo uma certa organização semiodiscursiva feita de combinação de formas, umas pertencentes ao sistema verbal, outras a diferentes sistemas semiológicos: icônico, gráfico, gestual. O sentido depende, pois, da estruturação particular dessas formas, cujo reconhecimento pelo receptor é necessário para que se realize efetivamente a troca comunicativa: o sentido é o resultado de uma *cointencionalidade*”.

comunicação, é imprescindível construir uma resposta para a pergunta: “Quem fala com quem?” ou “Quem se dirige a quem?”. Perguntas aparentemente ingênuas como essas encerram traços definidores no processo de comunicação: são fatores de idade, de sexo, de *status* social, de estado afetivo, de relações culturais etc., constituidores do ato de linguagem e com o qual devem ter uma relação de pertinência adequada. (CHARAUDEAU, 2013, p. 69).

A respeito mesmo da categoria *identidade*, para Charaudeau (2009, p. 1) trata-se “[...] da existência de um sujeito, o qual se constrói através de sua identidade discursiva, que, no entanto, nada seria sem uma identidade social a partir da qual se definir”. Assim, essa construção identitária do sujeito, respaldada por critérios discursivos e sociais, traz provas de que a identidade é fator interferente no ato de linguagem, já que essa formação vem de todos os lados: as experiências práticas, culturais, políticas, históricas, intelectuais, religiosas etc. que certamente intervêm nas relações com o outro.

Sabemos também que as práticas sociolinguageiras implicam determinado objetivo ou *finalidade*, condição abrigada em expectativas que permitem responder à pergunta: “Estamos aqui para dizer o quê?”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 69). Algumas finalidades são mais *prescritivas*: aquele que tem a palavra visa a convencer o outro a agir segundo seus interesses (“fazer fazer”); outras são mais *informativas*: aqui, os sujeitos objetivam informar alguma coisa (“fazer saber”); há momentos ainda em que os sujeitos procuram incitar (visada *incitativa*), tentando nos fazer acreditar em algo (“fazer crer”) ou a “fazer sentir” (visada do *páthos*), que consiste em provocar em alguém certo estado emocional agradável ou desagradável, mirando sempre um *propósito*, “[...] condição que requer que todo ato de comunicação se construa em torno de um domínio de saber, uma maneira de recortar o mundo em ‘universos de discursos tematizados’” (CHARAUDEAU, 2013, p. 69), definindo-se através da resposta à pergunta: “Do que se trata?”, em conformidade com as circunstâncias da construção do ato comunicativo, a categoria *dispositivo*, condição que permite resposta a estas perguntas: “Em que ambiente se inscreve o ato de comunicação?”, “Que lugares físicos são ocupados pelos parceiros?”, “Que canal de transmissão é utilizado?”.

O ato de comunicação também se apoia em dados internos ao processo comunicativo, ou seja, é uma condição que permite resposta à pergunta: “Como dizer?”. Na troca linguageira, os parceiros escolhem “[...] suas maneiras de falar, os papéis linguageiros que devem assumir, as formas verbais (ou icônicas) que devem empregar, em função das instruções contidas nas restrições situacionais”.

(CHARAUDEAU, 2013, p. 70). São as restrições discursivas inerentes a todo ato de linguagem e se concretizam em três espaços de comportamentos linguageiros. (CHARAUDEAU, 2013, p. 70-71). Pela espaço de *locução*, o falante tem a posse da fala, sabe o que vai falar; pelo espaço de *relação*, os falantes criam condições que podem resultar em manifesto de exclusão ou de inclusão, de agressão ou de convivência com o interlocutor; pelo espaço de *tematização*, os sujeitos dão curso ao tema ou temas de interesse, sejam eles predeterminados ou definidos no momento da troca, ocasião em que o sujeito falante se posiciona diante do discurso, aceitando, rejeitando, propondo um outro, mediante um *modo de intervenção* (diretivo, de retomada, de continuidade) e de acordo com um *modo de organização discursivo* adequado para o tema e para a situação (descritivo, narrativo, argumentativo).

Após essa exposição sobre o contrato de comunicação da Teoria Semiollingüística do Discurso, para seguirmos com as contribuições de Charaudeau, a seguir apresentamos as características do discurso de mediatização da ciência (CHARAUDEAU, 2016, 2013), uma das propostas mais fecundas desse linguista para o entendimento da divulgação científica como uma construção das mídias.

3.1.1 O Discurso Científico Midiático: as condições de situação de comunicação

Sabemos com Charaudeau (2010) que o ato de linguagem é sempre produzido de forma sistemática e não de forma aleatória, por isso a presença necessária de restrições que orientem as condições de produção e de recepção- interpretação as quais são responsáveis pela produção de sentido dos enunciados. As restrições funcionam como instruções discursivas que cada uma das partes deve dominar para que a comunicação planejada venha a surtir os efeitos esperados, embora nem sempre isso aconteça. Essas instruções condutoras dos protagonistas são conhecidas e postas em ação na situação de comunicação pensada para a construção de sentido a que se propõem os sujeitos. Segundo Charaudeau (2010, p. 9), a situação de comunicação é um

[...] conjunto de condições situacionais não enunciadas que determinam em parte o sentido do ato de linguagem e que fariam deste um objeto de troca contratual entre as duas partes envolvidas. A situação de comunicação constitui um lugar de restrições à produção e à interpretação de enunciados, proporcionando aos sujeitos produtor e interpretante instruções de construção/interpretação do sentido.

Na visão do teórico, determinados procedimentos externos entram em ação na “montagem” do ato de comunicação; os sujeitos falantes devem obedecer a um conjunto de restrições imprescindíveis a uma comunicação bem sucedida. Fica claro que essa parceria disposta a construir sentido vai além do que diz essa definição genérica de situação de comunicação; é preciso viabilizar os critérios aos quais se submetem os parceiros na ação linguageira. De fato, dentre esses critérios responsáveis pela base da situação de comunicação encontram-se os domínios das práticas, “[...] lugares de produção das interações sociais organizadas em setores de atividade social que se definem por um conjunto de práticas finalizadas”. (CHARAUDEAU, 2010, p. 9).

Certamente, as interações sociais, em suas atividades de troca linguageira, discutem e definem seus interesses em torno de algum campo amplo do conhecimento humano, daí o campo político, o econômico, o midiático etc., que não passam de atividades políticas, históricas e socioculturais que reúnem interesses (pessoais ou teóricos) os mais diversos. O domínio de prática é, como diz Charaudeau, (2010, p. 9). “[...] o lugar onde diferentes disciplinas podem se encontrar fazendo circular certos conceitos seus”. Ou campo da prática social onde “[...] se encontram atores sociais que se inscrevem em situações relacionais, mas sem que nem uns nem outros sejam ainda determinados”. (CHARAUDEAU, 2010, p. 9).

De fato, Charaudeau propõe duas situações bem definidas de determinação do campo das práticas visando produzir um objeto em condição de análise. Daí a necessidade da distinção entre dois níveis de situação: a *situação global de comunicação (SGC)* e *situação específica de comunicação (SEC)*. Segundo Charaudeau (2010, p. 9-10, grifo do autor),

A situação global de comunicação é um primeiro lugar de construção do domínio das práticas sociais em domínio de troca comunicacional. Encontramo-nos aqui nos campos dos fatos de comunicação. Esta situação se define conceitualmente pelo número de instâncias de comunicação presentes, o que as legitima quanto ao seu papel e estatuto, os tipos de relação que se instauram entre elas, a finalidade discursiva que ela visa alcançar e o domínio temático que a ela se filia, o todo organizado segundo um dispositivo que será ele mesmo considerado conceitual porque ele não prejudica a especificidade desses elementos.

Na situação global de comunicação, descrevem-se as instâncias de comunicação que a compõem e as restrições que a legitimam como lugar de ato de linguagem. Com isso, fazendo-se aqui um cruzamento entre a situação global de

comunicação do “político” e a situação global de comunicação das “mídias de informação”, notamos que os itens “instância midiática” e “instância cidadão/instância pública” atravessam os dois domínios. Isso explica o caráter de generalidade e a necessidade de especificação que delimite com propriedade a identidade dos parceiros e os papéis comunicacionais que vão assumir. Assim, segundo Charaudeau (2010, p. 10, grifo do autor),

A situação específica de comunicação é um segundo lugar de estruturação do domínio de prática onde são determinadas as condições físicas da situação de linguagem e, portanto, especificados os termos da situação global de comunicação.

Comparando as duas situações, um jornalista do domínio “midiático” em situação global de comunicação do “midiático”, inscreve-se em uma situação específica de comunicação midiática para produzir o discurso de midiatização de ciência, assumindo especialidade no ramo e submetendo-se à política editorial da revista (*Galileu online*), que exige um discurso simultaneamente informativo e dramatizante. Noutra ocasião, o mesmo jornalista teria que assumir procedimentos bem diferentes por exigência das condições de situação de comunicação do outro dispositivo. Como diz Charaudeau (2010, p. 10), “Se naquela [SGC] temos instâncias de comunicação definidas globalmente, aqui [SEC] temos os sujeitos participantes da troca, com uma identidade social e papéis comunicacionais bem precisos”.

Na condição de situação específica de comunicação, o DCM é um subconjunto específico do contrato de informação midiática (CHARAUDEAU, 2016). Especificando, Charaudeau (2016, p. 556, grifo nosso) afirma que

*[...] o discurso de divulgação científica não substitui o discurso fonte esotérico, nem o traduz realmente. Ele o constrói por meio da espetacularização, ele o mostra, ele o exhibe sem nunca o apagar. É essa última linha que nós seguimos, já que consideramos que o discurso de divulgação, ao passar pelas mídias, não é uma tradução do discurso científico, mas uma *construção* dependente dos procedimentos da encenação midiática.*

Alinhamo-nos com a ideia de Charaudeau (2013) segundo a qual a divulgação científica é um discurso construído, como são todas as manifestações languageiras midiáticas. Embora mantenha vínculo com o discurso científico, a construção desse discurso ocorre a partir de estratégias mais amplas, que pensam o texto inserido em três lugares na máquina midiática – o lugar das condições de produção, o lugar de

construção do produto e o lugar das condições de interpretação, articulados em benefício da construção de sentidos. (CHARAUDEAU, 2013).

À vista disso, a seguir descrevemos as restrições discursivas, uma vez estarem elas submetidas ao discurso de mediação da ciência.

3.1.2 Discurso de mediação da ciência: as restrições discursivas

Nesse processo de construção do DCM, as relações intersubjetivas implicam que se leve em conta todo o contrato de comunicação, que também põe em discussão outros procedimentos de efeitos linguísticos, discursivos, semióticos, relacionados ao (provável) sucesso no ato de recepção. Trata-se das instruções discursivas restrição de visibilidade, restrição de legibilidade, restrição de seriedade e restrição de emocionalidade. (CHARAUDEAU, 2016).

Restrição de visibilidade: orientado por essa restrição, cabe ao órgão de informação priorizar fatos científicos capazes de surpreender, de imediato, a população. Recursos como o uso da imagem e títulos dramatizantes são imprescindíveis para tornar os fatos provocantes.

Restrição de legibilidade: duas são as estratégias movimentadas para cativar o leitor e auxiliá-lo na compreensão imediata do texto: pelo critério da *simplicidade*, o texto de divulgação prioriza as construções sintáticas simples e o uso de um léxico mais acessível, em vez de termos técnicos; pelo critério da *figurabilidade*, alguns procedimentos paratextuais como textos, títulos, subtítulos, imagens, grafismos, que além de atrair o leitor tornam “legíveis” o tema explorado.

Restrição de seriedade: por essa restrição, o divulgador faz uso da encenação iconográfica: (tabelas, esquemas, figuras de resultados estatísticos (gráfico, diagrama) e de fotos infinitamente pequenas (células, átomos), ou infinitamente grandes (o espaço, a abóboda celeste), procurando suscitar no leitor efeitos de sentido cada vez mais impactantes. Outros procedimentos linguístico-discursivos, como o argumento de autoridade, aspas, torneios metalinguísticos (“em outras palavras...”, “como se pode dizer...”) contribuem para que o texto transpareça credível. Mas, conforme a exigência do suporte, em vez de um texto simples, o divulgador pode construir textos mais complexos, que exigem outro grau de raciocínio: texto dividido em diferentes partes, uso de subtítulos, léxico mais técnico, frases mais complexas,

empregando conectores lógicos, retomadas e reenvios anafóricos. É o caso da notícia *Show de horrores: precisamos falar sobre a exploração de animais* (anexo e), estruturada em várias partes: escolha uma vida, uma visita inesperada, irracionais, o espetáculo mais triste, hora de mudança, reprodução assistida; e traz frases mais complexas, como: “Para chegarem ao santuário, um sítio com 1,1 mil hectares na Chapada dos Guimarães, no Mato Grosso, as elefantas viajarão em caminhões dentro de contêineres especiais, com respiradouros e espaço para o acúmulo de excrementos”.

Restrição de emocionalidade: por essa restrição, o jogo da afetividade entra em cena: o órgão de informação explora recursos iconográficos que sensibilizem o interlocutor, como é o caso de fotografias. Como sabemos, os diferentes ângulos pelos quais os objetos são fotografados podem provocar reações diferentes nas pessoas. Assim como um jogo de linguagem (manifestado geralmente nos títulos e subtítulos) é elaborado para chocar (“A clonagem, rumo a um novo eugenismo?”). Essa restrição também faz uso de recursos semelhantes aos das narrativas, como diz Charaudeau (2016, p. 556):

Mas essa restrição também se caracteriza por uma organização descritiva e narrativa, que ora apresenta a pesquisa científica como uma aventura em busca da verdade, ora antropomorfiza os elementos da natureza ou os componentes químicos do organismo, concedendo-lhes intenções, convertendo-os em agentes ativos que têm intenção e projeto de busca: ‘O embrião humano terá êxito ao impor sua vontade aos pesquisadores?’. Da mesma forma, pode-se empregar um vocabulário metafórico e metonímico que transforme elementos inertes ou sem aptidão cognitiva em personagens de narrativas mais ou menos míticas. Com esse mesmo fim, desenvolve-se um discurso explicativo que utiliza abundantemente a comparação e a analogia, às vezes anunciadas por um ‘é como se [...]’.

No conjunto, esses procedimentos construtores do discurso procuram, além de informar, conquistar o leitor de divulgação científica.

Como diz Charaudeau (2013, p. 151):

O universo da informação midiática é efetivamente um universo construído. Não é, como se diz às vezes, o reflexo do que acontece no espaço público, mas sim o resultado de uma construção. O acontecimento não é jamais transmitido em seu estado bruto, pois, antes de ser transmitido, ele se torna objeto de racionalizações: pelos critérios de seleção dos fatos e dos atores, pela maneira de encerrá-los em categorias de entendimento, pelos modos de visibilidade escolhidos. Assim, a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal visão é apresentada

como se fosse a visão natural do mundo. Nela, a instância de recepção encontrará pontos de referência, e desse encontro emergirá o espaço público.

Nesse universo, o discurso de divulgação científica passa pelos filtros do discurso midiático, motivo pelo qual apontamos as características deste último. O discurso midiático tem por finalidade informar e captar. Exercendo um papel mais voltado para a formação de opinião e não só para a transmissão de um saber a quem supostamente o ignora, como no discurso didático, por um lado as mídias estão no dever de divulgar a verdade, pelo menos uma verdade aceitável (visada de informação); por outro, frente à credibilidade que elas têm de “garantir” à sociedade, procuram sustentar “suas verdades” recorrendo à *autenticação* dos fatos, por meio de testemunhos, de documentos; à *revelação* (entrevistas, enquetes, debates); à *explicação*, que justifica por que e como aconteceu o fato. Mas só informar é insuficiente para a sustentação econômica das mídias, sucedendo daí a necessidade da visada de captação, que explorando as crenças e as emoções coletivas, submete as notícias a cenários espetaculares, que procuram impressionar o leitor, o telespectador, o ouvinte.

Enquanto a identidade dos parceiros do discurso da ciência é mais simétrica, na esfera da comunicação midiática a instância de produção e de recepção é assimétrica. Para produzir, as mídias têm de selecionar (escolha dos acontecimentos, identificação das fontes), reportar (o problema da fidelidade à verdade), explicar (como explicar, não pode pretender nem à cientificidade, nem à historicidade, nem à didaticidade). Essas categorias, tomadas em sua precisão particular, carregam o enfado de prejudicar a recepção do texto. A instância de recepção é caracterizada pela heterogeneidade: são pessoas que têm conhecimentos e crenças bastante diversificados.

Quanto à temática, o olhar se volta para os acontecimentos do mundo, o que envolve a questão da forma de comunicar a realidade. Cientes de toda essa descrição do discurso midiático, é preciso dizer que:

Uma característica marcante da divulgação científica midiática (doravante DCM) é o fato de ela se situar na intersecção de três discursos: o científico, o midiático e o didático [...], fato que torna a DCM um objeto de investigação que exige atenção para as condições situacionais de sua produção. (GIERING; SOUZA, 2013, p. 206).

Assim sendo, compreende-se que o discurso *didático* está voltado para a reprodução do saber, para a transmissão de um saber a quem supostamente não o detém; o *mediático*, em sua finalidade, partilha duas visadas: a visada de informação (“suscitar o saber”, “fazer saber”), e a visada de captação (“suscitar o interesse”, “fazer crer”); e o *científico*, domínio que se caracteriza pela visada demonstrativa: sua finalidade básica é sustentar uma verdade servindo-se de uma retórica argumentativa que lhe respalde credibilidade ao que afirma.

Pelo ponto de vista de sua função social (CHARAUDEAU, 2016), a divulgação midiática não só divulga como também difunde os resultados das pesquisas científicas, permitindo às pessoas conhecerem o assunto para que, de posse dele, possam exercer finalidades ao mesmo tempo educativas e cidadãs na sociedade, como discutir certos temas ou tomar decisões acerca de certas orientações científicas. Por esse ângulo, os aspectos relacionados à cidadania superam os educativos, uma vez que o papel da divulgação científica estaria mais voltado para os debates sociais do que para o fornecimento de conhecimentos.

Neste ponto, já adiantamos bastante sobre a construção do discurso mediático, mas é preciso aprofundar o assunto no que tange à ruptura que o processo de mediação permite em relação ao discurso de origem. Para Charaudeau (2016, p. 554),

Enquanto discurso que responde ao dever de fazer conhecer o resultado de pesquisas científicas permitindo o debate social de ordem ética, os discursos de divulgação e de mediação participam de uma preocupação democrática. Porém isso acarreta uma significativa transformação do discurso científico de origem – não fosse assim, ele não poderia ser compreendido e validado por um grande número de leitores – produzindo uma ruptura e uma não-continuidade entre o discurso científico de um lado, e o discurso de divulgação e de mediação de outro.

Sabemos que todo processo de produção e recepção do discurso passa por uma situação de comunicação, articulada para definir as metas desse processo. Segundo Charaudeau (2004, p. 6):

A situação de comunicação é o lugar onde se instituem as restrições que determinam a expectativa (enjeu) da troca, estas restrições provenientes ao mesmo tempo da identidade dos parceiros e do lugar que eles ocupam na troca, da finalidade que os religa em termos de visada, do propósito que pode ser convocado e das circunstâncias materiais nas quais a troca se realiza. Quando um conjunto de situações partilham as mesmas características, mesmo se algumas outras são diferentes, isso quer dizer que elas se encontram em um mesmo domínio de comunicação (por exemplo, as

situações de comício, de declaração televisiva de programa eleitoral fazem parte do domínio de comunicação política).

Como diz o linguista, o DCM é um discurso dependente das regras da situação de comunicação, o que lhe permite levar ao cidadão comum os conhecimentos produzidos pela ciência em uma linguagem construída para esse fim. Apesar de não ser uma exclusividade do DCM, contudo, como mostra o *corpus*, este discurso tem como uma de suas características básicas no processo de informação e captação do interlocutor o uso, insistente, da intertextualidade na forma de citação como uma das maneiras de levar a ciência ao cidadão. Em vista disso, a intertextualidade é um critério sociodiscursivo, uma vez que, partindo de decisões acordadas entre os parceiros em um momento dado, exige ser tratado no âmbito do discurso produzido pelas mídias.

Quando Charaudeau (2011, p. 4), tratando da linguística do discurso, diz que esta disciplina é “[...] orientada para a descrição dos usos e das significações sociais, com um *corpus*, por definição aberto, e que pressupõe um sujeito operador de categorias ‘sócio-discursivas’ e portador de um imaginário social”, quer com isso dizer que o discurso relatado (também) é uma categoria sociodiscursiva e deve ser tratado como tal, inclusive respeitando-se o que pode haver de imaginário social em relação a ele.

Nosso trabalho elegeu como objeto de estudo a intertextualidade na forma de citação procurando uma possível relação com o “fazer saber” e o “fazer sentir” do discurso midiático. Nesse cenário, a relação dialogal¹⁸ é manifesta, motivo por que também nos apoiamos em Charaudeau para sustentar a interação dialógica¹⁹ existente tanto no conceito de contrato de comunicação quanto no conceito de intertextualidade. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012).

¹⁸ Empregamos “dialogal” não no sentido que lhe atribui Charaudeau (2008, p. 71; 2005, p. 9); mas no sentido vinculado ao “dialogismo” bakhtiniano. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 164).

¹⁹ Segundo Charaudeau (2011, p. 7), “Ao considerar o discurso como um lugar de significância abstrato configurando-se diversamente em textos, retomamos as noções de intertextualidade de Genette e de dialogismo de Bakhtin. Partindo desta última noção que suscitou diversas interpretações, diremos que esse jogo de ecos pode operar-se entre textos mas também entre discursos. No primeiro caso, trata-se, no sentido estrito do termo, de uma intertextualidade que se manifesta em diversos tipos de citação – o que Jacqueline Authier-Revuz chama de ‘heterogeneidade mostrada’: há texto dentro do texto, mesmo parcial, mesmo deformado. No segundo caso, trata-se de uma interdiscursividade, ‘um jogo de remissões entre discursos que tiveram um suporte textual mas cuja configuração não foi memorizada’”.

3.2 A Intertextualidade

Nesta seção, discorreremos a respeito da intertextualidade. Para aprofundá-la mostramos como Barthes (2001, 2012), Beaugrande e Dressler (2016), Koch, Bentes e Cavalcante (2012), Koch e Elias (2016) apresentaram esse conceito. Buscamos ainda em Koch e Travaglia (2011) e Marcuschi (2008) reflexões seguras sobre a textualidade, aporte teórico importante para o entendimento da intertextualidade (e demais critérios). Antecipamos que, conforme nosso interesse, vamos distinguir a intertextualidade implícita da intertextualidade explícita, tomando este último tipo como foco, uma vez tratar-se da intertextualidade por citação. Se a intertextualidade implícita ocorre quando o autor do texto faz uso de texto alheio sem mencionar a fonte, a intertextualidade explícita ocorre toda vez que um intertexto é retomado com a autoria referida. O processo intertextual, neste último tipo, deverá explicitar a origem do texto ou fragmento reportado, como por exemplo, as citações. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012). Quanto a estas (citações), buscamos em Maingueneau (2011) as contribuições teóricas para o aprofundamento do tema. Igualmente, Charaudeau (2013) nos socorre para a elucidação de questões relacionadas à identidade dos atores convocados para falar nos DCM.

A pesquisa faz uma relação entre disciplinas a um só tempo diferentes e complementares. Em vista disso, buscamos a integração disciplinar entre a Linguística Textual (LT) e a Teoria Semiolinguística do Discurso (TSD). Da primeira, a noção de intertextualidade como estratégia argumentativa (KOCH; ELIAS, 2016), como mediação (BEAUGRANDE; DRESSLER, 2016) e como função dialógica (BAKHTIN, 2011; KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012); da segunda, o discurso de comunicação em geral e, em particular, o discurso de mediação da ciência, conforme Charaudeau (2016), teórico de quem nos valem ainda das noções de visadas de informação e captação, das restrições discursivas, especialmente as restrições de seriedade e emocionalidade e das estratégias de legitimação, de credibilidade e de captação (CHARAUDEAU, 2009, 2010; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012), imprescindíveis ao desenvolvimento do estudo proposto. Eis a razão pela qual integramos as duas áreas: aprofundar a intertextualidade relacionando-a às finalidades de “fazer saber” e “fazer sentir” do DCM.

Conforme previsto, iniciamos apresentando o dialogismo de Bakhtin²⁰ (2011, 2018) e sua relação com a intertextualidade.

3.2.1 Bakhtin: palavra, dialogismo e discurso alheio

Inserida em algum contexto sociocultural, a palavra²¹ é texto, enunciado a serviço da interação social. Com essa convicção, Bakhtin sobrelevou o prestígio do conceito de texto, sem o qual não haveria as misturas intertextuais. Em forma de apontamento, Bakhtin (2011, p. 307) fala sobre “O texto ‘subentendido’”; por outros termos, sob a superfície do texto, outros textos, outros discursos disputam espaço. É palavra-enunciado ou a própria dinâmica das relações dialógicas da linguagem de que jamais alcançamos o limite:

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou. (BAKHTIN, 2018, p. 232).

O dialogismo, premissa máxima do pensamento bakhtiniano, é inerente a toda atividade com a linguagem humana, pois tudo o que se diz implica, em alguma medida, o outro. Potencialmente, esse outro é solicitado a manifestar-se diante do enunciado de um locutor igualmente dialógico, pois “[...] toda compreensão é prehe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”. (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Essa “posição responsiva” é que constrói o texto-enunciado. Não se pode escapar dos efeitos da palavra em ação. Nessa dinamicidade, a dialética revolve os propósitos latentes nos enunciados, porque nestes se enfrentam seres inscritos no fazer histórico, satisfeitos ou insatisfeitos com o ponto de vista alheio. Este embate da palavra nos recorda outra passagem bakhtiniana, definitiva para o entendimento do conceito de texto, por consequência, de intertextualidade: “[...] São pensamentos

²⁰ As autorias relativas ao Círculo de Bakhtin serão tratadas da seguinte forma: usamos “Bakhtin”, quando citamos *Problemas da poética de Dostoiévski*, *Os gêneros do discurso* e *Estética da Criação verbal*; “Volóchinov”, quando citamos *Marxismo e filosofia da linguagem*.

²¹ “Palavra [...] tem um significado amplo, que compreende desde a unidade lexical até a ‘linguagem verbal em uso’ ou o enunciado e o discurso.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 364).

sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos”. (BAKHTIN, 2011, p. 307).

Se o texto constitui esse potencial de sobreposições (“palavras sobre palavras, textos sobre textos”), cabe ao analista investigar quais ideias, quais vivências, quais palavras ou textos (materialmente falando) foram arregimentados para a construção do texto autoral tendendo a certos efeitos. A quem pertencem as palavras e que papéis assumem no novo ambiente? Isso é intertextualidade.

As relações (materiais) entre enunciados constituem vozes em ação no texto-enunciado. Para justificar os pontos de vista, essa ação envolve questões de memória: defendido em alguma esfera do saber, um discurso é materialmente retomado na formação de outro discurso. Essa dinâmica eleva o conceito de intertextualidade²² ao *status* de uma relação dialógica materializada nos textos. Noutros termos, é interdiscursiva a relação dialógica entendida como relação de sentidos, reservando-se o termo intertextualidade “[...] apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos” (FIORIN, 2006, p. 181). Dito isso, é oportuno lembrar que Charaudeau converge para Bakhtin quanto à força dialógica da voz situada:

A situação da comunicação é a situação na qual os atores (pelo menos dois) se comunicam, ou seja, eles trocam propósitos com o interesse de alcançar um certo entendimento, e cujo significado depende, por um lado, das condições em que a troca ocorre. (CHARAUDEAU, 2006, p. 2, tradução nossa).²³

Outro ponto alto do dialogismo bakhtiniano é o discurso alheio. Sabemos que a palavra em uso nos chega manipulada pelos diversos pontos de vista circulantes nas diferentes esferas e culturas no decorrer no tempo. Certamente essa palavra é, simultaneamente, nossa e da coletividade e esse intercâmbio se materializa com muita força na reprodução do discurso relatado:

O discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de outro sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão. É justamente dessa existência independente que o discurso alheio é transferido para o contexto autoral, mantendo ao mesmo tempo o seu conteúdo objetivo e ao menos rudimentos

²² O conceito de intertextualidade foi criado e divulgado pela filósofa e crítica literária francesa Julia Kristeva. Sobre o assunto confira o capítulo 7 de “Introdução à semanálise”, *A palavra, o Diálogo e o Romance* (KRISTEVA, 2012, p. 139).

²³ “La situación de comunicación es la situación en la cual se encuentran los actores (dos al menos) que comunican, es decir que intercambian propósitos con el interés de lograr una cierta inter comprensión, y cuyo sentido depende, por una parte, de las condiciones en las cuales se realiza el intercambio”.

da sua integridade linguística e da independência construtiva inicial. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 250).

Mais adiante, Volóchinov (2017) discorre sobre a percepção avaliativa do enunciado alheio enfatizando o contato do discurso interior com o discurso exterior:

Tudo que há de essencial na percepção avaliativa do enunciado alheio, tudo que pode ter alguma significação ideológica se expressa no material do discurso interior. O enunciado alheio é percebido não por um ser mudo, que não sabe falar, mas por um ser humano repleto de palavras interiores. Todas as suas vivências – o assim chamado fundo de percepção – são dadas na linguagem do seu discurso interior e é apenas assim que elas entram em contato com o discurso exterior percebido. É no contexto desse discurso interior que ocorre a percepção do enunciado alheio, a sua compreensão e avaliação, isto é, a orientação ativa do falante. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 254).

Na primeira citação, Volóchinov faz ver como é construído o discurso autoral: há sempre uma referência, o enunciado do outro, espécie de “combustível” com o qual é possível pôr a língua em novo curso. São outras vozes à espera de uma voz que delas lançam mão para revigorar o enunciado atual. Como falantes socialmente situados, nos favorecemos da linguagem, mas uma linguagem incompleta; o outro é a “completude” da nossa voz. Por exemplo, o outro está presente em um enunciado como o que segue, cujo ponto de vista dialoga com o ponto de vista do produtor do texto em que aparece e outros pontos de vista registrados na história sobre o mesmo assunto:

‘Gerações inteiras nos Estados Unidos e em muitos outros lugares do mundo não viram nem nunca verão a Via Láctea. É triste, porque grande parte de nossa conexão com o Cosmo foi perdida’, lastima Chris Elvidge, um dos coautores do atlas e pesquisador Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA). (anexo b – 5-6).

Em termos bakhtinianos, este fragmento é obra de outra autoria, o que lhe dá o tom de autonomia. Mas no texto em que está inserido torna-se parte dele para servir às urgências do contexto autoral. O enunciado transposto se desgarrar de sua “originalidade” e se agrega a uma realidade em andamento, devendo adaptar-se ao projeto proposto de antemão.

Na segunda citação, Volóchinov molda o olhar de quem busca o outro numa dinâmica dialógica do discurso. Assim, ao dirigir-se à palavra alheia, as pessoas não o fazem de forma neutra, não a transmutam para o seu discurso ingenuamente, mas

sempre munidas de suas próprias experiências, o que quer dizer que nós construímos as palavras e por elas somos construídos.

No excerto da notícia, as vozes também são forjadas no discurso interior com discursos anteriormente produzidos, numa avaliação constante. Por consequência, astrônomos, cientistas, poetas e pintores se manifestam sobre a Via Láctea, mas a experiência os faz sentir diferentemente o mesmo fenômeno.

É o que também aconteceu quando o jornalista retomou informações colhidas em outra fonte, como a que segue, avaliada como verdadeira, correta e importante para o leitor formar sua opinião, já que resultados estatísticos²⁴ são recursos bem aceitos pelo leitor de divulgação midiática:

O estudo publicado com o atlas também mostrou que mais de 80% da humanidade está exposto a um nível relativamente alto de poluição luminosa. Cerca de 14% das pessoas vivem em cidades extremamente iluminadas — com brilho do céu equivalente ou acima de 3 mil mcd/m² (microcandela por metro quadrado) —, que, ao longo dos anos, seus olhos perdem a visão escotópica, que é, basicamente, a ‘habilidade’ de enxergar no escuro. (anexo b - 15-16).

Ao final da notícia, o autor avaliou, de forma pessimista, o que acabara de informar:

Logo, para aqueles que sonham em observar as estrelas a olho nu, as notícias não são nada boas. (anexo b – 18).

Essa informação é cabível à medida que em DCM a construção do texto se serve sobejamente dos enunciados alheios explícitos. E a nossa pesquisa leva em conta essa “montagem” de discursos, o que nos obriga a retomar, em tom de desfecho, a voz de um estudioso de Bakhtin, Ponzio (2012), para nos servir de prova e estímulo do trabalho da intertextualidade:

Falar, tanto na sua forma escrita como na oral, significa empregar peças que se obtêm desmontando discursos alheios, e essas peças não são as mesmas da dupla articulação da linguagem (fonemas e morfemas), não pertencem à língua como sistema abstrato, mas a discursos concretos, ligados a contextos situacionais e linguísticos concretos. São materiais já manipulados, e, como tais, no plano semântico não são somente semantemas²⁵, mas também

²⁴ Referimo-nos à *restrição de seriedade*. (CHARAUDEAU, 2016, p. 555).

²⁵ Semantema... (2020).

*ideologemas*²⁶; não têm só um significado geral, mas também um sentido ideológico preciso. (PONZIO, 2012, p. 102, grifo do autor).

E mais adiante,

Todo texto, escrito ou oral, está conectado dialogicamente com outros textos. Está pensado em consideração a outros possíveis textos que este pode produzir; antecipa possíveis respostas, objeções, e se orienta em direção a textos anteriormente produzidos, aos que aludem, replicam, refutam ou buscam apoio, aos que congregam, analisam etc. (PONZIO, 2012, p. 102).

Em conformidade com Ponzio, este trabalho vincula-se ao “desmonte” dos discursos alheios, concretos e situados, como a divulgação midiática da Revista Galileu *online*.

Após essa passagem pelo dialogismo bakhtiniano, convém apresentar o conceito de textualidade.

3.2.2 Textualidade: a interação autor, texto, leitor

Não vamos pôr em discussão exaustiva o conceito de textualidade; vamos mostrar o suficiente para que fique claro que o cerne da questão implica esse termo, haja vista sua competência, que é permitir o acesso aos sentidos que um texto pode oferecer.

Para nossos fins, expomos uma síntese da evolução do conceito de textualidade para delinear o eixo central da pesquisa – a construção de sentidos pela retomada de textos.

Uma das fontes teóricas mais comuns na entrada do conceito de textualidade é Beaugrande e Dressler (2016). Para eles, “Do ponto de vista da linguística do texto, é um lugar comum afirmar que o que faz que um texto seja um texto não é sua gramaticalidade, senão sua textualidade”²⁷. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 2016, p. 11). Para sustentar o que afirmam, anunciam um conjunto de critérios ou normas que consolidam a lógica estrutural e discursiva do texto, “Baseando-se na ideia de que os comunicadores produzem e recebem textos seguindo intencionalmente uns

²⁶ “*Ideograma*. Os ideogramas funcionam como os *topoi* aristotélicos, constituindo os princípios responsáveis pela coesão e coerência do discurso social e cultural, o que nos garante ao mesmo tempo a compreensão da própria ideologia do discurso. Nas teorias de Mikhail Bakhtin sobre a narrativa, o ideograma designa aqueles termos ou expressões que induzem a uma determinada ideologia”. (IDEOLOGEMA..., 2009).

²⁷ “Desde el punto de vista de la lingüística del texto, es un lugar común afirmar que lo que hace que un texto sea un texto no es su gramaticalidad, sino su *textualidad*”.

planos²⁸ cujo cumprimento lhes permitirá alcançar as metas desejadas [...]”.²⁹ (BEAUGRANDE; DRESSLER, 2016, p. 12).

No cenário brasileiro, a partir do conceito de texto como um acontecimento, Marcuschi (2008) fala sobre o processo de construção do texto (textualização) referindo-se aos critérios de textualidade como normas complementares, interativas, entendendo-as como meios de abordagem do conteúdo textual. Ao analisar os critérios gerais da textualidade, esse autor assim se pronuncia sobre a dinâmica de interligação entre eles:

- (1) em primeiro lugar, [encontramos] os três grandes pilares da textualidade que são um produtor (autor), um leitor (receptor) e um texto³⁰ (o evento). Nosso interesse centra-se aqui, no texto enquanto processo (um acontecimento) e não um produto acabado;
- (2) em segundo lugar, há dois lados a observar: (a) o acesso cognitivo pelo aspecto mais estritamente linguístico representado pelos critérios da cotextualização (o intratexto), que exige por sua vez e de modo particular os conhecimentos linguísticos e as regras envolvidos no sistema, bem como sua operacionalidade e (b) o acesso cognitivo pelo aspecto contextual (situacional, social, histórico, cognitivo, enciclopédico) exigindo mais especificamente conhecimentos de mundo e outros (sociointerativos);
- (c) em terceiro lugar, os critérios da textualização aqui dispostos em dois conjuntos, mas imbricados [...]. (MARCUSCHI, 2008, p. 96).

Com esse raciocínio, Marcuschi (2008) desvincula a textualidade³¹ de uma possível dependência material do texto, restrita à superfície, como se esse conceito se prestasse apenas para explicar a organização formal e a vincula a outros fatores (contextuais) que elevam o receptor a *status* de “coautor” do processo. Consequentemente, o conceito mostra a relação autor-texto-leitor como evento, como uma totalidade (interna e externa) num diálogo coerente com o projeto de interpretação que exige habilidade com o sistema da língua, a situacionalidade e os conhecimentos de mundo, associadamente.

Cada qual com seu papel, essas normas, em interação, sinalizam o movimento lógico do texto e oferecem os recursos necessários ao leitor para que ele possa contribuir com a construção de sentidos previstos na leitura. Como diz

²⁸ “De entre los siete criterios de textualidad aludidos, hay dos de tipo lingüístico (*cohesión y coherencia*), dos psicolingüísticos (*intencionalidad y aceptabilidad*), dos sociolingüística (*situacionalidad e intertextualidad*) y uno de tipo computacional (*infomatividad*); los tres principios comunicativos son *eficacia, efectividad y adecuación*”. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 2016, p. 12).

²⁹ “Basándose en la idea de que los comunicadores producen y reciben textos siguiendo intencionadamente unos planes cuyo cumplimiento les permitirá alcanzar las metas deseadas [...]”.

³⁰ “O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. (MARCUSCHI, 2008, p. 72).

³¹ Confira os critérios da textualidade de Beaugrande e Dressler (2016).

Marcuschi (2008, p. 97), “[...] as sete condições de textualidade [...] não constituem princípios de formação textual e sim critérios de acesso à produção de sentido”. Como se vê, o acesso aos sentidos não se dá critério por critério, de forma autônoma, mas a partir de uma atuação em conjunto.

Compreendendo-se coesão e coerência como aspectos orientados pelo texto, intencionalidade e aceitabilidade orientados pelo aspecto psicológico, informatividade orientada pelo aspecto computacional e situacionalidade e intertextualidade pelos aspectos sociodiscursivos (MARCUSCHI, 2008, p. 133), interativamente todos se imbricam.

Bem próximo de Marcuschi, Koch e Travaglia (2011, p. 27-28) entendem que

A textualidade ou a textura é o que faz de uma sequência linguística um texto e não uma sequência ou um amontoado aleatório de frases ou palavras. A sequência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global. Portanto, tendo em vista o conceito que se tem de coerência, podemos dizer que é ela que dá origem à textualidade [...].

Lembramos, contudo, que essa definição de textualidade vai além do que ela propriamente mostra à primeira vista. Ela compõe um campo mais vasto do entendimento do texto, a coerência³². Compreendida a textualidade como fruto da coerência, recurso voltado não só para a “amarração” textual, mas, sobretudo, para a criação de sentidos, adiante passamos a compreender de forma mais detalhada um de seus critérios ou normas, a intertextualidade, essa espécie de “comunhão de discursos” (MARCUSCHI, 2008, p. 132), em sua função argumentativa (KOCH; ELIAS, 2016; CHARAUDEAU, 2008), procedimento de que os jornalistas de divulgação se servem muito em seus propósitos discursivos.

Na seção que segue, aprofundamos a noção de intertextualidade sob a perspectiva de alguns teóricos, os quais (cada um com sua parcela de contribuição) estão relacionados com o foco da nossa pesquisa.

³² “O estudo da coerência poderia ser visto como uma teoria do sentido do texto (seja ele uma frase ou um livro todo, não importa a dimensão), dentro de um ponto de vista de que o usuário da língua tem competência textual e/ou comunicativa e que a língua só funciona na comunicação, na interlocução, com todos os seus componentes (sintáticos, semânticos, pragmáticos, socioculturais etc.). Estamos entendendo sentido como a atualização seletiva no texto de significados virtuais das expressões linguísticas”. (KOCH; TRAVAGLIA, 2011, p. 15).

3.3 Intertextualidade e Construção de Sentidos

Nesta seção, tratamos das noções de intertextualidade segundo as perspectivas de alguns dos mais importantes estudiosos do assunto, com o objetivo de elucidar os traços marcantes de cada um deles, o que nos permite tomar a decisão de que rumo seguir. Quanto a autores estrangeiros, trazemos Barthes, Beaugrande e Dressler; quanto a autores brasileiros, Koch, Bentes e Cavalcante.

3.3.1 Roland Barthes: o texto como tecido de citações

A forma plural como Barthes entendeu o texto trouxe grandes contribuições para o entendimento de um de seus “ingredientes” caros à compreensão dos sentidos nele dissolvidos – a intertextualidade. Em “Da obra ao texto”, Barthes³³ (2012) rompe com o ideal de sentido único:

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a ‘mensagem’ do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura. (BARTHES, 2012, p. 62).

Nessas linhas, Barthes contesta, certamente, um ponto de vista segundo o qual o texto é uma construção em “linha reta”, como a projetar um alvo predeterminado. Consequência disso é uma leitura de via única – “qual é o sentido do texto?”. “O texto é plural” (BARTHES, 2012, p. 70), não se esgota num sentido estabelecido *a priori* e exige que lhe reconheçamos os muitos sentidos maquinados pelas escrituras; sentidos que ora se acertam, ora se opõem. “O texto é plural. Isso não significa apenas que tem vários sentidos, mas que realiza o próprio plural do sentido: um plural irreduzível (e não apenas aceitável)”. (BARTHES, 2012, p. 70). Como essas escrituras já foram lidas e relidas, avaliadas, mensuradas pelos “mil focos da cultura”, elas jamais seriam originais, ou seja, jamais esbarrariam na posse de um dono. Daí sua compreensão de texto: “[...] o texto é um tecido de citações, oriundas dos mil focos da cultura” (BARTHES, 2012, p. 62), entendimento suficiente para a compreensão de que o texto só se faz com a intertextualidade. Essa atitude diante do texto e, portanto, do

³³ Originalmente publicado em 1971.

intertexto³⁴, é reforçada nesta passagem em que o autor fala da leitura atravessada pelas marcas não localizáveis da intertextualidade:

[a leitura] é inteiramente tecida de citações, de referências, de ecos: linguagens culturais (que linguagem não o seria?), antecedentes ou contemporâneas que o³⁵ atravessam de fora a fora numa vasta estereofonia. O intertextual em que é tomado todo texto, pois ele próprio é o entretexto de outro texto: buscar as ‘fontes’, as ‘influências’ de uma obra é satisfazer ao mito da filiação: as citações de que é feito um texto são anônimas, indiscerníveis e, no entanto, *já lidas*: são citações sem aspas. (BARTHES, 2012, p. 71, grifo do autor).

As “citações sem aspas” com que Barthes sela a anonímia dos intertextos tomam a dimensão do infinito nesta passagem. Nela, Barthes³⁶ (2015, p. 45) coloca o texto no centro da construção do próprio texto: “E é bem isto o intertexto: a impossibilidade de viver fora do texto infinito – quer esse texto seja Proust, ou o jornal diário, ou a tela de televisão: o livro faz o sentido, o sentido faz a vida”.

Precisando mais a questão, Barthes³⁷ (2001, p. 303-4, grifo do autor) assim se manifesta:

[...] de acordo com a segunda tendência [Análise Textual³⁸], a narrativa é imediatamente subsumida [...], sob a noção de ‘Texto’, espaço, processo de significações em trabalho, numa palavra *significância*, [...] que se observa não como um produto acabado, fechado, mas como uma produção em vias de se fazer, ‘ligada’ a outros textos, outros códigos (*é o intertextual*), articulada assim com a sociedade, com a História, não segundo vias deterministas, mas citacionais.

Como se vê, Barthes, que usa a narrativa como material de análise, está preocupado não com o estudo da estrutura, mas com a pluralidade de sentido que o texto encerra. O foco é a significância (as “infinitas” possibilidades de sentido que estão sempre em processo no tempo, o que lhe dá o *status* de “produção em vias de

³⁴ Maingueneau entende que o “*intertexto* é o conjunto de fragmentos convocados (citações, alusões, paráfrase...) em um *corpus* dado, enquanto a *intertextualidade* é o sistema de regras implícitas que subjaz a esse *intertexto*, o modo de citação que é julgado legítimo pela formação discursiva, o tipo ou gênero de discurso do qual esse *corpus* provém. Assim, a *intertextualidade* do discurso científico não é a mesma que a do discurso teológico; além disso, elas variam de uma época a outra”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 289, grifo do autor).

³⁵ Entenda-se: que atravessam o texto.

³⁶ Originalmente publicado em 1973.

³⁷ Originalmente publicado em 1985.

³⁸ Ao referir-se a duas divergências teóricas em torno da análise estrutural da narrativa, ao aderir à segunda tendência, Barthes diz que “[...] segundo a primeira, a análise, diante de todas as narrativas do mundo, busca estabelecer um *modelo narrativo*, evidentemente formal, uma estrutura ou uma gramática da Narrativa, a partir dos quais (uma vez encontrados) cada narrativa particular será analisada em termos de desvio”. (BARTHES, 2001, 303, grifo do autor).

se fazer”), firmada na fusão infinda de textos com outros textos, de códigos com outros códigos³⁹.

Essa visão compreende o texto como um processo alimentado pelas “vias citacionais”; por outros termos, um texto é, todo ele, do começo ao fim, uma tecitura de vozes em movimento contínuo na história. Tudo o que há num texto é intertextual; seria uma tarefa inútil localizar a sua fonte. Por isso, a narrativa (ou outro texto qualquer) não seria jamais um “produto acabado”, mas uma evolução em que só se observa o ponto de saída e não se encontrará jamais o ponto de chegada. Esta é ou seria a razão maior da impossibilidade de se alcançar todos os sentidos de um texto.

Após essa visita a Barthes, passemos àqueles teóricos que, no âmbito da Linguística Textual, praticamente fundaram a expressão textualidade, Beaugrande e Dressler.

3.3.2 Beaugrande e Dressler: intertextualidade e evolução dos textos

Já no âmbito da Linguística Textual, para Beaugrande e Dressler (2016, p. 45, tradução nossa) “A intertextualidade refere-se aos fatores que fazem o uso adequado de um texto depender do conhecimento de outros textos anteriores”⁴⁰. Em sua exemplificação, para que o seguinte texto (informação de trânsito) faça sentido – “FIN DE LA LIMITACIÓN DE VELOCIDAD” –, é preciso que o usuário retome um texto anterior – “NIÑOS JUGANDO **DESPACIO**”. Na prática, o condutor de um automóvel compreende e utiliza adequadamente a primeira informação porque tem a experiência do conteúdo da segunda, inferindo daí que um texto foi construído tomando como referência outro texto anteriormente produzido.

Beaugrande e Dressler (2016, p. 45, tradução nossa) assim explicam sua noção de intertextualidade:

A intertextualidade é, em sentido geral, responsável pela evolução dos TIPOS DE TEXTO, entendendo por 'tipo' de texto uma classe de texto que apresenta

³⁹ “Os códigos são simplesmente campos associativos, uma organização supratextual de notações que impõem certa ideia de estrutura; a instância do código, para nós, é essencialmente cultural: os códigos são certos tipos de *já visto*, de *já lido*, de *já feito*; o código é a forma desse *já* constitutivo da escrita do mundo”. (BARTHES, 2001, 333, grifo do autor).

⁴⁰ “[...] a intertextualidad se refiere a los factores que hacen depender la utilización adecuada de un texto del conocimiento que se tenga de otros textos anteriores”.

certos padrões característicos. Cada tipo de texto, em particular, tem um grau diferente de dependência da intertextualidade.⁴¹

Por essa definição, qualquer texto, escrito em qualquer época, por quem quer que seja, poderá ser retomado para modificar os sentidos do texto autoral, a depender do projeto de quem o retoma, garantindo-lhe a evolução que vai passar por “grau diferente” de uso da intertextualidade. Por exemplo, entre manuais de instrução (classe) e notícias de divulgação científica (outra classe), esta última apresenta uma dependência enorme dos processos intertextuais restritos, o que não ocorre com os manuais de instrução. Tudo vai depender dos objetivos dos textos. Os manuais não têm o pressuposto de convencer o usuário pelo argumento de autoridade (o que não quer dizer que não usem de alguns procedimentos de persuasão), de cativar o leitor usando de procedimentos dramatizantes, como é o caso do DCM, que usa fartamente o discurso citado. Fica claro que com certos tipos de textos o autor imprime um trabalho de retomada mais intenso, a fim de construir o discurso conforme o molde do gênero. Trata-se de classes diferentes, organizadas segundo padrões específicos voltados para funções específicas.

Numa tentativa de refinação do conceito de intertextualidade, Beaugrande e Dressler (2016, p. 255, grifo do autor) investem na noção de alusão textual:

Por referência textual, entendem-se as formas pelas quais os comunicadores se referem ou usam textos conhecidos. Em princípio, para produzir seu discurso, o comunicador pode inspirar-se em *qualquer* texto anterior à sua disposição; no entanto, na prática, o uso de textos *conhecidos* é geralmente preferido porque, dada a sua familiaridade e prestígio, eles são mais acessíveis ao público receptor.⁴²

Para os autores, a prática de “referência ou utilização de textos conhecidos” é a base de sustentação da intertextualidade, de sua capacidade de continuação, continuação insensível ao tempo, ao espaço e às preferências. Beaugrande e Dressler (2016) também se referem a uma estratégia dos autores para envolver o público, a preferência por textos “vivos” na memória coletiva, o que facilitaria a compreensão da

⁴¹ “La intertextualidad es, en un sentido general, la responsable de la evolución de los TIPOS DE TEXTOS, entendiendo por ‘tipo’ de texto una clase de texto que presenta ciertos patrones característicos. Cada tipo de texto en particular posee un grado diferente de dependencia de la intertextualidad”.

⁴² “Por alusión textual se entiendi las maneras en que los comunicadores hacen referencia o utilizan textos conocidos. En principio, para producir su discurso, el comunicador puede inspirarse en cualquier texto previo disponible a su alcance; ahora bien, en la práctica, se suele preferir la utilización de textos conocidos porque, dada su familiaridad y su prestigio, son más accesibles para la audiencia receptora”.

massa receptora do novo discurso, procedimento capital no texto literário ou em textos facilmente recuperáveis como é a “informação de trânsito” de que falamos no início desta seção. Na Galileu *online*, as recorrências frequentes a citações para a construção dos títulos representam “padrões característicos” a que se referiram os autores, o que não quer dizer que elas (as citações) lhe sejam exclusivas.

Procurando elucidar a dinâmica da intertextualidade, Beaugrande e Dressler (2016, p. 255) explicam que “[...] na prática, o uso de textos *conhecidos* é geralmente preferido porque, dada a sua familiaridade e prestígio, eles são mais acessíveis ao público receptor”. De fato, na notícia “*Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo, diz astronauta*” (anexo a – 1), o jornalista refere-se a uma expressão bem viva na memória social, a “ressaca”, tornando o texto familiar para o leitor, por consequência uma estratégia de aproximação desse leitor ao conteúdo da notícia.

Ao introduzir Beaugrande e Dressler (2016, p. 249), tocamos ligeiramente no conceito de “mediação”, que na visão deles é levar “[...] em conta a intervenção da subjetividade do comunicador, a quem cabe introduzir suas próprias crenças e suas próprias metas no modelo mental que constrói a situação comunicativa em curso”⁴³.

A mediação é, por assim dizer, o “motor” das atividades intertextuais de que o comunicador lança mão para atualizar sua produção. Sendo assim, a subjetividade é uma intervenção necessária na retomada textual, pois a intertextualidade só se realizará, com força, a partir da relação das crenças do autor atual com as crenças do autor de origem.

Vejamos um exemplo, em que Giuliana de Toledo reproduz um anúncio da companhia SeaWorld e um comentário sobre o documentário *Blackfish: Fúria Animal*:

O mundo está mudando e nós estamos mudando também. [...] É isso que diz um anúncio do SeaWorld divulgado no início deste ano para avisar que a atual geração de orcas será a última do parque, já que os programas de reprodução dos animais finalmente foram encerrados. A verdade é que a tal mudança dos tempos foi acelerada pela queda de bilheteria sentida após o documentário Blackfish: Fúria Animal, de 2013. [...] (anexo e – 3-5).

⁴³ “[...] en cuenta la intervención de la subjetividad del comunicador, quien suelen introducir sus propias creencias y sus propias metas en el modelo mental que construye de la situación comunicativa en curso”.

Logo adiante, depois de falar sobre as campanhas feitas nos Estados Unidos contra a companhia de parques aquáticos, SeaWorld, devido ao pouco espaço que destinam aos animais, o que resulta em maus-tratos, a jornalista convoca uma voz:

‘As pessoas já se deram conta de que as orcas são animais muito inteligentes e que não pertencem a um tanque tão pequeno, onde precisam passar toda a sua vida nadando em círculos intermináveis. Na natureza, elas nadariam cerca de 160 quilômetros por dia’, afirma Alicia Aguayo, gerente para a América Latina da ONG Peta (People for the Ethical Treatment of Animals). ‘Os brasileiros são o maior grupo de estrangeiros no SeaWorld de Orlando. Ajudaria muito se parassem de visitá-lo’, diz. (anexo e, 13-16).

Ao nível da “mediação”, intervenção subjetiva que permite o autor a manifestar suas crenças e metas, o poder dessa voz enraíza-se num sentimento de oposição, de resistência à SeaWorld, aos espetáculos com baleias, exposições mantidas à custa dos maus-tratos a esses animais, o que é um absurdo ecológico.

Explorando o conhecimento intertextual, se para a companhia SeaWorld trata-se de um esporte aceito, fato comprovado pela alta frequência do público, a interferência subjetiva pela preservação e bem-estar dos animais intenta desconstruir essa cultura e construir uma outra: o argumento de autoridade⁴⁴ comove as pessoas sobre o cativeiro das orcas (“as orcas não pertencem a um tanque tão pequeno”), o estado natural desses animais (“na natureza, nadariam 160 quilômetros por dia”) e convida os turistas brasileiros a sabotar as atividades do parque (“Ajudaria muito se parassem de visitá-lo”).

Na seção seguinte, abordamos o tema segundo a perspectiva de estudiosas brasileiras ligadas à Linguística Textual, Koch, Bentes e Cavalcante.

⁴⁴ Para Christian Plantin “**Em argumentação**, a aceitação de um ponto de vista ou de uma informação é fundada na autoridade se é reconhecida não pelo exame da conformidade do enunciado com as próprias coisas, mas em função **da fonte e do canal** pelos quais a informação foi recebida (autoridade epistêmica, “fazer acreditar”. **O argumento de autoridade** corresponde à substituição por uma prova periférica da prova ou do exame diretos, considerados inaceitáveis ou impossíveis. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 86-87, grifo do autor).

3.3.3 Koch, Bentes e Cavalcante: intertexto e memória social

Se para Bakhtin (2011, p. 309) “[...] o texto [é] como mônada⁴⁵ original, que reflete todos os textos (no limite) de um dado campo do sentido”, disso decorre que, no entrelaçar desses textos, as ideias lutam para dar prosseguimento à vida da palavra, motivo por que a intertextualidade vem merecendo a devida atenção de pesquisadores brasileiros. Em Koch; Bentes e Cavalcante (2012), as autoras examinam detalhadamente a intertextualidade⁴⁶. Para elas, a intertextualidade *stricto sensu*⁴⁷

[...] ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva [...] dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos *efetivamente* produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 17, grifo do autor).

Para essa categoria (*stricto sensu*), a obra propõe quatro tipos de intertextualidade: a intertextualidade temática, a intertextualidade estilística, a intertextualidade explícita e a intertextualidade implícita. Mas também aborda o “*détournement*” e as intertextualidades no seu sentido amplo (*lato sensu*), a intergenérica e tipológica, das quais também falamos.

A *intertextualidade temática* é percebida na relação entre textos que, de modo geral, comungam temas, terminologias ou outras características afins. O diálogo entre temas é procedimento corriqueiro entre matérias científicas ou jornalísticas que tratam do mesmo tema. Esse tipo de intertextualidade se concretiza à medida que lança mão de uma temática já explorada por outros. É o que ocorre com as duas notícias abaixo.

⁴⁵ “Para Leibniz [filósofo alemão], ‘a mônada é uma substância simples que faz parte das compostas; simples quer dizer sem partes [...] ora, onde não há partes, não há extensão, nem figura, nem divisibilidade possível. E as mônadas são os verdadeiros átomos da natureza, em uma palavra, os elementos de todas as coisas’”. (MÔNADA..., 2001. p. 133).

Bakhtin retoma metaforicamente o termo “mônada” para simbolizar que o texto e sua relação com os outros textos resultam em uma unidade discursivamente indivisível.

⁴⁶ Segundo Koch e Elias (2016, p. 39, grifo do autor), “Na Linguística de Texto, a **intertextualidade** é discutida: 1) em sentido amplo como um princípio constitutivo de todo e qualquer texto; 2) em sentido restrito, quando há remissão a outro(s) texto(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte da memória social dos falantes”.

⁴⁷ Repetimos aqui este conceito de intertextualidade (citamos na introdução) devido à necessidade de comentar seus tipos nesta seção destinada a Koch, Bentes e Cavalcante (2012).

Os fragmentos são amostras textuais cujo tema serão entre si cotejados com o fim de reconhecimento da intertextualidade temática:

Anexo a – notícia “*voltar à terra é como ter a pior ressaca do mundo*”, diz astronauta

Título: “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta” (anexo a – 1)

Subtítulo: ‘Depois de seis meses no espaço, o astronauta britânico Tim Peake relata desconfortos desde sua chegada’ (anexo a – 2)

“O astronauta britânico Tim Peake afirmou estar vivendo ‘a pior ressaca do mundo’ depois de sua estadia de 6 meses na Estação Espacial Internacional.’ (anexo a – 3)

‘Nas próximas semanas, o astronauta deve passar por uma bateria de exames, regime e monitoramento psicológico. Os médicos vão avaliar a causa da náusea e dos desmaios dos quais o astronauta tem se queixado desde que aterrisou no planeta.’ (anexo a – 6-7)

‘Entre os efeitos que a microgravidade causou no astronauta estão a fraqueza dos músculos e dos ossos.’ (anexo a – 8)

‘Isso sem falar na radiação cósmica e na falta que o campo magnético da Terra pode exercer sobre o corpo humano.’ (anexo a – 13)

Anexo f – notícia cientistas debatem sobre os efeitos psicológicos causados por viagens para fora da terra

Título: ‘Cientistas debatem sobre os efeitos psicológicos causados por viagens para fora da Terra’⁴⁸ (anexo f – 1)

Subtítulo: ‘Deslumbramento, desconexão, depressão... com o barateamento e o avanço do turismo espacial, essa discussão está cada vez mais válida’ (anexo f – 2)

‘Mas, para alguns especialistas, quem conhece o espaço não volta ileso. Segundo o psiquiatra Nick Kanas, da Universidade da Califórnia, além de

⁴⁸ Esse texto de André Bernardo (Galileu 3/2015) não compõe o nosso *corpus*. Devido à sua afinidade temática com a notícia “GALILEU 001 2016” (anexo a), excepcionalmente foi escolhido para exemplificação. (BERNARDO, 2015).

depressão, tédio e ansiedade, uma expedição a Marte oferece também outro risco, ainda não experimentado por nenhum viajante interplanetário: o earth out of view (ou 'falta de visão da Terra', em tradução livre). A uma distância estimada de 500 milhões de quilômetros, nosso planeta ficará reduzido a um ponto insignificante. Ou, como diria o astrônomo Carl Sagan, a um 'grão de poeira suspenso num raio de sol.' (anexo f – 6-9)

'Pela primeira vez, os astronautas vão experimentar uma sensação de abandono e solidão, agravada pela defasagem de até 44 minutos na comunicação com a base', alerta Kanas.' (anexo f – 10)

'Para piorar, olhar pela escotilha e não avistar uma bela esfera azul solta no espaço pode ter um impacto devastador na saúde mental da tripulação', especula o cientista.' (anexo f – 11)

'A história conta que a viagem nem precisa ser assim tão longa para despertar sentimentos negativos na tripulação. Caso famoso é o do astronauta norte-americano John Blaha, 72 anos. Em 1996, ele entrou em depressão após colocar os pés na estação espacial russa Mir. Felizmente, a estadia durou 'apenas' 118 dias. A esses e outros efeitos colaterais os cientistas dão o nome de efeito break off ('sentimento de desconexão').' (anexo f – 24-28)

"Muitos astronautas sofrem emocionalmente por se sentirem afastados da Terra. É como se estivessem desconectados de tudo o que conhecem", explica Thais Russomano.' (anexo f – 29-30)

'Segundo Marcos, os piores inimigos de um astronauta são o estresse e o cansaço.' (anexo f – 56)

Assim, o tema “os efeitos que a microgravidade causa nos astronautas durante estadia no espaço” desenvolvido na primeira notícia (anexo a), comunga com o tema da segunda (anexo c). No título da primeira, encontra-se “pior ressaca do mundo”; no título da segunda, “efeitos psicológicos” e expressões relacionadas aos riscos e problemas causados pelas viagens espaciais. Também podemos associar o depoimento do astronauta Tim Peake, da primeira notícia (“Você fica feliz por voltar, mas não dá para aproveitar bem a experiência porque, para ser sincero, você se sente horrível”) ao depoimento do astronauta Marcos Pontes, da segunda (“os piores inimigos de um astronauta são o estresse e o cansaço”). Esse confronto é o suficiente para mostrar o poder da intertextualidade: os temas também conversam.

A intertextualidade estilística, segundo Koch, Bentes, Cavalcante (2012, p. 19),

[...] ocorre, por exemplo, quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas: são comuns os textos que reproduzem a linguagem bíblica, um jargão profissional, um dialeto, o estilo de um determinado gênero, autor ou segmento da sociedade.

Como exemplo de intertextualidade estilística reproduzimos a “Oração do Internauta” (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 20), que imita o estilo do “Pai Nosso”:

Satélite nosso que estais no céu, acelerado seja o vosso link, venha a nós o vosso host, seja feita vossa conexão, assim em casa como no trabalho. O download nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai nosso tempo perdido no Chat, assim como nós perdoamos os banners de nossos provedores. Não nos deixeis cair a conexão e livrai-nos do Spam.
Amém!

A *intertextualidade explícita* ocorre toda vez que um intertexto é retomado com a autoria referida. O processo intertextual, nesse caso, deverá explicitar a origem do texto ou fragmento reportado. A intertextualidade explícita é a prática das citações, referências, menções, resumos, resenhas, traduções, ou por outros generalizados (como diz o povo, segundo os antigos...), cuja autoria é legível. Conforme constatamos nos exemplos a seguir, esse tipo é muito usado como recuso de autoridade:

‘Um estudo da Universidade do Colorado mostrou que ratos que passaram 13,5 dias em órbita voltaram com danos no fígado.’ (anexo a – 14)

‘Segundo os pesquisadores os efeitos foram similares aos da doença gordurosa hepática não-alcoólica e um princípio de fibrose.’ (anexo a – 15)

“Geralmente, levam-se anos para desenvolver fibrose nos ratos, mesmo que tenham uma dieta pouco saudável”, explicou a física Karen Jonscher, que faz parte da equipe.” (anexo a – 16)

Motivado pela lógica da influência, o jornalista constrói credibilidade citando autoridades, grupos de pesquisadores, instituição ou especialistas, para dar sustentação ao tema que defende.

A *intertextualidade implícita* ocorre quando o autor do texto faz uso de texto alheio sem mencionar a fonte. Os objetivos são diversos: para concordar com o intertexto (como é o caso das paráfrases, por exemplo) ou para contraditá-lo, questioná-lo, ridicularizá-lo etc., como ocorre com as paródias, as apropriações, entre

outros. Esse modo tácito de uso de outros textos requer do leitor um conhecimento mais apurado, com vista a compreender melhor o que lê. Não ocorrendo isso, é provável que a leitura fique prejudicada.

Aprofundando o estudo da intertextualidade, as autoras incluem a noção de *détournement*. Para Gresillon e Maingueneau (1984, p. 114, tradução nossa), [...] “o desvio [*détournement*] consiste em produzir um enunciado que possua as marcas linguísticas da enunciação proverbial, mas que não pertence ao estoque de provérbios reconhecidos”⁴⁹. É a partir de uma proposta de ampliação desse conceito que as autoras propõem analisar exemplos de retextualizações, conforme fica claro neste trecho: “Gostaríamos de postular, portanto, a extensão desse conceito às diversas formas de intertextualidade nas quais ocorre algum tipo de alteração – ou adulteração – de um texto-fonte [...], visando à produção de sentidos”. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 46).

Entre essas retextualizações (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 46-51) estão: a substituição de fonemas (“E1: Prepare-se para levar um susto.” / “E2: Prepare-se para levar um surto.”), de palavras (“E1: Quem vê cara, não vê coração” / “E2: Quem vê cara, não vê Aids.”); o acréscimo de formulação adversativa (“E1: Devagar se vai ao longe.” / “E2: Devagar se vai ao longe, mas leva muito tempo.”); outros tipos de acréscimo (“E1: A preguiça é a mãe de todos os males.” / “E2: A preguiça é a mãe de todos os males que não requerem muito esforço.” (L. F. Veríssimo); por inversão da polaridade afirmação/negação (“E1: Devagar se vai ao longe.” / “E2: Devagar é que não se vai longe.” (Chico Buarque); a supressão (“E1: Para bom entendedor, meia palavra basta.” / “E2: Para bom entendedor, meia palavra bas.” (L. F. Veríssimo); a transposição (“E1: Pense duas vezes antes de agir.” / “E2: Aja duas vezes antes de pensar.” (Chico Buarque); o *détournement* de provérbios, frases feitas, títulos de filmes, de notícias ou textos literários, na música, na publicidade etc.

A *intertextualidade intergenérica* é a prática que permite que determinado gênero exerça a função de outro com o objetivo de produzir uma ironia, uma crítica, uma graça, ou outro efeito de sentido que esteja nos planos do produtor do texto. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012). Com relação a intertextualidade

⁴⁹ “[...] le *détournement*, qui consiste à produire un énoncé possédant les marques linguistiques de renonciation proverbiale mais qui n'appartient pas au stock des proverbes reconnus”.

intergenérica, vejamos o que dizem Koch; Bentes; Cavalcante (2012, p. 64, grifo do autor):

É bastante comum, todavia, que, no lugar próprio de determinada prática social ou *cena enunciativa* (Maingueneau, 2011) se apresente(m) gênero(s) pertencentes a outras molduras comunicativas, evidentemente com o objetivo de produzir determinados efeitos de sentido.

É o caso deste cartum, da Folha de São Paulo, que reproduzimos:

Figura 2 - A flora brasiliense

Observe o cartum a seguir.



Figura 1.

ANGELI, Folha de S.Paulo, São Paulo, 20 abr. 2001.

Fonte: Angeli (2001).

Como vemos, num cenário destinado à prática do cartum apresenta-se o verbete “Fraudulência”, gênero próprio de dicionários, enciclopédias etc., com o fim de gerar uma crítica ferrenha à política corrupta brasileira representada pelo Planalto Central.

A *intertextualidade tipológica*, segundo as autoras,

[...] decorre do fato de se poder depreender, entre determinadas sequências ou tipos textuais – narrativas, descritivas, expositivas etc., um conjunto de características comuns, em termos de estruturação, seleção lexical, uso de tempos verbais, advérbios (de tempo, lugar, modo etc.) e outros elementos dêiticos, que permitem reconhecê-las como pertencentes a determinada classe. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 76).

Para ficarmos num exemplo (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 77), a intertextualidade tipológica nos permite reconhecer as sequências injuntivas que “[...] apresentam prescrições de comportamentos ou ações sequencialmente ordenadas, tendo como principais marcas os verbos no imperativo, infinitivo ou futuro do presente [...]”. Ainda segundo as autoras, “[...] num manual de instruções encontrar-se-ão, pelo menos, sequências injuntivas e descritivas, e assim por diante”. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 77). É o que podemos constatar no *Guia de início rápido* da Samsung Electronics (2018), gênero sugerido pelas autoras (grafamos os exemplos em itálico):

‘Clicar com o botão direito’ (p. 11)

Para evitar sufocamento, mantenha o saco plástico longe de bebês e crianças.

Não coloque nem utilize o computador em superfícies inclinadas ou que vibrem.

Mantenha as saídas de ventilação pelo menos a 15 cm de distância de paredes e outros objetos e não use o computador em cobertores ou travesseiros que possam bloquear a ventilação do computador. (p. 12)

Manuseie o cabo de alimentação com cuidado.

- *Não toque com as mãos molhadas.*
- *Não sobrecarregue uma tomada com várias saídas nem um cabo de extensão com voltagem/corrente acima do especificado.*
- *Use apenas tomadas elétricas ou cabos de extensão corretamente aterrados.*
- *Desconecte o adaptador CA (plugue integrado e adaptador de energia) da tomada, segurando o corpo e puxando-o na direção da seta. (p. 13)*

No primeiro exemplo, o uso prescritivo do infinitivo *clicar*; nos demais, prescrições de comportamento com verbos no imperativo guiam o usuário na descrição dos cuidados de segurança (*mantenha, não coloque nem utilize, não use, manuseie, não toque etc.*).

A *intertextualidade genérica* ocorre quando “[...] os exemplares de cada gênero mantêm entre si relações intertextuais no que diz respeito à forma composicional, ao conteúdo temático e ao estilo”. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 86). Um dos exemplos que destacamos é a intertextualidade ocorrente entre a letra “Subúrbio”, de Chico Buarque, e as letras “Salve” e “Periferia é periferia”, de Racionais MC’s.

Subúrbio

Lá não tem brisa
 Não tem verde-azuis
 Não tem frescura nem atrevimento
 Lá não figura no mapa
 No avesso da montanha, é labirinto
 É contra-senha, é cara a tapa
 Fala, Penha
 Fala, Irajá
 Fala, Olaria
 Fala, Acari, Vigário Geral
 Fala, Piedade
 Casas sem cor
 Ruas de pó, cidade
 Que não se pinta
 Que é sem vaidade

Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
 Traz as cabrochas e a roda de samba
 Dança teu funk, o rock, forró, pagode, reggae
 Teu hip-hop
 Fala na língua do rap
 Desbanca a outra
 A tal que abusa
 De ser tão maravilhosa

Lá não tem moças douradas
 Expostas, andam nus
 Pelas quebradas teus exus
 Não tem turistas
 Não sai foto nas revistas
 Lá tem Jesus
 E está de costas
 Fala, Maré
 Fala, Madureira
 Fala, Pavuna
 Fala, Inhaúma
 Cordovil, Pilares
 Espalha a tua voz
 Nos arredores

Carrega a tua cruz
E os teus tambores

Vai, faz ouvir os acordes do choro-canção
Traz as cabrochas e a roda de samba
Dança teu funk, o rock, forró, pagode, reggae
Teu hip-hop
Fala na língua do rap
Fala no pé
Dá uma ideia
Naquela que te sombreia

Lá não tem claro-escuro
A luz é dura
A chapa é quente
Que futuro tem
Aquela gente toda
Perdido em ti
Eu ando em roda
É pau, é pedra
É fim de linha
É lenha, é fogo, é foda

Fala, Penha
Fala, Irajá
Fala, Encantado, Bangu
Fala, Realengo...

Fala, Maré
Fala, Madureira
Fala, Meriti, Nova Iguaçu
Fala, Paciência...⁵⁰

Salve

Eu vou mandar um salve pra comunidade do outro lado do muro
As grades nunca vão prender nosso pensamento mano...
Se liga aí jardim evana, parque do engenho, gerivá,
jardim rosana, pirajusara, santa tereza...
Vaz de lima, parque santo antônio, capelinha, João
morá, vila calu, branca flor, paranapanema,
iaracati...
Novo oriente, parque arariba, jardim ingá, parque
ipê...
Pessoal da sabin, jardim marcelo, cidade ademar,
jardim são carlos, jardim primavera, santa amélia,

⁵⁰ Letra colhida no *site*. (BUARQUE, [2020?]).

jardim santa terezinha, jardim míriam, vila santa
 catarina...⁵¹
 [...]

Periferia é periferia

Esse lugar é um pesadelo periférico
 Fica no pico numérico de população
 De dia a pivetada a caminho da escola
 A noite vão dormir enquanto os manos "decola"
 Na farinha... hã! Na pedra... hã!
 Usando droga de monte, que merda, hã!
 Eu sinto pena da família desses cara
 Eu sinto pena, ele quer mais, ele não para
 Um exemplo muito ruim pros moleque
 Pra começar é rapidinho e não tem breque
 Herdeiro de mais alguma Dona Maria
 Cuidado senhora, tome as rédias da sua cria
 Porque chefe da casa trabalha e nunca está
 Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar
 O trabalho ocupa todo o seu tempo [...]⁵²

Observamos que Chico Buarque imita o estilo do *rap* parafraseando o modo como se fazem saudações às periferias (*Fala, Penha / Fala, Irajá / Fala, Olaria / Fala, Acari, Vigário Geral / Fala, Piedade*), de forma muito próxima dos Racionais MC's (*Se liga ai, Jardim Evana, Vaz de Lima, Parque do Engenho Jerivá, Jardim Rosana, Pirajussara, Santa Teresa*). Chico também retoma uma temática comum desse gênero, o dia-a-dia difícil das favelas, a miséria (*Lá não figura no mapa; Casas sem cor / Ruas de pó, cidade / Que não se pinta* – Chico Buarque; *Esse lugar é um pesadelo periférico / Fica no pico numérico de população* – Racionais MC's).

Outra aproximação do estilo do *rap* na canção de Chico Buarque é a presença de expressões idiomáticas (*cara a tapa, carrega a tua cruz, fim de linha, é fogo, é foda*), gírias (*chapa quente, dá uma ideia, quebradas*), muito parecidas com as do *rap* de Racionais MC's (*pivetada, os moleque, tome as rédeas*):

Chico Buarque

No avesso da montanha, é labirinto
 É contra-senha, é *cara a tapa*

⁵¹ Letra colhida no *site*. Ortografia tal qual publicada neste *site*. (RACIONAIS MC's, [2020?a]).

⁵² Letra colhida no *site*. (RACIONAIS MC's, [2020?b]).

Espalha a tua voz
 Nos arredores
Carrega a tua cruz

Eu ando em roda
 É pau, é pedra
 É *fim de linha*
 É lenha, é fogo, é foda

Racionais MC's

De dia a *pivetada* a caminho da escola

Eu sinto pena da família desses cara
 Um exemplo muito ruim pros *moleque*
 Cuidado senhora *tome as rédeas* da sua cria

A título de recapitulação, após essa explanação acerca da intertextualidade, retomemos os passos dos conceitos sobre os quais refletimos na síntese que segue.

A razão pela qual Bakhtin (2011) foi categórico ao se posicionar sobre a construção textual-discursiva (“textos sobre textos”) é que, para este teórico, todo texto é dialógico: um texto sempre convoca outros textos para debaterem sobre a existência humana.

Mais tarde, Barthes (1971⁵³) viu certa pluralidade de ecos na tecitura do texto, cercado de escrituras tão múltiplas que o autor não hesitou em usar a palavra “infinito” para arriscar a dizer que não encontraríamos jamais a origem de um intertexto. Com a ideia de que “o Texto tem a metáfora da *rede*” (BARTHES, 2012, p. 72), Barthes deslocou o preconceito que teria levado à compreensão de um sentido único para o texto. Sendo uma “rede”, certamente o texto abriga muitos sentidos vindos de muitas vozes (anônimas), atribuindo à intertextualidade o reconhecimento de que os textos não se deixam paralisar na monotonia de uma voz única e solitária.

Ao tomarem a textualidade como paradigma da construção textual, Beaugrande e Dressler (2016) aceitam que a troca intertextual não se limita ao objeto “texto”. Os autores reconhecem o intercâmbio nos momentos de produção e recepção e nas vivências dos interlocutores como o alicerce da inter-relação entre textos. Razão forte para se vislumbrar características sociológicas na intertextualidade: esse conceito é portador da cultura, da história, das intenções, das concepções do tempo, tanto do autor

⁵³ “Da obra ao Texto”, texto de 1971.

de origem quanto do autor atual. Com a intertextualidade, autor e leitor constroem a interação comunicativa não apenas a partir de códigos linguísticos (textos, fragmentos de textos), mas desses códigos atestados pela experiência social. Com relação a “texto e contexto social”, a intertextualidade torna-se uma atividade aberta, a mediação⁵⁴ se encarrega de imprimir valores subjetivos na relação entre os textos. Valores que nos levam a admitir que a intertextualidade sempre corresponde a uma renovação de sentido na situação em que ocorre. (KOCH; ELIAS, 2016 p. 39-59).

Assumir que o texto “faz parte da memória social de uma coletividade” (KOCH, BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 17) não é algo óbvio, é um corte teórico que respalda a capacidade que a sociedade tem de não só armazenar mas de usar a palavra visando o outro que, tomando-a como referência, também fala e escreve, isto é, dialoga. E essa atitude se concretiza em algumas formas de construir intertextualidade (intertextualidade temática, estilística, explícita, implícita), formas que põem em luta a compreensão responsiva que dá curso ao pensamento humano.

Se com Bakhtin (2011, p. 311, grifo do autor) sabemos que “O acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve *na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos*”, com Barthes (2012, p. 70-71) o texto é encruzado de linguagens culturais, antecedentes ou contemporâneas que o atravessam de fora a fora numa vasta estereofonia⁵⁵; se com Beaugrande e Dressler a mediação põe em jogo as inquietações subjetivas que dão vida ao texto, com Koch, Bentes e Cavalcante, a relação entre os textos redundando em algum efeito dialógico.

Em nossa introdução, anunciamos Maingueneau (2011) como o autor em que nos apoiamos para a classificação dos discursos citados, uma vez que, fundamentando-se na noção de polifonia, este linguista oferece categorias operacionais para a nossa pesquisa. É o que fazemos a seguir.

⁵⁴ “La influencia que tiene la localización situacional sobre el texto durante el encuentro comunicativo está mediatizada por la intervención (o MEDIACIÓN) de la subjetividad de los interlocutores, quienes suelen introducir sus propias creencias y sus propias metas en el MODELO mental que construyen de la situación comunicativa en curso”. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 2016, p. 225).

⁵⁵ Segundo Borba (2002, p. 638), estereofonia é a “técnica de reconstituição da distribuição espacial das ondas sonoras de tal forma que dá a quem ouve a impressão de que o som vem realmente da fonte que o produziu: [...]”.

3.4 Maingueneau: o discurso relatado

Apoiado na noção de polifonia, “[...] utilizada na linguística para analisar os enunciados nos quais várias ‘vozes’ são percebidas simultaneamente” (MAINGUENEAU, 2011, p. 138), este linguista trata o discurso relatado utilizando os termos enunciador e coenunciador⁵⁶, discurso citante (voz do enunciador citante) e discurso citado (voz do enunciador citado) (MAINGUENEAU, 2011). Contudo, como nem sempre o que é polifônico é intertextual, recorreremos a essa diferença citando Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 79, grifo do autor):

O conceito de polifonia é mais amplo que o de intertextualidade. Enquanto nesta [...] faz-se necessária a presença de um intertexto, cuja fonte é explicitamente mencionada ou não (intertextualidade explícita x intertextualidade implícita), o conceito de polifonia, tal como elaborado por Ducrot (1980, 1984) [...], exige apenas que se *representem, encenem* (no sentido teatral), em dado texto, perspectivas ou pontos de vista de enunciadores (reais ou virtuais) diferentes [...]. Isto é, ‘encenam-se’ no interior do discurso do locutor perspectivas ou pontos de vista representados por enunciadores reais ou virtuais diferentes, sem que se trate, necessariamente, de textos efetivamente existentes.

Assim, enquanto para intertextualidade restrita o intertexto é necessário, na polifonia o que assistimos é um coro de vozes pondo em diálogo pontos de vistas diferentes. No seguinte fragmento, o que vemos não é um caso de intertextualidade, mas um caso de polifonia:

E2: ‘Você fica feliz por voltar, mas não dá para aproveitar bem a experiência porque, para ser sincero, você se sente horrível’, afirmou Peake a ITV News. (anexo a – 5)

(E1: - voz geral: (Quem fica ou está feliz geralmente não se sente horrível.)

Neste exemplo do nosso *corpus*, o operador concessivo *mas* expressa a noção de contraste entre as vozes de E2, que, ao tempo em que anuncia a felicidade se

⁵⁶ A respeito de *coenunciador*, diz Maingueneau (2011, p. 54, grifo do autor): “Se admitimos que o discurso é interativo, que ele mobiliza dois parceiros, torna-se difícil nomear ‘destinatário’ o interlocutor, pois, assim, a impressão é a de que a enunciação caminha em sentido único, que ela é apenas a expressão do pensamento de um locutor que se dirige a um destinatário passivo. Por isso, acompanhando o linguista Antoine Culioli, não falaremos mais de ‘destinatário’, mas de **coenunciador**. Empregado no plural e sem hífen, **coenunciadores** designará os dois parceiros do discurso”.

sente horrível; e E1⁵⁷, que, falando de modo genérico, questiona o posicionamento de E2.

Já no fragmento que segue, há intertextualidade, pois o jornalista, ao apoiar-se em outro discurso (“Segundo os pesquisadores”), incorporou uma fala anteriormente produzida em seu texto para dar credibilidade ao que diz:

Segundo os pesquisadores os efeitos foram similares aos da doença gordurosa hepática não alcoólica e um princípio de fibrose. (anexo a – 15)

Esse fator é fundamental para articularmos os casos de discursos relatados, segundo Maingueneau (2011), com o processo de intertextualidade explícita.

Para Maingueneau,

Esse termo [intertextualidade] designa ao mesmo tempo uma *propriedade constitutiva de qualquer texto* e o conjunto de *relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado* mantém com outros textos. Na primeira acepção, é uma variante da *interdiscursividade*. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 288, grifo do autor).

A distinção que acabamos de mostrar entre polifonia e intertextualidade nos autoriza a aprofundar a teoria do discurso relatado (MAINGUENEAU, 2011) estabelecendo, assim, um vínculo necessário entre ela, polifonia, e a intertextualidade. Deste modo, coerente com os conceitos “enunciador/coenunciador”, “citante/citado”, o linguista assim define o conceito de discurso relatado: “O discurso relatado constitui *uma enunciação sobre outra enunciação*; põem-se em relação dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação citada objeto da enunciação citante”. (MAINGUENEAU, 2011, p. 139, grifo do autor). A partir dessa definição, Maingueneau desenvolve os tipos de discurso relatado: modalização em discurso segundo (MDS), discurso direto, discurso indireto, ilha textual. A seguir, exemplificamos e comentamos cada um desses discursos.

Com relação à modalização em discurso segundo, vejamos o que diz Maingueneau (2011, p. 139, grifo do autor):

Existe, todavia, um modo mais simples e mais discreto para um enunciador indicar que não é o responsável por um enunciado: basta-lhe indicar que está

⁵⁷ E2 = segundo enunciador; E1 = primeiro enunciador

se apoiando em um outro discurso: fala-se então de modalização⁵⁸ em discurso segundo.

E dá os seguintes exemplos:

Segundo X, a França, prepara uma represália...

A França, *segundo fontes bem informadas*, prepara uma represália...

A França, *parece*, prepara uma represália...

A França *prepararia* uma represália...

O Tribunal de contas acaba de concluir um inquérito sobre o conselho geral das Minas que, *segundo dizem*, tenderia a ser crítico. (*Libération*, 20 de janeiro de 1997)

Para Claude Leclerc, a criação de um plano de previdência privada vem a calhar para resolver a crise demográfica que se incidirá em 2005-2007. (*Le Monde*, 4 de março de 1997)

Com os discursos seguintes, extraídos no nosso *corpus*, os produtores procuram indicar que não são os responsáveis pelos ditos:

Segundo o relatório, a proporção entre as toneladas de plástico e as toneladas de peixe registradas nos oceanos era de 1 para 5 em 2014. Em 2025, será de 1 para 3 e em 2050 irá evoluir de 1 para 1. (anexo d – 7, grifo nosso)

De acordo com astrônomos das universidades de Washington em St. Louis e Purdue, nos Estados Unidos, a Sputnik Planum – região do planeta anão que tem o formato de um coração — se renova de tempos em tempos. (anexo g – 5, grifo nosso)

Com as expressões, em negrito, das duas falas anteriores, os jornalistas divulgadores (enunciadores citantes), mostram que pretendem livrar-se do conteúdo atribuído ao enunciadores citados, “o relatório” e “astrônomos...”.⁵⁹

⁵⁸ Para Charaudeau, “a *modalização*, como sabemos, é o meio de que dispõe o locutor-relator para expressar a atitude de crença para com a veracidade dos *propósitos* do locutor de origem. Essa atitude se reflete na escolha dos verbos que descrevem o modo de declaração (x diz, declara, informa, relata, anuncia, indigna-se etc.) ou nas diversas marcas de distanciamento (segundo, de acordo com, acredita, acha etc., ou o emprego do condicional), e depende do que se pode chamar de ‘posicionamento’ do locutor-relator”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 171, grifo do autor).

⁵⁹ Para Maingueneau (2011, p. 139, grifo do autor), “Os elementos acima em itálico [*Segundo X, segundo fontes bem informadas, segundo dizem...*] entram na categoria mais vasta dos

Em outra passagem, diz Maingueneau (2011, p. 139):

Os modalizadores têm outras funções, além de remeter ao discurso de outra pessoa: *talvez, manifestamente, provavelmente, felizmente, parece, de alguma forma...* são também modalizadores. É o que ocorre no seguinte fragmento de artigo em que um joalheiro da rue de la Paix critica os clientes da joalheria Tati, de preços considerados muito baixos.

E traz este exemplo:

Surge um novo estilo de cliente, um estilo, *digamos...* cheguei (*Le Figaro, 2 de maio de 1997*).

Em seguida, comenta:

O 'digamos' constitui um comentário do enunciador sobre seu próprio discurso, apresentando a expressão 'cheguei' como ligeiramente inadequada. Porém, como essa entrevista aparece em um artigo de jornal, foi o jornalista que, em última instância, decidiu manter esse modalizador. (MAINGUENEAU, 2011, p. 140).

Assim, há enunciados em que certos modalizadores implicam o ponto de vista do próprio enunciador citante. É o caso de enunciados como o seguinte, em que o divulgador, pelo modalizador "provavelmente", assume, mesmo parcialmente, a responsabilidade pela informação transmitida:

*De acordo com o Ministério da Defesa, os objetos não continham material explosivo e **provavelmente** são lixo espacial. (anexo h – 6, grifo nosso).*

Se com a modalização em discurso segundo, o enunciador citante se nega a assunção da responsabilidade, pelo discurso direto, além desse fator, há uma preocupação maior do enunciador citante em transmitir as palavras do enunciador citado exatamente como foram proferidas por ele. Conforme Maingueneau (2011, p. 140):

Diferentemente da modalização em discurso segundo, o discurso direto (DD) não se contenta em eximir o enunciador de qualquer responsabilidade, mas ainda simula restituir as falas citadas e se caracteriza pelo fato de dissociar

modalizadores, graças aos quais o enunciador pode, ao longo do seu discurso, *comentar sua própria fala*.

claramente as duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado.

É o que ocorre com o seguinte exemplo, em que o jornalista está certo de que não assume qualquer responsabilidade sobre o dito, fazendo questão de separar, visivelmente, os dois discursos utilizando aspas. Maingueneau (2011) chama isso de “encenação”⁶⁰ cuja pretensão é criar um efeito de autenticidade no leitor, isto é, o enunciador citante deve reproduzir os fragmentos (palavras, expressões) tais quais as do enunciador citado. (MAINGUENEAU, 2011, p. 141):

‘Perder-se em um livro é o maior estágio de relaxamento possível’, opinou o neuropsicólogo David Lewis, que conduziu o teste. (anexo c – 24).

Maingueneau também fala sobre uma “variante” do discurso direto, o discurso direto sem aspas, uma “[...] forma de DD considerada problemática” (MAINGUENEAU, 2011, p. 146), à qual o linguista se refere como “[...] uma reformulação que mantém o sentido geral” do enunciado. (MAINGUENEAU, 2011, p. 146).

Com relação a ao discurso direto sem aspas, Maingueneau (2011, p. 146) dá o seguinte exemplo:

O que Suami Agnivesh contesta é a própria política de boicote aos artigos ‘*children made*’, segundo ele, contraprodutiva: é sobre o governo que se deveria fazer pressão, mais do que sobre os comerciantes de tapetes ou de roupas. Não, retruca, Kailash, pois ninguém na Índia tem interesse em que o sistema mude: a mão-de-obra infantil é a mais barata que existe, já que as crianças recebem um quinto do salário dos adultos. Isso explica, aliás, a correlação entre o número de desempregados adultos e o número de crianças que trabalham: *‘Em 1947, havia 10 milhões de crianças que trabalhavam e 10 milhões de adultos desempregados. Hoje, chegamos a 55 milhões de crianças trabalhando e 60 milhões de desempregados.’ (Le Nouvel Observateur, 21-27 de novembro, 1997).*

Em seguida, comenta:

O fragmento ‘é sobre o governo... ou de roupas’ é interpretado espontaneamente como DD, mas sem aspas, diferentemente do DD clássico. É provável que não se trate das próprias palavras de Suami Agnivesh, mas de uma reformulação que mantém o sentido geral; isso explicaria a ausência

⁶⁰ “De toda maneira, não há como comparar uma ocorrência de fala efetiva (com, no oral, determinada entonação, gestos, um auditório que reage...) e um enunciado citado entre aspas em contexto totalmente diverso. Como a situação de enunciação é reconstruída pelo sujeito que a relata, é essa descrição necessariamente subjetiva que condiciona a interpretação do discurso citado. O DD não pode, então, ser objetivo: por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal”. (MAINGUENEAU, 2011, p. 141).

de aspas. O mesmo acontece no fragmento seguinte ('Não, retruca...') que, presumivelmente, reproduz o conteúdo da fala de Kailash, não sua literalidade. O texto estabelece assim claramente uma separação entre esse tipo bastante particular de DD sem marcas tipográficas, que transmite o que há de substancial da fala citada, e o 'verdadeiro' DD em itálico e entre aspas no fim do texto, o qual, pretensamente, restitui as próprias palavras empregadas. (MAINGUENEAU, 2011, p. 146).

Em nosso *corpus* encontramos exemplos como estes: "Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes" (anexo d - 1), provavelmente uma reformulação que mantém o sentido geral da fala de "um comunicado do Fórum": "A par do custo financeiro, se nada mudar, os oceanos terão mais plásticos do que peixes [em peso] até 2050, indicou um comunicado do fórum" (anexo d – 5).

Ao lado do discurso direto, como os que acabamos de citar, Maingueneau trata de outros modelos (o enunciador genérico, discurso direto livre, discurso indireto livre etc.) dos quais não nos ocupamos, conforme anunciamos em nossa introdução, razão pela qual passemos para o discurso indireto e ilha textual.

Segundo Maingueneau (2011, p. 149, grifo do autor), "Com o discurso indireto, o enunciador citante tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, pois não são as palavras exatas que são relatadas, mas sim o *conteúdo do pensamento*". Na condição de "conteúdo do pensamento", o autor elege como discurso indireto legítimo o modelo clássico (verbo + *que*): "Há três dias Paulo disse que você viria amanhã". (MAINGUENEAU, 2011, p. 150). Isso lhe permite observar uma certa forma de discurso indireto diferente da tradicional, uma vez que à voz do enunciador citante agregam-se algumas palavras entre aspas do enunciador citado. Por isso essa forma, bem próxima do discurso indireto, é chamada de forma híbrida ou ilha textual, da qual o linguista dá este exemplo: "Em Dublin, no final de 1996, sr. Chirac declarou que o euro era necessário *para o trabalho e para o crescimento*". (MAINGUENEAU, 2011, p. 151, grifo do autor).

De nosso *corpus* trazemos dois exemplos, o primeiro, discurso indireto, espécie de paráfrase do conteúdo do pensamento do enunciador citado; o segundo, ilha textual, a qual "[...] mesmo tratando-se globalmente de discurso indireto, este contém algumas palavras atribuídas aos enunciadores citados" (MAINGUENEAU, 2011, p. 151):

Um estudo da Universidade do Colorado mostrou que ratos que passaram 13,5 dias em órbita voltaram com danos no fígado. (anexo a – 14).

O astronauta britânico Tim Peake afirmou estar vivendo 'a pior ressaca do mundo' depois de sua estadia de 6 meses na Estação Espacial Internacional. (anexo a – 3).

No capítulo 4, a seguir, apresentamos os aspectos metodológicos que orientam esta pesquisa: a construção do *corpus* e os procedimentos de análise adotados para as categorias.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para uma análise segundo, especialmente, as perspectivas da Linguística Textual (LT) e da Teoria Semiolinguística do Discurso de Charaudeau. Desta última abordagem, nos servem de orientação direta a situação de comunicação do ato de linguagem, nível em que tratamos a divulgação científica midiática a partir das categorias identidade dos protagonistas, finalidade do ato de comunicação, propósito e circunstâncias materiais. (CHARAUDEAU, 2001, 2013, 2016). O foco das nossas atenções é a intertextualidade explícita, um dos aspectos da textualidade reconhecido como estudo de frente da Linguística Textual. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 17). Acrescentemos, ainda, que nosso *corpus* de citações foi construído a partir das orientações de Maingueneau (2011).

Isto posto, ao examinar a divulgação científica midiática, a pesquisa busca estabelecer relação da intertextualidade com a dupla visadas de informação e captação do discurso midiático. (CHARAUDEAU, 2013; 2016). Esta proposição está na base de nossas questões de pesquisa:

- a) a intertextualidade nas notícias do *corpus* marca, de forma relevante, a presença do discurso científico na divulgação científica midiática?
- b) em que medida a intertextualidade serve às visadas de informação e captação do discurso de midiatização da ciência?

Conforme anunciamos na introdução, a tese defendida é a de que a intertextualidade explícita na forma de citação, nas notícias da Galileu *online*, passa por um processo de encenação discursiva de modo que a finalidade de informar os conhecimentos científicos apresenta-se de forma dramática. Esse procedimento, típico de órgãos midiáticos que, na obrigação de informar precisam cativar o leitor, é a base de uma situação de discurso de midiatização da ciência: a dupla visada de informação e de captação do discurso midiático.

As questões de pesquisa acima definem o norte da tese, que vem demonstrada nesta hipótese: a recorrência ao recurso da intertextualidade nas notícias da Galileu *online*, *aba ciência*, é uma estratégia relevante para inscrever a ciência nessa revista, cumprindo a dupla finalidade do domínio midiático: informar e captar o leitor.

Dessa forma, na seção que segue, apresentamos o nosso *corpus* de estudo, explicitando o critério de seleção e procedendo à sua descrição.

4 1 A Construção do *Corpus*

Iniciamos os procedimentos metodológicos anunciando conceitos que fundamentam a seleção e descrição do *corpus*. Quanto a esse assunto, assim se posiciona Charaudeau (2011, p. 4): “Um *corpus* de discurso só pode ser constituído por um conjunto de produções linguageiras em situação de uso”⁶¹. E fazendo justiça à fusão do quantitativo com o qualitativo, esse linguista diz ainda que “[...] o estudo quantitativo faz sentido em si, mas um sentido provisório que deve ser confirmado, corrigido ou mesmo contradito e, em todo caso, estendido e aprofundado pela análise qualitativa”. (CHARAUDEAU, 2011, p. 20). Em razão disso, o estudo da língua em uso permite com maior vantagem metodológica a utilização do método misto, a nosso ver mais adequado à busca de resultados que seriam inalcançáveis caso se desse preferência a um dos métodos.

Essa orientação se encontra em Creswell (2010). Segundo esse autor:

A **pesquisa de métodos mistos** é uma abordagem de investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. Envolve suposições filosóficas, o uso de abordagens qualitativas e quantitativas e a mistura das duas abordagens em um estudo. Por isso, é mais do que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados; envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada [...]. (CRESWELL, 2010, p. 27, grifo do autor).

As suposições filosóficas referem-se à concepção pragmática que instrui a conduta do investigador de métodos mistos, pois o pragmatismo (CRESWELL, 2010, p. 34) dá curso aos projetos no desenrolar mesmo das ações, das situações de interesse dos pesquisadores e das consequências previstas para a pesquisa. Associar os métodos qualitativos e quantitativos quer dizer tirar maior proveito dos objetivos da pesquisa que realmente justifiquem a parceria entre um e outro e supere os limites dos dois métodos enquanto procedimentos executados cada qual fechado em suas normas.

Como já mencionamos, nosso objeto de análise é a divulgação científica midiática produzida pela Revista Galileu *online*, *corpus* de 20 textos constituído no ano de 2016. São notícias cuja seleção obedeceram às recomendações dos fins

⁶¹ Segundo Charaudeau (2008, p. 68, grifo do autor) é “A **Situação de comunicação** que constitui o enquadre ao mesmo tempo *físico* e *mental* no qual se acham os parceiros da troca linguageira, os quais são determinados por uma *identidade* (PSICOLÓGICA E SOCIAL) e ligados por um *contrato de comunicação*”.

discursivos “fazer saber” e “fazer sentir” do contrato de mediação da ciência. Charaudeau (2013, p. 92) assim explica a diferença entre as duas finalidades:

[...] finalidade de fazer saber, que deve buscar um grau zero de espetacularização da informação, para satisfazer o princípio de seriedade ao produzir efeitos de credibilidade; finalidade de fazer sentir, que deve fazer escolhas estratégicas apropriadas à encenação da informação para satisfazer o princípio de emoção ao produzir efeitos de dramatização.

Aceitando essa orientação, para a construção do *corpus* consideramos o lugar de publicação (site Galileu *online*, aba “ciência”) e a categoria “tema”. Referimo-nos aos temas *astronomia*, *pesquisa*, *saúde* e *meio ambiente*. Quanto ao lugar de publicação, seguimos estes critérios: *origem*: revista nacional e renomada no jornalismo científico; *perfil de publicação*: revista dirigida preferencialmente a um público adolescente; *política de acesso*: site de leitura irrestrita; *tempo de coleta*: textos publicados em 2016 (ano em que ingressamos no doutorado, momento que demandava a escolha de uma revista adequada à delimitação do objeto em vista), usando o processo “copiar e colar”. Por serem notícias *online*, geralmente numa investida apanhavam-se uma série delas, motivo por que em alguns momentos as datas de publicação são bem próximas, noutros, mais distantes. Além disso, a leitura do *corpus* nos permitiu observar certas particularidades importantes da sua estrutura: diversidade de temas (astronomia, meio ambiente, saúde etc.); certas diferenças na construção (enquanto uma notícia vem com cinco ou mais citações, outras com apenas uma); algumas são assinadas por jornalistas, outras pela redação etc.

Depois de constatar, por algumas amostras, que as notícias da Galileu *online* preenchem nossos objetivos, concluímos que a totalidade das amostras correspondia aos resultados particulares⁶², aos quais chegamos a partir de levantamento quantitativo das citações. Priorizando a temática oferecida pela própria aba “ciência”, os temas foram classificados em quatro blocos de 5 notícias. Exceto o último bloco (meio ambiente), em que selecionamos 4 autorias (*Redação Galileu*, Giuliana de Toledo, Estúdio Globo e Agência Brasil), os demais blocos foram montados com dois autores diferentes (*Astronomia* – Nathan Fernandes e Cláudia Fusco; *Pesquisa* – Lucas Alencar e Isabela

⁶² “Indução: procedimento lógico pelo qual se passa de alguns fatos particulares a um princípio geral. Trata-se de um processo de generalização, fundado no pressuposto filosófico do determinismo universal. Pela indução, estabelece-se uma lei geral a partir da repetição constatada de regularidades em vários casos particulares; da observação de reiteradas incidências de uma determinada regularidade, conclui-se pela sua ocorrência em todos os casos possíveis”. (SEVERINO, 2007, p. 104).

Moreira; *Saúde* – Humberto Abdo e Bruno Vaiano). Essa classificação permitiu um cruzamento de temas de modo que se evitasse a repetição dos autores em temas diferentes, uma vez que entre eles há os que escrevem sobre vários assuntos. Com esse critério nos foi possível refinar a particularidade de cada jornalista divulgador.

Do montante de 20 notícias selecionamos quatro temas diferentes. A partir de um bloco de 5 textos, selecionamos (como num sorteio) 1 texto por assunto. Assim, do bloco “astronomia”, foi selecionado o texto (i); do bloco “pesquisa”, o texto (ii); do bloco “saúde”, o texto (iii), e, do bloco “meio ambiente”, o texto iv. Dessa forma, as notícias que compõem o *corpus* da análise final são: (i) “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta (Nathan Fernandes – jun. 2016); (ii) Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea (Lucas Alencar – jun. 2016); (iii) 7 provas de que ler faz bem para sua saúde (Humberto Abdo – dez. 2016); (iv) Oceanos em 2050 vão ter mais plásticos do que peixe (Agência Brasil – jan. 2016).

Essa prioridade temática deve-se a reflexões de natureza pedagógica em torno do ato de educar para a vida, tendo a ciência como um dos componentes imprescindíveis na formação pós-moderna, como indica, em linhas gerais, este trecho do Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao expor o compromisso com a educação integral:

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades. (BRASIL, 2017, p. 14).

Mais acima, falamos sobre a situação de comunicação midiática e suas categorias (condição identidade, condição de finalidade, condição propósito e condição de dispositivo). Esse quadro requer esclarecimentos detalhados sobre o conceito de situação geral de comunicação (doravante SGC) e de situação específica de comunicação (doravante SEC).

SGC é um conjunto de instrumentos conceituais e se define pelas instâncias de informação, instância pública, instância de finalidade discursiva (de “fazer saber” e comentar os acontecimentos do mundo) e um domínio temático (de acontecimentos que se produzem no espaço público imediato). (CHARAUDEAU, 2010). Este é o lugar

de conceitos gerais da comunicação midiática, que podem orientar as mais diversas produções. Uma vez decidida uma situação de uso, é preciso defini-la, é preciso concretizá-la: definir os sujeitos participantes da troca e os papéis sociais que vão assumir. Trata-se da situação específica de comunicação; neste lugar, as regras de trabalho estão traçadas conforme as condições do contrato. Segundo Charaudeau (2010, p. 10),

Se naquela [SGC] temos instâncias de comunicação definidas globalmente, aqui [SEC] temos os sujeitos participantes da troca, com uma identidade social e papéis comunicacionais bem precisos. O mesmo acontece com a finalidade de troca e o domínio temático, que são especificados em função das 'circunstâncias materiais' nas quais se desenrolam efetivamente.

Noutros termos, a Revista Galileu é o lugar em que o discurso de midiaticização da ciência (DCM) será materializado. Assim, como variante da SGC, a Galileu *online* é um suporte midiático cuja finalidade caracteriza-se pelas visadas de informação e de captação; pela visada de informação, o produtor transmite ao receptor um saber que provavelmente ele não sabe; pela visada de captação, por questões de sobrevivência econômica, a produção procura sensibilizar os leitores visando convencê-los a se interessarem pelos textos. Também caracteriza a revista a identidade dos parceiros (jornalista divulgador e público-alvo, uma relação assimétrica entre as instâncias de produção e recepção) e a temática em discussão. (CHARAUDEAU, 2016).

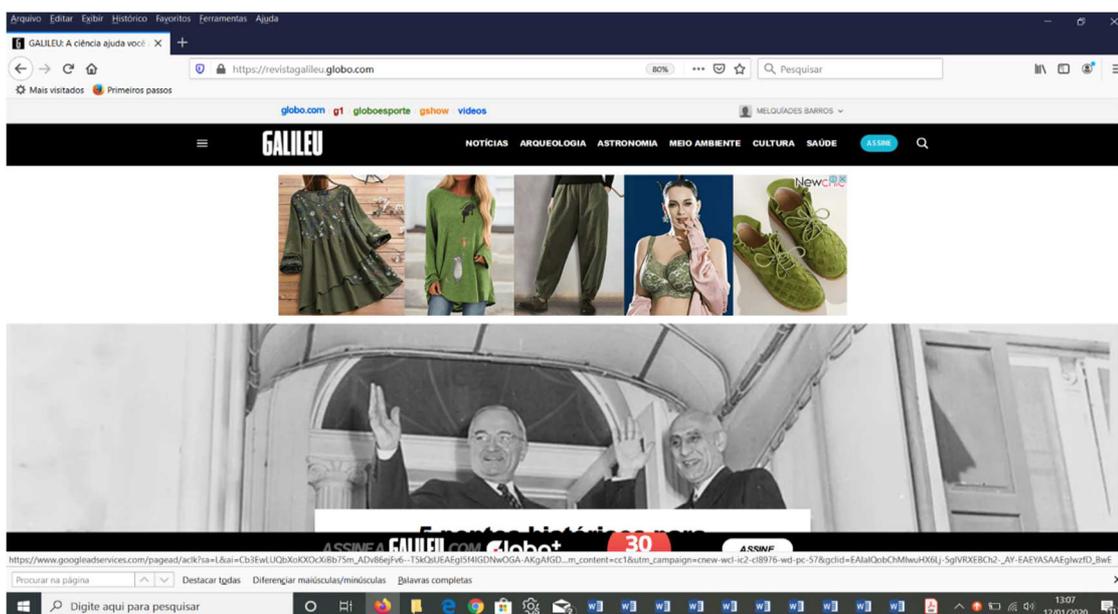
Entre as lógicas das mídias a que se refere Charaudeau (lógica econômica, lógica tecnologia e lógica simbólica), ressalta ao nosso interesse a “lógica simbólica”, que, segundo Charaudeau (2013, p. 16), “[...] trata-se da maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido”. As notícias da Galileu *online* compõem essa lógica, conseqüentemente, fazem parte de um contrato de comunicação a partir do qual serão analisadas.

Os motivos por que escolhemos a Galileu já foram explanados na introdução. Apenas acrescentamos que se trata de uma produção do Grupo Globo, que acredita que “A Galileu parte da ciência para entender por que as coisas são como são – e não como deveriam ser – e aponta caminhos para que elas sejam diferentes”. (ASSINE..., 2020). Diante disso, convém apresentar a revista de modo detalhado, situando o leitor na complexidade e importância desse dispositivo.

A Revista Galileu, que já se chamou Globo Ciência, é uma publicação do Grupo Globo e entrou no mercado editorial produzindo informação sobre política, tecnologia, cultura e sociedade, em 1991. Com o *slogan* atual “A ciência ajuda você a mudar o mundo”, esta revista é elaborada pensando prioritariamente na classe jovem, adolescentes interessados sobretudo nos fatos científicos e tecnológicos que marcam a atualidade, mas com conteúdo e estilo que vêm agradando leitores de outras faixas etárias.

Em sua versão *online*, sob a direção da editora Giuliana de Toledo, a Galileu distribui seu conteúdo em seis abas: Home, Notícias, Ciência, Sociedade, Cultura e Vestibular e Enem. Esse conteúdo pode ser visualizado nas figuras a seguir, que ilustram cada uma das abas.

Figura 3 - *Print* do home do portal da Revista Galileu *online*



Fonte: Revista Galileu *online* (2020).

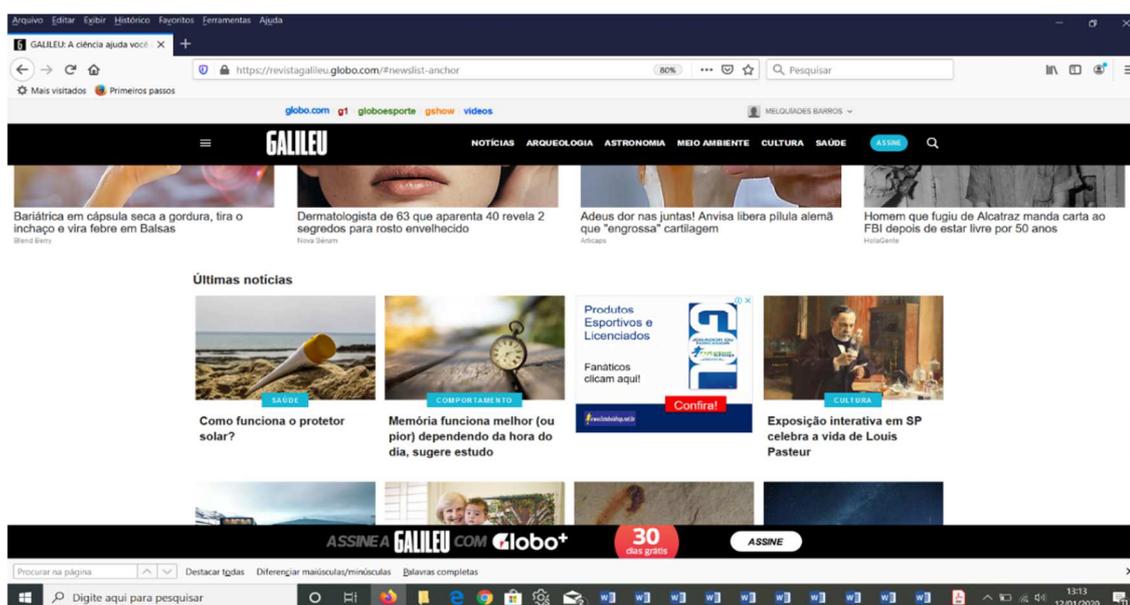
Em “Home”, na parte superior da tela, a revista exhibe em destaque vídeos de propaganda (calçados, por exemplo); à esquerda, o “sumário” de todo o conteúdo da revista e, na parte superior, destaca-se uma foto antiga de um encontro entre o presidente norte-americano Harry S. Truman e o primeiro-ministro iraniano Mohammad Mossadegh, em 1951, para mostrar que as relações entre Estados Unidos e Irã vêm de longas datas. Após, na forma de convite o leitor é atraído para a notícia “5 pontos históricos para entender a relação conflituosa entre EUA e Irã” (12 de janeiro de 2020), em destaque num fundo branco. No meio da página, links à

disposição do leitor que queira navegar em busca de novidades em áreas diversas (saúde, ciência, astronomia, biologia), assim como propagandas de turismo (“Turkish Airlines”), oferecendo ofertas de voo para 2020 e os “links patrocinados”, do tipo “Dermatologista de 63 que aparenta 40 revela 2 segredos para rosto envelhecido”.

No meio da página, uma chamada da notícia presumidamente de grande interesse do leitor (“Satélites de Elon Musk vão passar pelo Brasil – e você poderá observá-los?”), pois vem destacada com letras grandes e imagem. Ainda com o fim de divulgar as notícias, na parte mais inferior, uma lista de notícias com diversos assuntos. À direita da página, na parte mais superior, a seção “Saiba mais”, e, no meio da página, a seção “Mais lidas”. Mais embaixo, uma seção de 4 links de notícias referentes só à cultura e à história, acompanhados da observação “ver mais desta seção”; quase no fim da página, o bloco “Newsletter” “Junte-se a nossa newsletter!”, proposta de cadastro para que recebamos as novidades da Galileu via e-mail.

Encerra a página, um bloco de propagandas (carros, smartphone etc.), e informações administrativas, como a “política de privacidade”, “princípios editoriais”, “expediente”, o acesso a *sites* de outras revistas (Época, Globo Rural etc.). Contudo, é no conjunto de abas que a revista dispõe aos leitores os temas instigantes das áreas científicas mais representativas no mundo moderno. Esse conteúdo vem articulado com a aba “Notícias”, figura 4 a seguir.

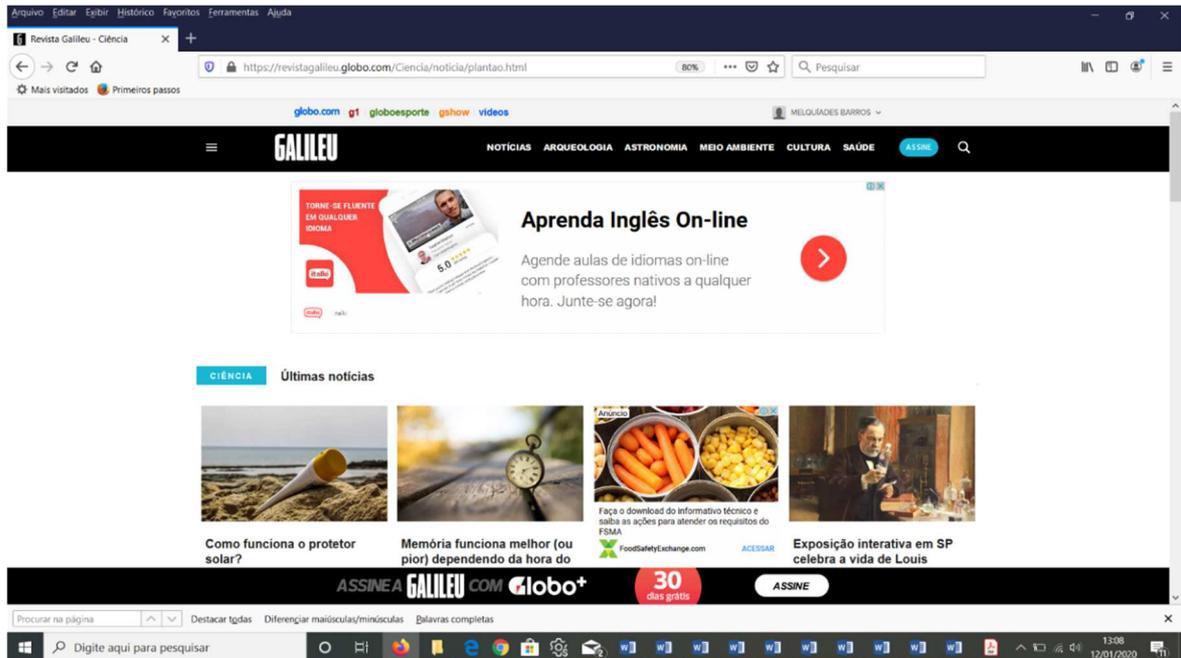
Figura 4 - *Print* da aba “Notícias” (Últimas notícias) da Revista Galileu *online*



Fonte: Revista Galileu *online* (2020).

Essa aba é especializada em divulgar todas as notícias do dia sobre saúde, cultura, política etc. Termina a página a seção “Veja mais”, convidando o leitor a acessar outras notícias disponíveis. Estas, se diversificam na aba “Ciência”, figura 5 abaixo.

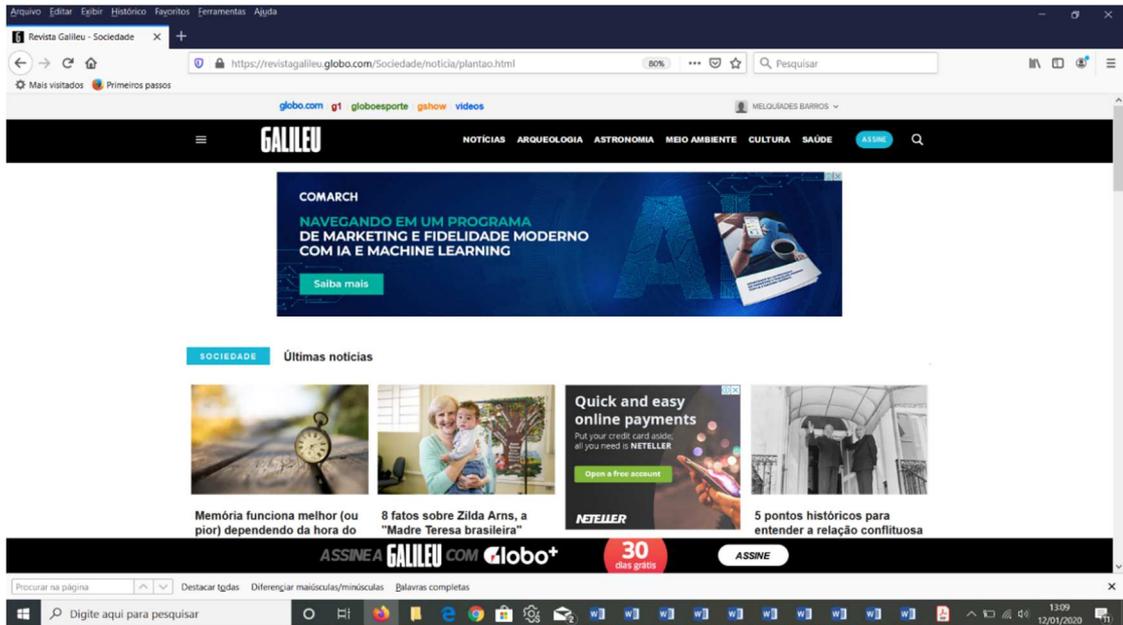
Figura 5 - *Print da aba “Ciência” da Revista Galileu online*



Fonte: Revista Galileu *online* (2020).

A aba “Ciência” agrega temas da arqueologia, astronomia, biologia, meio ambiente, neurologia, pesquisa, psicologia e saúde. Após a exibição de notícias sobre temas gerais (saúde, comportamento, meio ambiente, espaço...), a revista concentra-se em temas voltados para a política, a economia, a história etc., na aba “Sociedade”, figura 6

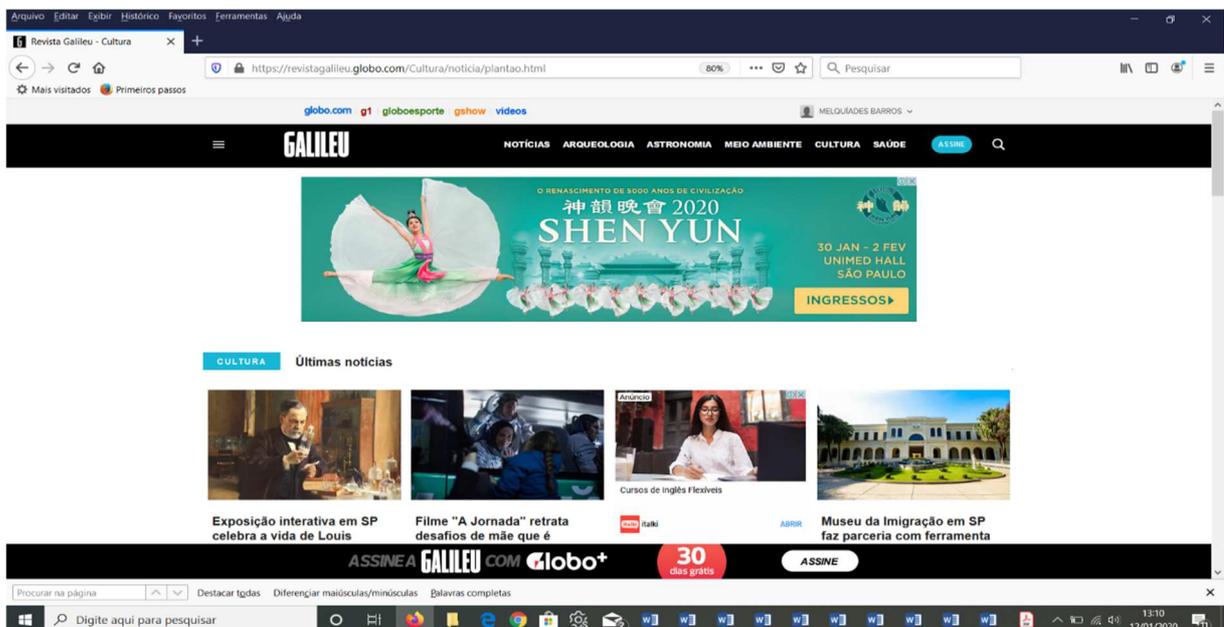
Figura 6 - *Print da aba “Sociedade” da Revista Galileu online*



Fonte: Revista Galileu *online* (2020).

A aba “Sociedade” traz os temas mais variados sobre alguma indagação histórica: ativismo, comportamento, economia, política, urbanidade, curiosidade, filosofia e história. Articulados a esses temas, somam-se os temas representantes da cultura. Esta especialidade vem representada na aba “Cultura”, figura 7.

Figura 7 - *Print* da aba “Cultura” da Revista Galileu *online*

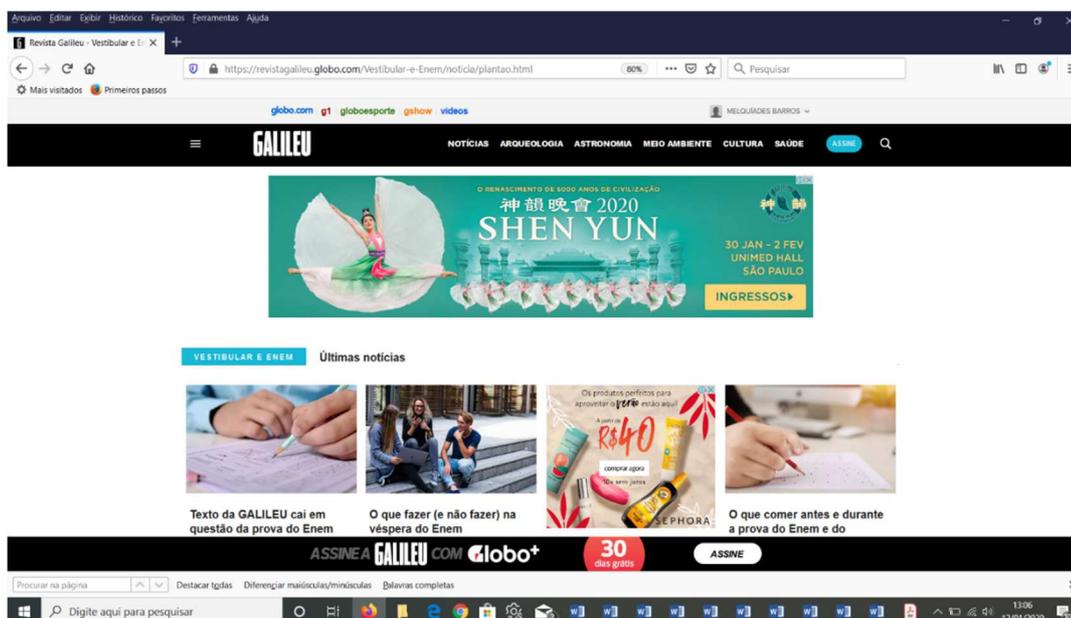


Fonte: Revista Galileu *online* (2020).

É possível observar neste *print* a especialidade da aba “Cultura”. Ela engloba arte, cinema, cultura digital, livros, música, quadrinhos e séries.

Ao lado de todo esse conjunto de informações, a Galileu preparou conteúdos específicos para os que pretendem concorrer ao vestibular e ao Enem, o que pode ser constatado na aba “Vestibular e Enem, figura 8.

Figura 8 - *Print* da aba “Vestibular e Enem” da Revista Galileu Online



Fonte: Revista Galileu *online* (2020).

A aba “Vestibular e Enem” remete o interessado a exercícios, videoaulas, correção de redação, tira dúvidas e outros benefícios.

Termina a apresentação da Revista Galileu *online*, passemos à apresentação do *corpus*. No quadro a seguir, trazemos as notícias que compõem o *corpus*, as quais vêm numeradas conforme foram catalogadas de GALILEU 001 a GALILEU 020 do ano de 2016. Além de virem distribuídas em blocos de temas (astronomia, pesquisa, saúde e meio ambiente), agregamos as seguintes informações: nome do autor, título da notícia, a revista, o lugar, data de publicação, endereço *online* e acesso.

Quadro 1 - Relação das notícias que constituem o *corpus*

	ASTRONOMIA
GALILEU 001 2016	FERNANDES, Nathan. “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta. Revista Galileu , São Paulo, 21 jun. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2016/06/voltar-terra-e-como-ter-pior-ressaca-do-mundo-diz-astronauta.html . Acesso em: 22 jun. 2016

GALILEU 002 2016	FERNANDES, Nathan. Astrônomos afirmam que existem mais buracos negros do que pensávamos. Revista Galileu , São Paulo, 24 jun. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2016/06/astronomos-afirmam-que-existem-mais-buracos-negros-do-que-pensavamos.html . Acesso em: 25 jun. 2016.
GALILEU 003 2016	FERNANDES, Nathan. Plutão pode ter oceano de água líquida submerso. Revista Galileu , São Paulo, 23 jun. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2016/06/plutao-pode-ter-oceano-de-agua-liquida-submerso.html . Acesso em: 24 jun. 2016.
GALILEU 004 2016	FUSCO, Cláudia. Buraco negro está engolindo galáxia mais brilhante do universo conhecido. Revista Galileu , São Paulo, 18 jan. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/01/buraco-negro-esta-engolindo-galaxia-mais-brilhante-do-universo-conhecido.html . Acesso em: 19 jan. 2016.
GALILEU 005 2016	FUSCO, Cláudia. Astrônomos descobrem supernova mais brilhante do céu. Revista Galileu , São Paulo, 14 jan. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/01/astronomos-descobrem-supernova-mais-brilhante-do-ceu.html . Acesso em: 15 jan. 2016.
	PESQUISA
GALILEU 006 2016	ALENCAR, Lucas. Cientistas encontram ossos de humanos parentes dos "hobbits". Revista Galileu , São Paulo, 08 jun. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/06/cientistas-encontram-ossos-de-humanos-parentes-dos-hobbits.html . Acesso em: 10 jun. 2016.
GALILEU 007 2016	ALENCAR, Lucas. Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea. Revista Galileu , São Paulo, 13 jun. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/06/quase-dois-tercos-dos-brasileiros-nunca-poderao-ver-lactea.html . Acesso em: 15 jun. 2016.
GALILEU 008 2016	MOREIRA, Isabela. Peixe que vive dentro de água-viva fica famoso na internet. Revista Galileu , São Paulo, 07 jun. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/06/fotografo-encontra-peixe-que-ficou-presos-dentro-de-agua-viva.html . Acesso em: 09 jun. 2016.
GALILEU 009 2016	MOREIRA, Isabela. Astrônomos descobrem que o coração de Plutão está "batendo". Revista Galileu , São Paulo, 03 jun. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/06/astronomos-descobrem-que-o-coracao-de-plutao-esta-batendo.html . Acesso em: 05 jun. 2016.
GALILEU 010 2016	MOREIRA, Isabela. Barulho bizarro do Mar do Caribe é detectado do espaço. Revista Galileu , São Paulo, 28 jun. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/06/barulho-bizarro-do-mar-do-caribe-e-detectado-do-espaco.html . Acesso em: 30 jul. 2016.
	SAÚDE
GALILEU 011 2016	ABDO, Humberto. 7 provas de que ler faz bem para sua saúde. Revista Galileu , São Paulo, 29 dez. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/12/7-provas-de-que-ler-faz-bem-para-sua-saude.html . Acesso em: 30 dez. 2016.
GALILEU 012 2016	ABDO, Humberto. Cientistas fazem novas descobertas sobre o HIV. Revista Galileu , São Paulo, 11 ago. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/08/cientistas-descobrem-como-o-virus-hiv-se-infiltra-em-celulas-saudaveis.html . Acesso em: 13 ago. 2016.
GALILEU 013 2016	VAIANO, Bruno. 3 dicas psicológicas para lidar com insônia. Revista Galileu , São Paulo, 24 ago. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/08/3-dicas-psicologicas-para-lidar-com-insonia.html . Acesso em: 25 ago. 2016.
GALILEU 014 2016	VAIANO, Bruno. Brasileiros desenvolvem método para tirar variação do colesterol ruim do sangue. Revista Galileu , São Paulo, 14 out. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/10/brasileiros-desenvolvem-metodo-para-tirar-variacao-do-colesterol-ruim-do-sangue.html . Acesso em: 15 out. 2016.

GALILEU 015 2016	VAIANO, Bruno. Participe da pesquisa mundial de saúde pública. Revista Galileu , São Paulo, 15 dez. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/12/participe-da-pesquisa-mundial-de-saude-publica.html . Acesso em: 16 dez. 2016.
	MEIO AMBIENTE
GALILEU 016 2016	REDAÇÃO GALILEU. Onda de 19 metros bate recorde de maior do mundo. Revista Galileu , São Paulo, 15 dez. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/12/onda-de-19-metros-bate-recorde-de-maior-do-mundo.html . Acesso em: 17 dez. 2016.
GALILEU 017 2016	TOLEDO, Giuliana de. Conheça o plano mundial para lidar com o aquecimento global. Revista Galileu , São Paulo, 09 nov. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/11/conheca-o-plano-mundial-para-lidar-com-o-aquecimento-global.html . Acesso em: 11 nov. 2016.
GALILEU 018 2016	TOLEDO, Giuliana de. Conheça o avião movido a energia solar que deu a volta no planeta. Revista Galileu , São Paulo, 30 set. 2016. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/09/conheca-o-aviao-movido-energia-solar.html . Acesso em: 02 out. 2016.
GALILEU 019 2016	ESTÚDIO GLOBO (PUBLIEDITORIAL). Como usar bem o lixo. Revista Galileu , São Paulo, 23 mai. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2016/05/como-usar-bem-o-lixo.html . Acesso em: 25 mai. 2016.
GALILEU 020 2016	AGÊNCIA BRASIL. Oceanos em 2050 vão ter mais plásticos do que peixe. Revista Galileu , São Paulo, 21 jan. 2016. Disponível em: http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/01/oceanos-em-2050-va-ter-mais-plastico-do-que-peixes.html . Acesso em: 23 jan. 2016.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Terminada a descrição e explicação da construção do *corpus*, cujas notícias foram expostas em um quadro específico para esta finalidade, passemos à explicação dos procedimentos de análise das notícias.

4.2 Procedimentos de Análise

A partir dos teóricos em que nos apoiamos para a construção do *corpus* (CHARAUDEAU, 2011; CRESWEL, 2010; MAINGUENEAU, 2011), para o entendimento da intertextualidade em geral e da intertextualidade na forma de citação em particular (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2012), da divulgação científica midiática (CHARAUDEAU, 2016) e, ainda, da identificação das fontes dos discursos citados (CHARAUDEAU, 2013; MAINGUENEAU, 2011), partimos para a composição dos nossos procedimentos de análise:

- i. Analisar as ocorrências de intertextualidade na forma de citação em situação geral e em situação específica de comunicação (a Revista Galileu *online*, aba ciência), caracterizada pelas condições de finalidade

(as visadas de informação e captação), de identidade dos parceiros (divulgador e destinatário-alvo) e da temática posta em discussão.

- ii. Descrever, classificar os discursos citados:
 - a) Discurso direto (com aspas, sem aspas)⁶³
 - b) Discurso indireto⁶⁴
 - c) Modalização em discurso segundo (*segundo X, para X, etc.*)
 - d) Ilha textual
 - e) Representar em quadro específico a discriminação dos discursos citados. Esse levantamento quantitativo é muito produtivo para a consolidação da análise qualitativa. Em termos qualitativos, ao final de cada análise apresentamos um quadro resumidor do resultado. Esses quadros compreendem os tipos de discurso (“discurso direto”, “discurso indireto”, “modalização em discurso segundo” e “ilha textual), e as categorias “efeito valorativo”, “modo de identificação” e “visadas”.
- iii. Observar e analisar as ocorrências dos fins discursivos do DCM:
 - a) Visada de informação (presença de estratégias de credibilidade e de legitimidade nos argumentos de autoridade)
 - b) Visada de captação (presença de estratégias de emotividade nos títulos, subtítulos e primeiros parágrafos)
- iv. Analisar os discursos citados (ii) observando como estão sujeitos às finalidades “fazer saber” e “fazer sentir” para inscrever a ciência na Revista Galileu *online*. Lembremos que as análises seguem uma lógica interpretativa que contempla: os três domínios discursivos na intersecção dos quais se situa o DCM, o discurso científico, o didático e o midiático; a restrição de seriedade (visada de informação), a restrição de emocionalidade (visada de captação); os efeitos produzidos (autenticidade, distanciamento, objetividade, seriedade) pelos discursos citados; a construção de estratégias de legitimação, credibilidade e captação pela intertextualidade na forma de citação.

⁶³ Não incluiremos outras modalidades de discurso direto como o *enunciador genérico* e o *discurso direto livre*. (MAINGUENEAU, 2011, p. 146-148).

⁶⁴ Não incluiremos o *discurso indireto livre* nem o *resumo com citações* apontados por Maingueneau (2011, p. 152-154). Contudo, incluiremos outras variantes de discurso indireto usadas nas notícias, as quais, embora não tenham sido exemplificadas por Maingueneau, são reconhecidas por ele: “Com o discurso indireto, o enunciador citante tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas [...]”. (MAINGUENEAU, 2011, p. 149).

Apresentamos as categorias e subcategorias que compreendem as etapas de pesquisa que vão desde a leitura cuidadosa dos textos até a interpretação última do *corpus*. Em busca de respostas a nossas perguntas de pesquisa, consideramos satisfatórias as etapas acima, uma vez que levantar uma (possível) relação entre a intertextualidade e as finalidades discursivas (“fazer saber” e “fazer sentir”) constitui uma tarefa complexa.

Todo esse processo corre pelos trâmites que nos exigem uma descrição das citações; em seguida, cientes dos propósitos dos fins discursivos do DCM, submetemos o *corpus* à análise, ou seja, investigar até que ponto as citações estão sujeitas às visadas de informação e captação do DCM na Galileu *online*. Noutros termos, indagamos: “Em que medida a intertextualidade serve às visadas de informação e captação do discurso de midiatização da ciência?”

Uma vez que a intertextualidade sempre está ligada a uma fonte, inserimos na pesquisa um estudo sobre a denominação dos atores convocados para falar nas notícias. Como diz Charaudeau (2013, p. 170), “O problema que se coloca aqui, para o consumidor de informação, é saber o crédito que pode dar a uma informação cujo locutor de origem é designado de maneira coletiva, anônima ou vaga [...]”.

No próximo capítulo, procedemos à análise do *corpus* a partir do exame da intertextualidade e sua relação com a dupla visada de informação e captação do discurso midiático.

5 ANÁLISE DO *CORPUS*

Nossa pesquisa traz como objeto de estudo notícias de divulgação científica produzidas pela Revista Galileu *online* no ano de 2016. Conforme esclarecemos na metodologia, submetemos à análise somente o critério intertextualidade na forma de citação no quadro de instruções da situação de comunicação do discurso midiático. (CHARAUDEAU, 2010).

Nosso corpus é composto de 20 notícias cujos resultados quantitativos resultaram em 57 discursos diretos com aspas, 6 discursos diretos sem aspas, 34 discursos indiretos, 24 modalizações em discurso segundo e 6 ilhas textuais, conforme demonstramos na tabela abaixo (a numeração à esquerda corresponde à ordem das notícias apresentadas na metodologia). Antes, porém, esclarecemos que a quantidade (20 textos) encontra justificativa no fato de que os textos da Galileu online apresentam um traço bastante frequente⁶⁵, o discurso relatado em todos eles. Assim, 20 textos são suficientes para representar essa singularidade do *corpus* geral e, por decorrência, 4 textos bastam não só para sustentá-la (a singularidade), mas também para representar os 4 temas (astronomia, pesquisa, saúde, meio ambiente) com quatro autores diferentes.

Tabela 1 - O discurso relatado

TEXTOS	DISCURSO DIRETO		DISCURSO INDIRETO	MDS	ILHA TEXTUAL
	<i>Com aspas</i>	<i>Sem aspas</i>			
[1]	04	-	03	02	01
[2]	02	-	03	02	-
[3]	-	-	05	01	-
[4]	03	-	01	03	-
[5]	02	-	01	-	-
[6]	01	-	02	01	-
[7]	01	01	01	01	-
[8]	04	-	-	01	-
[9]	01	-	02	02	02
[10]	02	-	01	-	-
[11]	02	-	09	01	-

⁶⁵ A propósito, diz Sardinha: “Em dois estudos, ele enfoca especificamente a questão do número de textos mínimos para se constituir uma amostra representativa. No primeiro, Biber (1990) comparou as frequências de vários traços linguísticos em amostras de vários tamanhos, e computou correlações entre as amostras pequenas e o corpus. As correlações indicaram que as amostras de 10 textos mantiveram as características dos traços em questão conforme aparecem no corpus. Portanto, uma amostra de 10 textos seria suficiente para representar o corpus”. (Sardinha, 2002, p. 107).

[12]	02	-	01	-	-
[13]	-	-	02	-	01
[14]	05	-	01	-	-
[15]	04	-	-	01	-
[16]	03	-	-	-	-
[17]	09	02	01	05	01
[18]	01	-	-	-	-
[19]	08	01	01	03	-
[20]	01	02	-	01	01
Total	57	06	34	24	06

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante deste levantamento das citações, cabe uma pergunta: “Quem fala na Galileu *online*?” Praticamente sem exceção, todas as citações estão relacionadas a vozes que representam a ciência. São pesquisadores, coletiva ou individualmente falando, instituições, agências, os próprios resultados científicos representados por seus responsáveis; relatórios, ou vozes de profissionais cuja autoridade lhes permite representar o conhecimento científico. No decorrer da pesquisa, os locutores de origem vão merecer o devido comentário segundo o ponto de vista que o locutor produtor lhes atribuir, além de terem sua identidade revelada nos quadros de apresentação dos discursos relatados no final de cada análise das notícias.

Para o estudo qualitativo, selecionamos 4 notícias: (i) “*Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo*”, diz astronauta (Nathan Fernandes – jun. 2016 – anexo a); (ii) *Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea* (Lucas Alencar – jun. 2016 – anexo b); (iii) *7 provas de que ler faz bem para sua saúde* (Humberto Abdo – dez. 2016 – anexo c); (iv) *Oceanos em 2050 vão ter mais plásticos do que peixe* (Agência Brasil – jan. 2016 – anexo d).⁶⁶

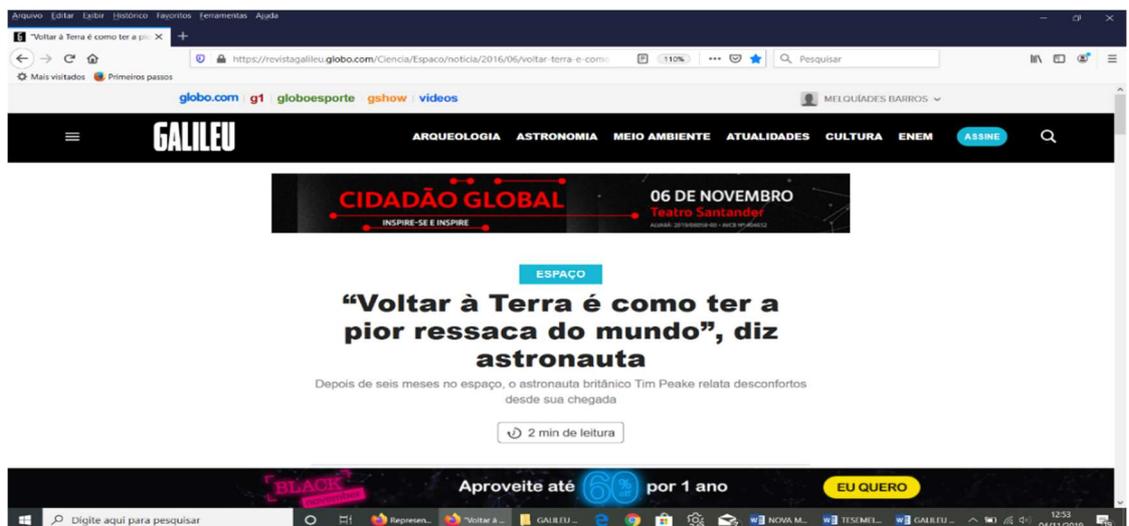
5.1 Análise da Notícia “*Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo*’, diz astronauta”

Esta notícia foi publicada em junho de 2016 e tem por objetivo informar sobre os efeitos que a microgravidade causa no astronauta durante a viagem espacial, como náuseas, desmaios e perda de peso. Assina a notícia Nathan Fernandes, jornalista pela

⁶⁶ As informações sobre cada um desses autores são baseadas no histórico de suas redes sociais LinkedIn.

Faculdade Cásper Líbero (SP) e pós-graduado em jornalismo Multiplataforma pela Universidade Nova de Lisboa. Fernandes tem experiência como editor (Editora Globo, Grupo Abril), colaborador (Superinteressante, Men's Health, Gloss, Veja e Mundo Estranho) e repórter (Playboy Brasil, Caras e Visão, jornal Expresso, SIC TV e rádio Renascença). Atualmente editor da Revista Galileu, já venceu alguns prêmios como jornalista da *Galileu*, entre os quais destacamos o *Prêmio de Jornalismo de Investigação em HIV da América Latina e Caribe, da Aids HealthCare Foundation (AHF) e UNESCO, em 2018*, pela reportagem *"A Síndrome do Preconceito"* e o *Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, em 2016*, pela reportagem *"Bandido Bom Não é Bandido Morto"*. Esta notícia vem estampada na figura 9.

Figura 9 - Print da notícia “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta”



Fonte: Fernandes (2016).

De agora em diante, para efeito de análise, transcrevemos as notícias, as quais vêm com os períodos numerados para marcar a localização dos exemplos selecionados no curso da análise. Também apagamos os negritos originais dos textos para usá-los de acordo com nossas necessidades. Com o fim de sumariar as categorias linguístico-discursivas que analisamos, para cada análise apresentamos um quadro-síntese. Nele, encontram-se os discursos direto, indireto, modalização em discurso segundo (MDS) e ilha textual; o efeito valorativo (operação de seleção), a identificação dos atores e o campo “visadas”, que traz as siglas “VC” (visada de captação) e “VI” (visada de

informação) indicando que fim discursivo (“fazer saber”, “fazer sentir”) a citação representa no texto. Os discursos citados vêm em negrito e os modos de identificação, em itálico>.

(1) “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta

(2) Depois de seis meses no espaço, o astronauta britânico Tim Peake relata desconfortos desde sua chegada

21/06/2016 - 17H06/ atualizado 17H0606 / por Nathan Fernandes



(Foto: European Space Agency)

(3) O astronauta britânico Tim Peake afirmou estar vivendo “a pior ressaca do mundo” depois de sua estadia de 6 meses na Estação Espacial Internacional. (4) Ele chegou ao planeta na semana passada e deve passar por um monitoramento de três semanas para se reacostumar à vida terráquea. (5) “Você fica feliz por voltar, mas não dá para aproveitar bem a experiência porque, para ser sincero, você se sente horrível”, afirmou Peake a ITV News.

(6) Nas próximas semanas, o astronauta deve passar por uma bateria de exames, regime e monitoramento psicológico. (7) Os médicos vão avaliar a causa da náusea e dos desmaios dos quais o astronauta tem se queixado desde que aterrisou no planeta.

(8) Entre os efeitos que a microgravidade causou no astronauta estão a fraqueza dos músculos e dos ossos. (9) Segundo a agência europeia, os astronautas perdem 1,5% da massa dos ossos a cada mês que passam no espaço. Além disso, seu coração também diminuiu de tamanho — felizmente, por um período temporário.

(10) Em outubro de 2015, o astronauta Scott Kelly quebrou o recorde de dias consecutivos em órbita, em um total de 340. (11) Ele é atualmente a pessoa mais indicada para mostrar quais são os efeitos de longas viagens espaciais. (12) O problema é que ainda não se sabe o que pode ocorrer com o corpo humano em viagens que durem mais do que isso.

(13) Isso sem falar na radiação cósmica e na falta que o campo magnético da Terra pode exercer sobre o corpo humano. (14) Um estudo da Universidade do Colorado mostrou

que ratos que passaram 13,5 dias em órbita voltaram com danos no fígado. (15) Segundo os pesquisadores os efeitos foram similares aos da doença gordurosa hepática não alcoólica e um princípio de fibrose.

(16) “Geralmente, levam-se anos para desenvolver fibrose nos ratos, mesmo que tenham uma dieta pouco saudável”, explicou a física Karen Jonscher, que faz parte da equipe.

(17) “Se ratos apresentam sinais de fibrose sem alteração na dieta em 13,5 dias, o que pode acontecer nos humanos?” (18) A ideia da equipe é intensificar os testes com ratos no espaço.

(19) A preocupação é válida uma vez que tanto empresas particulares quanto as agências espaciais já planejam voos tripulados de longa distância, como a missão para Marte, por exemplo, que deve durar 150 dias só de ida. (FERNANDES, 2016)

O projeto argumentativo do DCM fundamenta-se em mecanismos linguístico-discursivos simultaneamente construídos não só para informar, mas também para explicar e seduzir o leitor. Referimo-nos aos três discursos em cuja intersecção se situa a divulgação científica midiática, o discurso científico, o didático e o midiático: como no discurso científico, o locutor desenvolve as estratégias de prova (“fazer saber”) incorporando citações em toda a construção da notícia; como no discurso didático (“fazer compreender”), reconhece o dever de explicar por que a viagem espacial tem efeitos similares aos da “ressaca”, expondo ao público fatos já estabelecidos; e, como no discurso midiático, o locutor encena a informação dando destaque aos efeitos de dramatização para atingir a emoção do leitor (“fazer sentir”).

Propositadamente, já no título (1) “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta”, ao acionar a intertextualidade na forma de discurso direto, o locutor procura projetar no leitor uma expectativa de autenticidade. Com essa estratégia, deseja provocar no leitor uma reação que o faria crer estar diante das palavras ditas pelo próprio astronauta e não dele, locutor. Valendo-se do discurso direto, o locutor prefere distanciar-se num gesto de adesão respeitosa às palavras da autoridade. (MAINGUENEAU, 2011).

Divulgar um tema inédito (trata-se da viagem espacial e seus efeitos agressivos no organismo humano) trazendo a voz do astronauta no título é sinal de que o locutor sabe que pode com isso sensibilizar o leitor. Além da posição estratégica do título, destaquemos nele a referência à “ressaca”. Por empatia (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 188), ao deparar-se com “a pior ressaca do mundo”, provavelmente o leitor vai associar as supostas vivências do astronauta com as suas também supostas vivências no que tange aos efeitos da ressaca.

A comparação (1) “Voltar à terra é *como* ter a pior ressaca do mundo” e seu *status* de título indicam que o locutor visa a conquistar o “alvo afetivo” do leitor (CHARAUDEAU, 2013, p. 81) para mostrar que é possível explicar a ciência por meio de imagens metafóricas, o que revela a presença da restrição de emocionalidade (visada de *captação*).

Em (2), pelo discurso indireto “Depois de seis meses no espaço, o astronauta britânico Tim Peake relata desconfortos desde sua chegada”, o locutor retoma a fala em forma de “conteúdo do pensamento” (MAINGUENEAU, 2011, p. 149), apagando-se como falante e deixando o leitor à vontade com o discurso. Com esse procedimento, uma vez que a citação vem respaldada por uma autoridade e cumprindo a função de subtítulo, o locutor sinaliza que pretende não só informar, mas também atingir a afetividade do leitor; portanto, há, aí, fortes sinais da restrição de emocionalidade (visada de *captação*). Neste segmento, assim como em (3), a voz convocada é mais complexa. Esse mesmo astronauta volta a falar, mas investido de uma identificação bastante esclarecedora de “[...] um ser no mundo a serviço de uma finalidade da situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2008, p. 113): o astronauta é britânico e seu nome é Tim Peake.

Em (3), “O astronauta britânico Tim Peake afirmou estar vivendo ‘a pior ressaca do mundo’ [...]”, o locutor aciona uma ilha textual que lembra o título e evoca o subtítulo para manter acesa a temática e sustentar a atenção do leitor. Se, por um lado, esse procedimento disfarça o locutor, pois a ilha está sempre encaixada no discurso indireto, por outro, ele seleciona apenas o fragmento que lhe interessa, e assim continua a orientar para aquilo que quer que o leitor veja: “os efeitos que a microgravidade causou no astronauta”. Neste caso, pela estratégia de suspense (CHARAUDEAU, 2013, p. 80), visto que ilha textual, subtítulo e título retardam os detalhes, o locutor procura estimular o leitor a engajar-se na leitura. Ele busca atrair o leitor; portanto, há resquício do “fazer sentir” na ilha textual, que, com essa marca de *páthos*, cumpre a orientação da restrição de emocionalidade. Esta estratégia se repete em (5), fala que, no âmbito da visada de *captação*, também procura suscitar o interesse do leitor que observamos em (1), (2) e (3):

(5) **‘Você fica feliz por voltar, mas não dá para aproveitar bem a experiência porque, para ser sincero, você se sente horrível’**, afirmou *Peake* a ITV News.

Até o momento, a preocupação do locutor é manter o interesse do leitor recorrendo à estratégia de suspense motivada por conteúdos semânticos⁶⁷. Por outros modos, há uma partilha semântica entre os termos “pior ressaca do mundo” (1), “desconfortos” (2), “pior ressaca do mundo” (3) e “sentir-se horrível” (5), os quais, em conjunto, alimentam a expectativa do que vem adiante; portanto, trata-se de expressões que, além de informarem, motivam o leitor a ingressar no texto.

No entanto, cabe ao locutor provar que a noção de captação é uma estratégia construída para provocar o leitor, para convencê-lo a compartilhar o que o ato de comunicação tem a oferecer. De fato, o locutor usa as citações para preencher a (provável) curiosidade do leitor: o desvendamento do que é “a pior ressaca do mundo” no tema proposto. Assim, em (7) (9), (14), (15), (16), (17), o locutor sinaliza que o leitor está ingressando no mundo científico. Ou melhor, o leitor está entrando em contato com as descobertas científicas até aqui mascaradas por “pior ressaca do mundo”, orientado por uma estratégia que, desempenhando o papel de argumento de autoridade, apresenta a informação mais conhecida (7) seguindo-se das informações menos conhecidas do público, como nos fragmentos (9), (14), (15), (16) e (17):

(7) Os médicos vão avaliar a causa da **náusea e dos desmaios** dos quais o *astronauta* tem se queixado desde que aterrisou no planeta.

(9) *Segundo a agência europeia*, **os astronautas perdem 1,5% da massa dos ossos a cada mês que passam no espaço. Além disso, seu coração também diminuiu de tamanho - felizmente, por um período temporário.**

(14) *Um estudo da Universidade do Colorado* mostrou **que ratos que passaram 13,5 dias em órbita voltaram com danos no fígado.**

(15) *Segundo os pesquisadores* **os efeitos foram similares aos da doença gordurosa hepática não alcoólica e um princípio de fibrose.**

(16) ‘**Geralmente, levam-se anos para desenvolver fibrose nos ratos, mesmo que tenham uma dieta pouco saudável**’, explicou a *física Karen Jonscher*, que faz parte da equipe.

(17) ‘**Se ratos apresentam sinais de fibrose sem alteração na dieta em 13,5 dias, o que pode acontecer nos humanos?**’

⁶⁷ Quando nos referimos a “conteúdos semânticos” estamos pensando em orientações como esta: “Esses conhecimentos [a respeito dos scripts ou frames] podem ser utilizados para constituir *expectativas* que, sem dúvida, orientam parcialmente os processos de *pré-programação* na percepção, ação e compreensão dos textos ou das imagens. Elas subentendem as *inferências* necessárias para atribuir valor aos elementos implícitos (não formulados, não visíveis) ou inscrever *no lugar vazio previsto* (“*slots*”) os elementos concretos para facilitar a particularização. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 442, grifo do autor).

Com esse jogo de provas, o locutor oferece ao leitor sua estratégia de construção de credibilidade com o fim de apresentar-se sério e confiável naquilo que diz. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 143; CHARAUDEAU, 2010, p. 13). As seis citações são usadas para revelar, pela voz da ciência, a “pior ressaca do mundo” para que o leitor sinta-se seguro e incline-se a aceitar a verdade que lhe foi confiada desde o início (restrição de *seriedade*).

Segundo Charaudeau (2016, p. 555), a “[...] restrição [restrição de emocionalidade] também se caracteriza por uma organização descritiva e narrativa, que [...] apresenta a pesquisa científica como uma aventura em busca da verdade [...]”. De fato, ainda que essas citações (referimo-nos a todas elas) tenham como finalidade a informação e a captação do leitor, com estas estratégias o locutor apenas visa a comprometer o leitor com a aventura em busca da verdade, mas ele próprio não se compromete com os “imprevistos” que podem acontecer na interação do leitor com o texto, pois trata-se de estratégias sinalizadas para o leitor e não de certezas que garantam o objetivo do planejamento, isto é, que o leitor confirme sua adesão à informação.

Em divulgação científica midiática, a construção de credibilidade se faz com a voz da ciência⁶⁸, representada por seus atores (cientistas, instituições científicas e profissionais autorizados a falar sobre o conhecimento científico), os quais recebem uma identificação. Preocupado com a avaliação do leitor, o locutor os apresenta de muitos modos: pelo nome, pelo sobrenome, pela função, pelo título, pelo gentílico, pelo patronímico, pelo nome, sobrenome e função; ora de forma identificável, ora de forma não identificável. (CHARAUDEAU, 2013, p. 170). Assim sendo, a cada uso da intertextualidade sob a forma de citação corresponde uma fonte, o locutor de origem⁶⁹, cujo crédito vai ser atribuído pelo leitor que toma como referência a identidade que essa fonte receber do produtor.

O primeiro locutor de origem constituído no texto é designado pela função, o “astronauta”; pela função, gentílico, nome e sobrenome, “o astronauta britânico Tim Peake”; pelo sobrenome, “Peake”; outro locutor de origem é designado pela função, nome, sobrenome e designativo de membro de equipe, “a física Karen Jonscher, que faz

⁶⁸ Esta análise não contempla outras possíveis formas de construção de credibilidade nos textos de DCM a não ser o discurso citado.

⁶⁹ Fonte responsável pelo dito relatado. (CHARAUDEAU, 2013).

parte da equipe”; já outro, a identificação vem pela instituição, “Universidade do Colorado”, ou de maneira coletiva, “os pesquisadores”.

Segundo Charaudeau (2013, p. 168):

Tendo em vista o número elevado de atores do espaço público que dão declarações ou são suscetíveis de tomar a palavra, é preciso proceder a uma seleção. Esta se faz em função da identidade do declarante e do valor de seu dito. A identidade do declarante pode variar da maior notoriedade possível ao anonimato absoluto.

Assim sendo, quanto à identidade do declarante, nesta notícia pesaram as vozes da própria experiência, o “astronauta”, de instituições versadas no assunto, “agência europeia”, “Universidade do Colorado”, especialistas, “a física Karen Jonscher”. Trata-se de declarantes que desfrutam de um grau elevado de notoriedade, cujas declarações são dignas de receber avaliações positivas por parte do público. Como dizem Koch e Elias (2016, p. 48, grifo do autor): “[...] *quem diz é uma autoridade que fala com conhecimento de causa; merece, portanto, credibilidade*”.

Por fim, o locutor recorre à intertextualidade para se legitimar diante do público da revista e, assim, garantir a autoridade que o habilite a divulgar fatos científicos. Se num primeiro momento a Revista Galileu concedeu-lhe o direito à fala, num segundo, este locutor procurou construir sua legitimação a partir de sua “autoridade pessoal”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 295). Já que não tem o *status* de cientista, “Precisa então persuadir seu interlocutor de que sua fala e sua maneira de falar correspondem à posição de autoridade que seu *status* lhe confere”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 9). Na prática, o locutor revestiu-se de autoridade, tornou-se voz legitimada diante do leitor tomando como estratégia de persuasão a intertextualidade sob a forma de citação, como segue:

(1) **‘Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo’**, diz *astronauta*

(2) Depois de seis meses no espaço, o *astronauta britânico Tim Peake* relata **desconfortos** desde sua chegada

(3) O *astronauta britânico Tim Peake* afirmou estar vivendo **‘a pior ressaca do mundo’** depois de sua estadia de 6 meses na Estação Espacial Internacional.

(5) **‘Você fica feliz por voltar, mas não dá para aproveitar bem a experiência porque, para ser sincero, você se sente horrível’**, afirmou *Peake* a ITV News.

De (1) a (5), concentram-se os discursos projetados para suscitar o interesse do leitor. Logo, podemos dizer que com as citações atuantes no entorno do título, subtítulo

e o lide (primeiro parágrafo), o locutor investiu numa estratégia tentadora para atingir emotivamente o alvo afetivo, “[...] aquele que se acredita não avaliar nada de maneira racional, mas sim de modo inconsciente através de reações de ordem emocional”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 81). Por outros modos, em (1) e (3), o locutor tenta atrair o leitor citando uma comparação metafórica exagerada⁷⁰, “a pior ressaca do mundo”, e dois dos seus efeitos mais conhecidos, “desconforto” (2) e “sentir-se horrível” (5). Provavelmente, a maioria dos leitores sabe disso, se não passou pela experiência, já ouviu falar; mas justamente por isso as informações podem envolver o leitor, podem torná-lo curioso de modo que possa sentir-se motivado a seguir em frente.

Em (7), o locutor indica ao leitor que está aprofundando o assunto, acrescentando mais dois efeitos da “ressaca” – “náusea” e “desmaios”, procurando demonstrar que está ciente da situação:

(7) Os médicos vão avaliar a causa da **náusea e dos desmaios** dos quais o *astronauta* tem se queixado desde que aterrisou no planeta.

De (9) a (17), o locutor dá provas, com maior conhecimento de causa, de que domina o assunto, e insiste em fazer ver ao leitor que ele, locutor, é portador de conhecimentos sobre o assunto; portanto, tem respaldo para levar ao leitor o que ele precisa saber sobre o que a ciência tem a dizer da “ressaca espacial”, já utilizando descrições bastante detalhadas de investigações científicas. Neste ponto, uma vez que o DCM rompe com o discurso de base (CHARAUDEAU, 2016), ocorre que o locutor insiste em seu espírito de seriedade (CHARAUDEAU, 2010) e sente-se legitimado a persuadir, a seduzir o interlocutor com um bloco de citações que, assim como as anteriores, constituem a “prova inquestionável” que lhe confere autoridade digna do reconhecimento do público a quem se dirige:

(9) *Segundo a agência europeia, os astronautas perdem 1,5% da massa dos ossos a cada mês que passam no espaço. Além disso, seu coração também diminuiu de tamanho — felizmente, por um período temporário.*

(14) *Um estudo da Universidade do Colorado mostrou que ratos que passaram 13,5 dias em órbita voltaram com danos no fígado.*

⁷⁰ Segundo Garcia (2006, p. 105-106, grifo do autor), “Nesta [comparação metafórica ou *símile*], não apenas os objetos comparados pertencem a níveis de referência diferentes, mas também o segundo deles é o representante *por excelência* do atributo que se quer ressaltar no primeiro, o que permite dizer que o *símile* se distingue da simples comparação por ser um exagero, uma hipérbole: *Fulano é forte como um touro* (exagera-se a força de Fulano ao se compará-la com a do touro)”.

(15) *Segundo os pesquisadores os efeitos foram similares aos da doença gordurosa hepática não alcoólica e um princípio de fibrose.*

(16) *‘Geralmente, levam-se anos para desenvolver fibrose nos ratos, mesmo que tenham uma dieta pouco saudável’, explicou a física Karen Jonscher, que faz parte da equipe.*

(17) *‘Se ratos apresentam sinais de fibrose sem alteração na dieta em 13,5 dias, o que pode acontecer nos humanos?’*

Nesse espaço, as avaliações vêm tanto de instituições quanto de pesquisadores em geral convocados para abalizar a tese defendida pelo jornalista. Segundo Koch e Elias (2016, p. 43, grifo do autor), “Em casos como esse, a **intertextualidade** funciona como **recurso de autoridade**, pois o que está em jogo na argumentação pretendida é não apenas o dito, mas principalmente o responsável pelo dizer, a credibilidade das fontes selecionadas”.

Para visualização dos resultados da análise do texto, apresentamos o quadro que segue.

Quadro 2 - Discursos relatados, efeito valorativo, modo de identificação e visadas de informação e captação na notícia “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta”

<i>Discurso direto</i>	<i>Efeito valorativo</i>	<i>Modo de Identificação</i>	<i>Visadas</i>
(1) “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz <i>astronauta</i>		<i>astronauta</i>	VC ⁷¹
(5) “Você fica feliz por voltar, mas não dá para aproveitar bem a experiência porque, para ser sincero, você se sente horrível”, afirmou <i>Peake</i> a ITV News.	Efeito de saber	<i>Peake</i>	VC
(16) “Geralmente, levam-se anos para desenvolver fibrose nos ratos, mesmo que tenham uma dieta pouco saudável”, explicou a física <i>Karen Jonscher</i> , que faz parte da equipe.		<i>a física Karen Jonscher</i>	VI ⁷²
(17) “Se ratos apresentam sinais de fibrose sem alteração na dieta em 13,5 dias, o que pode acontecer nos humanos?”		<i>a física Karen Jonscher</i>	VI
		<i>Modo de Identificação</i>	<i>Visadas</i>
(2) Depois de seis meses no espaço, o <i>astronauta britânico Tim Peake</i> relata desconfortos desde sua chegada		<i>o astronauta britânico Tim Peake</i>	VC
(7) Os médicos vão avaliar a causa da náusea e dos desmaios dos quais o <i>astronauta</i> tem se queixado desde que aterrisou no planeta.	<i>o astronauta</i>	VI	
(14) Um estudo da <i>Universidade do Colorado</i> mostrou que ratos que passaram 13,5 dias em órbita voltaram com danos no fígado.	<i>Um estudo da Universidade do Colorado</i>	VI	

⁷¹ VC = visada de captação

⁷² VI = visada de informação

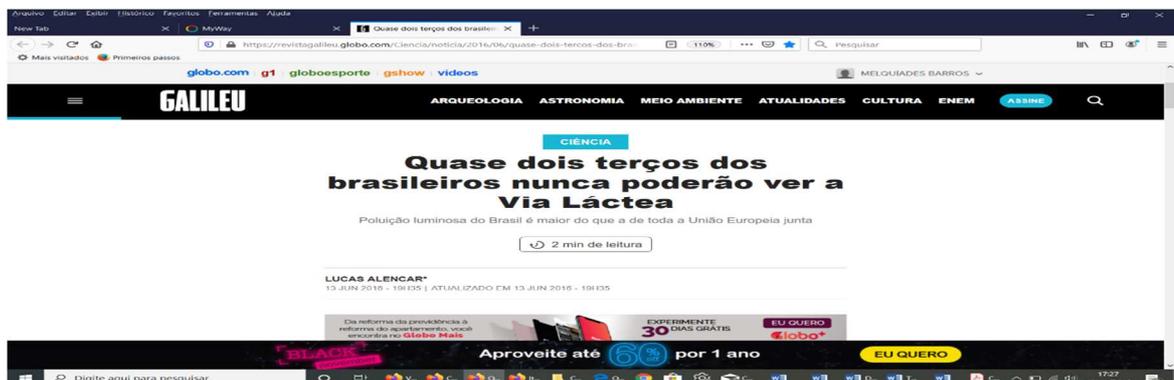
MDS		Modo de Identificação	Visadas
(9) Segundo a agência europeia, os astronautas perdem 1,5% da massa dos ossos a cada mês que passam no espaço.		agência europeia	VI
(15) Segundo os pesquisadores os efeitos foram similares aos da doença gordurosa hepática não-alcóolica e um princípio de fibrose.		Segundo os pesquisadores	VI
Ilha textual		Modo de Identificação	Visadas
(3) O astronauta britânico Tim Peake afirmou estar vivendo “a pior ressaca do mundo” [...]		astronauta britânico Tim Peake	VC

Fonte: Elaborado pelo autor.

5.2 Análise da Notícia “Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea”

Publicada em junho de 2016, esta notícia põe em discussão a poluição luminosa e seus efeitos negativos para a humanidade. Seu autor é Lucas Alencar, jornalista formado pela Universidade Metodista de São Paulo, com experiência, entre outras, nas atividades de repórter/editor (Lumiar Multimídia) e repórter estagiário (Editora Globo). Entre os reconhecimentos pelo seu trabalho citamos o *Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*, como colaborador da reportagem “O bandido está morto, e agora?”, escrita por Nathan Fernandes e publicada em fevereiro de 2016 na Revista Galileu. Alencar, que é autor do romance “Casas esquecidas” (2016), também trabalha com projetos educativos, como “Curto circuito”, coluna sobre história em quadrinhos para o site da Revista Galileu e produção de reportagens e entrevistas sobre histórias em quadrinhos brasileiras para o blog “Em solo nacional” (2015-2016). Esta notícia vem representada na figura 10.

Figura 10 - *Print* da notícia “Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea”



Fonte: Alencar (2016).

- (1) Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea
 (2) Poluição luminosa do Brasil é maior do que a de toda a União Europeia junta

13/06/2016 - 19H06/ atualizado 19H0606 / **por Lucas Alencar**



Via Láctea à noite, na cidade de Fjarðabyggð, na Islândia (Foto: Creative Commons)

(3) Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram. (4) A informação foi divulgada em um novo atlas global da poluição luminosa publicado no jornal científico Science Advances.

(5) “Gerações inteiras nos Estados Unidos e em muitos outros lugares do mundo não viram nem nunca verão a Via Láctea. (6) É triste, porque grande parte de nossa conexão com o Cosmo foi perdida”, lastima Chris Elvidge, um dos coautores do atlas e pesquisador Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA).

(7) Antes fonte de inspiração e de estudo para astrônomos amadores e entusiastas do espaço, a Via Láctea já foi paisagem constante até nas artes visuais, como no quadro *A noite estrelada*, do pintor holandês Vincent van Gogh. (8) Hoje, são poucos os que conseguem visualizar pedaços de nossa galáxia e para quem nasceu e cresceu em grandes metrópoles, a ideia parece até utópica.

(9) No Brasil, cerca de 62% da população nunca verá a Via Láctea de suas casas. (10) O percentual é parecido com o da União Europeia, onde apenas 40% das pessoas podem ver a galáxia de seus lares; em geral, nos países escandinavos, como a Islândia, a Dinamarca e a Suécia. (11) Nos Estados Unidos, a situação é ainda mais preocupante: apenas 20% da população pode visualizar a Via Láctea ao olhar para o céu.

Impactos

(12) A poluição luminosa que nos impede de observar as estrelas com clareza é causada por múltiplos fatores: semáforos, postes de iluminação, faróis de carros, outdoors iluminados, placas em luz neon, iluminações de aviões; enfim, qualquer luz artificial que perturbe a escuridão natural pode ser considerada poluição luminosa.

(13) Além de impedir que aqueles que amam e se inspiram pelas estrelas as observem, há indícios de que a poluição luminosa prejudique a saúde de seres humanos e de animais com hábitos noturnos. (14) Portanto, este tipo de perturbação também afeta o meio ambiente.

(15) O estudo publicado com o atlas também mostrou que mais de 80% da humanidade está exposto a um nível relativamente alto de poluição luminosa. (16) Cerca de 14% das pessoas vivem em cidades extremamente iluminadas — com brilho do céu equivalente ou acima de 3 mil mcd/m² (microcandela por metro quadrado) —, que, ao longo dos anos, seus olhos perdem a visão escotópica, que é, basicamente, a “habilidade” de enxergar no escuro.

(17) Segundo o chefe da pesquisa, Fabio Falchi, do Instituto Italiano de Ciência e Tecnologia da Poluição Luminosa, a tendência é que as coisas piorem, já que a maior parte das administrações municipais de grandes cidades considera substituir todas as tradicionais lâmpadas de iluminação pública que funcionam a vapor de sódio por lâmpadas de LED, que, apesar de mais econômicas no gasto de energia, emitem luz mais forte e poderosa.

(18) Logo, para aqueles que sonham em observar as estrelas a olho nu, as notícias não são nada boas. (ALENCAR, 2016)

A notícia “Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea” tem por fim informar (“fazer saber”) o leitor a respeito da poluição luminosa no mundo, explicar (“fazer compreender”), em linguagem acessível, ao jovem leitor o que já se sabe cientificamente sobre a poluição luminosa e suas consequências socioambientais, e tentar sensibilizar o leitor (“fazer sentir”) para que ele se sinta motivado a ler o texto.

Nesta notícia, o título resumitivo funciona como um “gatilho” cuja intenção é arrastar o leitor para os conhecimentos de fato representados pela voz de autoridades científicas. Seguramente, trata-se também de uma estratégia oferecida ao leitor que, caso siga a leitura, desembocará num discurso citado, reprodução “[...] que transmite o que há de substancial da fala citada” (MAINGUENEAU, 2011, p. 146) no primeiro parágrafo⁷³:

(3) Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram. (4) A informação foi divulgada em um *novo atlas global da poluição luminosa* publicado no jornal científico *Science Advances*.

Assim sendo, o título (1) conduz o leitor à fala intermediária (3), que anuncia os conhecimentos em termos genéricos (“população mundial”), como que adiando a

⁷³ Descrevendo as diversas maneiras de discurso relatado, Charaudeau refere-se a este tipo: “identificação ou não do locutor de origem seguida de dois pontos, ou de ponto final, introduzindo o discurso de origem sem aspas, [...] podendo haver diferença de estilo e de dimensão nos caracteres (“O doutor Rousset. É um fato de sociedade.”) (CHARAUDEAU, 2013, p. 165).

curiosidade do leitor. Por consequência, cabe a esta fala conduzir o leitor a ingressar no mundo científico pelos argumentos seguintes, conhecimentos específicos e (supostamente) menos conhecidos ou ignorados pelo leitor, pois a credibilidade que o locutor procura despertar na confiança do leitor concretiza-se ou pretende concretizar-se nas reproduções de fala que dialogam no texto.

Em (5-6), o locutor propõe negociar com o leitor, supostamente um leitor leigo, os saberes vindos do discurso científico previamente anunciados em (3). Assim, ao escolher um discurso direto com aspas, portanto, procurando distanciar-se o máximo que puder do leitor, mas também marcando sua adesão respeitosa ao dito (MAINGUENEAU, 2011), o locutor projeta no leitor uma expectativa de autenticidade digna de crédito:

(5) **‘Gerações inteiras nos Estados Unidos e em muitos outros lugares do mundo não viram nem nunca verão a Via Láctea. (6) É triste, porque grande parte de nossa conexão com o Cosmo foi perdida’**, lastima *Chris Elvidge, um dos coautores do atlas e pesquisador Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA).*

Retomando, com a citação (3) “Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram [...]”, o locutor promove uma estratégia de suspense (não revela pormenores) para manter o interesse do leitor, para convencê-lo a dirigir-se a outras falas (portanto, há a intenção de seduzir o leitor, cumprindo-se a restrição de *emocionalidade*). São falas programadas para cumprir a restrição de *seriedade* (5-6; 15-16; 17). Essa restrição evolui com a retomada da intertextualidade na forma de citação indireta (15-16):

(15) *O estudo publicado com o atlas também mostrou* **que mais de 80% da humanidade está exposto a um nível relativamente alto de poluição luminosa. (16) Cerca de 14% das pessoas vivem em cidades extremamente iluminadas — com brilho do céu equivalente ou acima de 3 mil mcd/m² (microcandela por metro quadrado) —, que, ao longo dos anos, seus olhos perdem a visão escotópica, que é, basicamente, a ‘habilidade’ de enxergar no escuro.**

O efeito de autenticidade (CHARAUDEAU, 2008, p. 240), reforçado pela teimosia do “fazer saber” do discurso de autoridade, é produzido para suscitar no interlocutor um sentimento de corresponsabilidade. Dessa forma, se o locutor tem por meta convencer o leitor de que numa problemática de influência escreve para informar o público em vista (visada de *informação*) e é sincero no que diz, o leitor provavelmente sentir-se-á impelido a corroborar com essa intenção inclinando-se a aceitar a proposta. O efeito de

autenticidade é reforçado quando mais uma vez o locutor motiva o leitor a sentir-se influenciado pelo argumento de autoridade (17):

(17) *Segundo o chefe da pesquisa, Fabio Falchi, do Instituto Italiano de Ciência e Tecnologia da Poluição Luminosa, a tendência é que as coisas piorem, já que a maior parte das administrações municipais de grandes cidades considera substituir todas as tradicionais lâmpadas de iluminação pública que funcionam a vapor de sódio por lâmpadas de LED, que, apesar de mais econômicas no gasto de energia, emitem luz mais forte e poderosa.*

Para essa temática (os impactos da poluição luminosa no mundo), a produção levou em conta a escolha de autoridades bem selecionadas para pôr em discussão os impactos negativos causados pela poluição luminosa ao meio ambiente. De (3) a (17), notamos que as citações são arroladas para incutir no leitor “uma verdade (verossímil)” (CHARAUDEAU, 2016) sobre as consequências da poluição luminosa. Daí o apelo forte ao argumento de autoridade (visada de *informação*) na construção da credibilidade.

Adiante, retomamos as citações para expor a questão da credibilidade proposta pela instância midiática já que para as mídias a regra é “[...] gozar da maior credibilidade possível com o maior número possível de receptores. (CHARAUDEAU, 2013, p. 86). Neste ponto, convém recordar que uma das estratégias articuladas para captar o leitor segue um padrão que vai de uma situação geralmente conhecida (3), primeiro parágrafo, para situações menos conhecidas, os detalhes citados no corpo do texto (5-6, 15-16, 17):

(3) **Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram.** (4) A informação foi divulgada em um *novo atlas global da poluição luminosa publicado no jornal científico Science Advances*.

(5) **‘Gerações inteiras nos Estados Unidos e em muitos outros lugares do mundo não viram nem nunca verão a Via Láctea.** (6) **É triste, porque grande parte de nossa conexão com o Cosmo foi perdida’**, lastima *Chris Elvidge, um dos coautores do atlas e pesquisador Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA)*.

(15) *O estudo publicado com o atlas também mostrou* **que mais de 80% da humanidade está exposto a um nível relativamente alto de poluição luminosa.** (16) **Cerca de 14% das pessoas vivem em cidades extremamente iluminadas — com brilho do céu equivalente ou acima de 3 mil mcd/m² (microcandela por metro quadrado) —, que, ao longo dos anos, seus olhos perdem a visão escotópica, que é, basicamente, a ‘habilidade’ de enxergar no escuro.**

(17) *Segundo o chefe da pesquisa, Fabio Falchi, do Instituto Italiano de Ciência e Tecnologia da Poluição Luminosa, a tendência é que as coisas piorem, já que a maior parte das administrações municipais de grandes cidades considera substituir todas as tradicionais lâmpadas de iluminação pública*

que funcionam a vapor de sódio por lâmpadas de LED, que, apesar de mais econômicas no gasto de energia, emitem luz mais forte e poderosa.

Em situação de comunicação midiática, o que está em jogo é a condição de veracidade. (CHARAUDEAU, 2013, p. 88). Assim sendo, o locutor orienta o leitor a sentir essas falas como autenticação dos fatos (há muitos testemunhos). Na reconstrução das mídias, esses acontecimentos são divulgados conforme procedimentos que permitam “[...] fazer crer na coincidência, sem filtragem nem falsas aparências, entre o que é dito e os fatos descritos”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 88). Com efeito, essas informações chegam ao leitor com respaldo de uma “verdade” dentre outras possíveis: “a realidade é isso aí”, como você acaba de ver, diria o produtor sobre a poluição luminosa. (CHARAUDEAU, 2013, p. 88).

Nas ocasiões em que o locutor recorre às citações, ele o faz por discursos que praticamente não o comprometem com o dito. Discurso direto sem aspas em (3), discurso direto com aspas em (5), discurso indireto em (15) e modalização em discurso segundo em (17).

Em divulgação científica midiática, a construção de credibilidade se faz com a voz da ciência, representada por cientistas, instituições científicas e profissionais autorizados a falar sobre o conhecimento científico, que recebem uma identificação ao gosto do locutor produtor. Preocupado com a avaliação do leitor, o locutor os denomina pelo nome, pelo sobrenome, pela função, pelo título, pelo gentílico, pelo patronímico, pelo sobrenome e pela função; ora de forma identificável, ora de forma não identificável. (CHARAUDEAU, 2013, p. 170). Assim sendo, a cada uso da intertextualidade na forma de citação corresponde uma fonte, o locutor de origem, cujo crédito vai ser atribuído pelo leitor que toma como referência a identidade atribuída pelo produtor. Como sabemos, o ato de informar está implicado na questão das fontes, uma vez que estão ali a serviço da lógica de influência do locutor.

Em (3), a informação vem respaldada pelo “jornal científico *Science Advances*”; em (5), o agente Chris Elvidge é identificado, pelo menos idealmente, com qualidades que lhe garantem o direito à fala numa situação de comunicação do discurso midiático. O conjunto nome e sobrenome, o *status* de coautoria de um atlas e a função de pesquisador da instituição Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA), contribui para construir elevada credibilidade à notícia.

A fonte “estudo” (15), chega ao leitor como forte presença de autoridade, uma vez que vem reforçada pelo “lugar” de publicação, o “atlas”, (“O estudo publicado com o atlas”, ou seja, o “atlas global da poluição luminosa publicado no jornal científico Science Advances” (3).

Uso semelhante é visto em (17), em que a autoridade Fabio Falchi é identificada como uma das personalidades mais qualificadas para dar a “palavra final”, pois carrega o qualificativo de chefe da pesquisa de uma instituição renomada (Instituto Italiano de Ciência e Tecnologia da Poluição Luminosa) no ramo da poluição luminosa. Noutras palavras, a divulgação midiática está sempre no encaixo de uma voz credenciada para cancelar a verdade e influenciar o leitor a acreditar na informação. Contudo, não basta a construção da imagem de pessoa séria. É preciso que o locutor busque legitimar-se diante do público a quem pretende informar. (CHARAUDEAU, 2010).

Na Revista Galileu *online*, o locutor recorre à intertextualidade na forma de citação para se legitimar e, assim, garantir a autoridade que o habilite a divulgar fatos científicos num suporte midiático. Referendado pela Revista Galileu *online* para divulgar fatos científicos, o locutor construiu sua legitimação a partir de sua “autoridade pessoal”. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 295). Na prática, o locutor revestiu-se de autoridade, logo, o que diz é legítimo; tornou-se voz legitimada diante do leitor tomando como estratégia de persuasão a intertextualidade na forma de citação, que repetimos para recordar a estratégia, em seu conjunto, do processo de legitimidade a que o locutor recorreu:

(3) **Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram.** A informação foi divulgada em um *novo atlas global da poluição luminosa publicado no jornal científico Science Advances*.

(5) **‘Gerações inteiras nos Estados Unidos e em muitos outros lugares do mundo não viram nem nunca verão a Via Láctea. É triste, porque grande parte de nossa conexão com o Cosmo foi perdida’**, lastima *Chris Elvidge, um dos coautores do atlas e pesquisador Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA)*

(15) **O estudo publicado com o atlas também mostrou que mais de 80% da humanidade está exposto a um nível relativamente alto de poluição luminosa.**

(17) **Segundo o chefe da pesquisa, Fabio Falchi, do Instituto Italiano de Ciência e Tecnologia da Poluição Luminosa, a tendência é que as coisas piorem, já que a maior parte das administrações municipais de grandes cidades considera substituir todas as tradicionais lâmpadas de iluminação pública que funcionam a vapor de sódio por lâmpadas de LED, que, apesar de mais econômicas no gasto de energia, emitem luz mais forte e poderosa.**

Ao valer-se desses recursos intertextuais, o locutor dirige-se ao leitor para não só informar, mas explicar e procurar induzi-lo a aceitar o texto como digno de uma avaliação positiva no que tange ao assunto abordado. Os resultados da análise deste texto encontram-se no quadro a seguir.

Quadro 3 - Discursos relatados, efeito valorativo, modo de identificação e visadas de informação e captação na notícia “Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea”

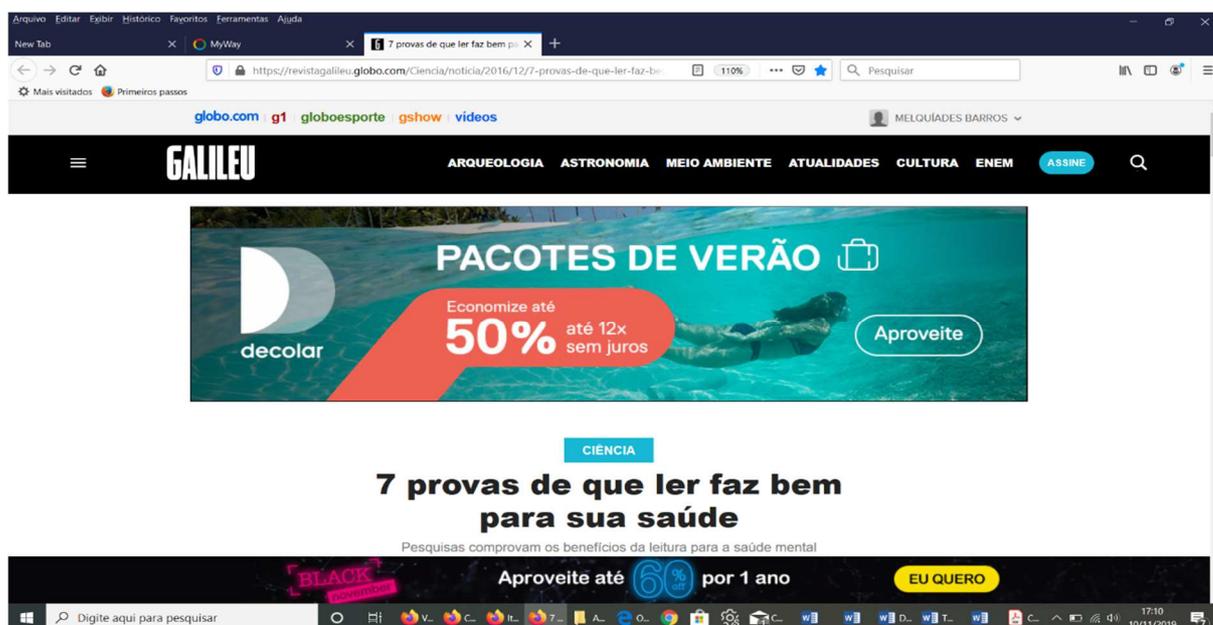
Discurso direto	Efeito valorativo	Modo de Identificação	Visadas
(3) Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram. A informação foi divulgada em um novo atlas global da poluição luminosa publicado no jornal científico <i>Science Advances</i> .	Efeito de saber	<i>um novo atlas global da poluição luminosa publicado no jornal científico Science Advances</i>	VC
(5) “Gerações inteiras nos Estados Unidos e em muitos outros lugares do mundo não viram nem nunca verão a Via Láctea. (6) É triste, porque grande parte de nossa conexão com o Cosmo foi perdida” , lastima <i>Chris Elvidge, um dos coautores do atlas e pesquisador Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA)</i>		<i>Chris Elvidge, um dos coautores do atlas e pesquisador Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA)</i>	VI
Discurso indireto		Modo de Identificação	Visadas
(15) O estudo publicado com o atlas também mostrou que mais de 80% da humanidade está exposto a um nível relativamente alto de poluição luminosa.		<i>O estudo publicado com o atlas</i>	VI
MDS		Modo de Identificação	Visadas
(17) Segundo o chefe da pesquisa, <i>Fabio Falchi, do Instituto Italiano de Ciência e Tecnologia da Poluição Luminosa</i> , a tendência é que as coisas piorem, já que a maior parte das administrações municipais de grandes cidades considera substituir todas as tradicionais lâmpadas de iluminação pública que funcionam a vapor de sódio por lâmpadas de LED, que, apesar de mais econômicas no gasto de energia, emitem luz mais forte e poderosa.		<i>o chefe da pesquisa, Fabio Falchi, do Instituto Italiano de Ciência e Tecnologia da Poluição Luminosa</i>	VI
Ilha textual		Modo de Identificação	Visadas
-	-	-	

Fonte: Elaborado pelo autor.

5.3 Análise da Notícia “7 provas de que ler faz bem para sua saúde”

Esta é uma notícia escrita pelo jornalista divulgador Humberto Abdo em dezembro de 2016. Seu propósito é mostrar os benefícios trazidos pela leitura: o aumento da empatia, o fortalecimento da criatividade, a diminuição dos riscos de Alzheimer na vida adulta, o aumento da expectativa de vida, a redução de preconceitos, estresse e distúrbios como depressão e perturbação emocional. Abdo é graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário UniFIAM-FAAM. Entre suas atividades de repórter colaborador já produziu matérias para a Revista Galileu e para as revistas americanas OUT e Documentary. Atualmente, trabalha como repórter no guia semanal “Divirta-se” do jornal O Estado de São Paulo, coluna especializada em cinema e vida noturna. Entre outras experiências, atuou como repórter freelancer da Editora Globo (colaborador da Revista Galileu (2014-2018), nas páginas de cultura e entretenimento). Entre suas publicações, destacamos *Marielle Franco's Legacy Lives — And Will Now Change Brazil* (março de 2018), produção destinada à revista digital Into em que destaca Marielle como ativista política e figura simbólica para as mulheres, os negros e a comunidade LGBTQ. Representamos esta notícia na figura 11, a seguir.

Figura 11 - *Print* da notícia “7 provas de que ler faz bem para sua saúde”.



Fonte: Abdo (2016).

- (1) 7 provas de que ler faz bem para sua saúde
- (2) Pesquisas comprovam os benefícios da leitura para a saúde mental

29/12/2016 - 16H27/ atualizado 16H27 / por Humberto Abdo



(Foto: Reprodução/Tumblr)

(3) Além de ser uma forma de entretenimento, a leitura é uma ótima maneira de aumentar seu vocabulário e (4) vários estudos recentes indicaram benefícios cognitivos entre aqueles que mantêm o hábito de ler regularmente. (5) Se quiser viver mais, melhorar a memória ou reduzir o estresse em 2017, considere acrescentar alguns livros para sua meta no próximo ano e confira como a leitura pode fazer bem para sua saúde:

(6) *1 - Sua empatia aumenta*

(7) Todos os tipos de narrativas, incluindo ficção, podem impulsionar nossa compreensão e empatia pelas pessoas: um estudo publicado no periódico *Trends in Cognitive Sciences* mostrou que a leitura nos ajuda a entender melhor o sentimento dos outros e também melhora a capacidade de mudarmos nós mesmos. (8) Segundo a publicação, esse efeito é alcançado pelo envolvimento emocional durante uma leitura ao descobrir circunstâncias e personagens complexos.

(9) *2 - Você fortalece a criatividade*

(10) A leitura está diretamente relacionada à criatividade: um estudo do periódico *Creativity Research Journal* sugeriu que, após ler uma obra de ficção, as pessoas se sentem mais encorajadas a aceitar pensamentos ambíguos e passam a entender com mais clareza várias perspectivas sobre um mesmo assunto. (11) Em outras palavras, fica mais fácil enxergar novas possibilidades em sua rotina.

(12) *3 - Os riscos de desenvolver Alzheimer ou demência após a vida adulta diminuem*

(13) Várias pesquisas indicaram que o estímulo mental da leitura ajuda a “atrasar” sintomas de doenças como demência e Alzheimer. (14) Um estudo do jornal *Neurology*, de 2013, descobriu que pessoas que sustentam o hábito de ler após a vida adulta também preservam por mais tempo suas habilidades mentais.

(15) *4 - Sua expectativa de vida aumenta*

(16) Um estudo publicado no periódico *Social Science and Medicine* revelou que quem lê livros regularmente consegue viver por muito mais tempo. (17) Em testes com mais de três mil voluntários, aqueles que dedicaram cerca de três horas por semana à leitura viveram pelo menos dois anos a mais do que os participantes que não costumavam ler com frequência.

(18) *5 - A leitura também reduz alguns preconceitos*

(19) Aprender sobre o universo de outras pessoas pode ajudá-lo a ter menos preconceitos. (20) Um estudo baseado na saga de livros de Harry Potter sugeriu que eles podem reduzir significativamente o preconceito contra homossexuais, refugiados e imigrantes.

(21) *6 - ...e os níveis de estresse*

(22) Uma pesquisa feita em 2009 pela Universidade de Sussex revelou que ler por apenas seis minutos já ajuda a reduzir em até 68% os níveis de estresse. (23) Esse tempo foi suficiente para que os voluntários diminuíssem a frequência cardíaca e aliviassem a tensão dos músculos. (24) “Perder-se em um livro é o maior estágio de relaxamento possível”, opinou o neuropsicólogo David Lewis, que conduziu o teste. (25) “Não importa qual é o livro, apenas o processo de escapar das preocupações do mundo cotidiano já é uma forma de relaxar.”

(26) *7 - Existe até um tipo de terapia feita com livros*

(27) A biblioterapia é um conceito antigo que envolve o uso de leituras terapêuticas para reduzir o estresse, sintomas de distúrbios como depressão ou alguma perturbação emocional. (28) Seu uso clínico pode incluir a leitura de ficção e não-ficção e leva em consideração a relação do paciente com o conteúdo de cada livro.

A notícia “7 provas de que ler faz bem para sua saúde” tem por fim discursivo informar (“fazer saber”) o leitor sobre os benefícios que a leitura pode trazer para a saúde mental de quem desenvolve o hábito de ler assiduamente, explicar (“fazer compreender”) ao jovem leitor outras vantagens da leitura além das já conhecidas, e tentar sensibilizá-lo (“fazer sentir”) para que se sinta motivado a conhecer as descobertas científicas recentes em torno da leitura.

Nesta notícia, o esquema planejado para conquistar o leitor tem no subtítulo (2) seu ponto de partida. Com o discurso indireto (2) “Pesquisas comprovam os benefícios da leitura para a saúde mental”), o locutor projeta no leitor a sensação de que ele precisa continuar a leitura (visada de *captação*), visto que a citação apenas introduz o assunto. Essa estratégia intenta pôr o leitor em alerta, ele precisa seguir. De fato, caso siga a orientação, o leitor vai encontrar outro discurso indireto (4) que só aumenta a expectativa do leitor, já que os detalhes serão adiados:

(4) **vários estudos recentes indicaram benefícios cognitivos entre aqueles que mantêm o hábito de ler regularmente.**

Em (4), o locutor sinaliza para o leitor que propõe introduzi-lo no mundo dos conhecimentos científicos, pois a informação é introdutória e propõe um “ir em frente”; indica ainda que a travessia do título (e subtítulo) para os argumentos é mediada pela estratégia que primeiro lembra as informações já conhecidas (3) “Além de ser uma forma de entretenimento, a leitura é uma ótima maneira de aumentar seu vocabulário”, para em seguida encaminhar o leitor às informações supostamente menos conhecidas e que provavelmente podem interessar ao leitor: (4) “vários estudos recentes indicaram benefícios cognitivos...”, desempenhando o papel da restrição de *seriedade*, que será concretizada nas citações de (7) a (25), expostas adiante.

Assim, com o fim de provar as razões pelas quais o ato de ler é benéfico à saúde mental, o locutor projeta no leitor uma expectativa de quem estaria diante da própria verdade. Esta estratégia é procedente, pois, como diz Charaudeau (2008, p. 240, grifo do autor), “A **citação** funciona como uma fonte de verdade, testemunho de um dizer, de uma experiência, de um saber”. O testemunho de um saber ocorre “[...] quando a **citação** relata uma proposta científica, ou emana de uma pessoa que representa autoridade”. (CHARAUDEAU, 2008, p. 241, grifo do autor).

Como é sabido, a inter-relação entre os discursos científico, didático e midiático que caracterizam a divulgação científica midiática, não passa de desafio para o leitor, pois o que faz o locutor é negociar com o leitor formas de convencê-lo a ler o texto. Entre essas formas, está a recorrência aos argumentos de autoridade ou “fontes de verdade”, como diz Charaudeau, as quais reproduzimos começando pela repetição de (4), que, além do suspense que provoca (ela entretém o leitor entre o sabido e por saber), orienta-o ao “fazer saber” da visada de informação (de 7 a 25). De fato, este é o momento em que as citações desvendam os “benefícios cognitivos” da leitura, superando o saber que julga a leitura de uma forma ainda bastante redutora: a leitura como forma de entretenimento e aumento de vocabulário. Assim, o bloco de citações a seguir é prova de que o locutor se empenha em fazer com que os leitores acreditem nele; por isso, num gesto forte de persuasão, objetivando construir sua credibilidade ele traz bastantes provas para sustentar o que diz (CHARAUDEAU, 2010):

(4) [...] *vários estudos recentes indicaram benefícios cognitivos entre aqueles que mantém o hábito de ler regularmente.*

(7) Todos os tipos de narrativas, incluindo ficção, podem impulsionar nossa compreensão e empatia pelas pessoas: *um estudo publicado no periódico Trends in Cognitive Sciences mostrou que a leitura nos ajuda a entender*

melhor o sentimento dos outros e também melhora a capacidade de mudarmos nós mesmos.

(8) *Segundo a publicação*, esse efeito é alcançado pelo envolvimento emocional durante uma leitura ao descobrir circunstâncias e personagens complexos.

(10) A leitura está diretamente relacionada à criatividade: *um estudo do periódico Creativity Research Journal* sugeriu **que, após ler uma obra de ficção, as pessoas se sentem mais encorajadas a aceitar pensamentos ambíguos e passam a entender com mais clareza várias perspectivas sobre um mesmo assunto.**

(13) *Várias pesquisas* indicaram **que o estímulo mental da leitura ajuda a ‘atrasar’ sintomas de doenças como demência e Alzheimer.**

(14) *Um estudo do jornal Neurology*, de 2013, descobriu **que pessoas que sustentam o hábito de ler após a vida adulta também preservam por mais tempo suas habilidades mentais.**

(16) *Um estudo publicado no periódico Social Science and Medicine* revelou **que quem lê livros regularmente consegue viver por muito mais tempo. Em testes com mais de três mil voluntários, aqueles que dedicaram cerca de três horas por semana à leitura viveram pelo menos dois anos a mais do que os participantes que não costumavam ler com frequência.**

(20) *Um estudo baseado na saga de livros de Harry Potter* sugeriu **que eles podem reduzir significativamente o preconceito contra homossexuais, refugiados e imigrantes.**

(22) *Uma pesquisa feita em 2009 pela Universidade de Sussex* revelou **que ler por apenas seis minutos já ajuda a reduzir em até 68% os níveis de estresse.** (23) **Esse tempo foi suficiente para que os voluntários diminuíssem a frequência cardíaca e aliviassem a tensão dos músculos.**

(24) **‘Perder-se em um livro é o maior estágio de relaxamento possível’,** opinou o *neuropsicólogo David Lewis*, que conduziu o teste.

(25) **‘Não importa qual é o livro, apenas o processo de escapar das preocupações do mundo cotidiano já é uma forma de relaxar.’**

A negociação é produto dos níveis de conhecimento dos leitores; por isso os órgãos midiáticos esforçam-se em abarcar o maior número de leitores pondo em ação estratégias que cumprem não só a finalidade de “fazer saber” (visada de *informação*), mas, em nome da conquista dos leitores, estratégias que cumprem a finalidade de “fazer sentir” (visada de *captação*).

Segundo Charaudeau (2016, p. 553, grifo nosso),

No que tange à instância de recepção, os sujeitos podem ter *níveis de conhecimento diversos*. Mais esclarecidos são os leitores das revistas especializadas; bem menos, talvez completamente leigos, são os leitores de jornais generalistas ou populares, ou ainda telespectadores, que recebem apenas informações por meio da tevê. Do lado da instância de produção, essa

especificação de públicos deve ser levada em conta, e o discurso de divulgação variará em função dessa diversidade.

É ciente desses “níveis de conhecimento diversos” que o locutor – quando propõe ao leitor fazer saber o que ele (provavelmente) não sabe – encena os procedimentos que cumprem o papel de argumento de autoridade. (CHARAUDEAU, 2016). Ao encenar, para os níveis de conhecimento dos leitores da Galileu, o locutor elenca um conjunto de informações, de forma bem arranjada, a cada passo do texto, para oferecer a eles e de quem espera uma reação, que pode concretizar-se ou não. E ainda, “[...] levando-se em conta a identidade dos sujeitos produtores e a dos sujeitos receptores, cuja especificidade repercute sobre a finalidade, se privilegiará mais a visada de credibilidade ou a de captação” (CHARAUDEAU, 2016, p. 554), concluímos, diante do volume de citações desta notícia, que o locutor priorizou produzir efeitos de credibilidade, satisfazendo, assim, a restrição de seriedade (visada de *informação*).

E mais: se considerarmos que estamos diante de um fato reconstruído pela mídia, onde sempre ocorre a dessacralização do discurso científico (CHARAUDEAU, 2016), a disposição das citações simboliza uma vontade persistente de mobilizar a afetividade do leitor, de chacoalhar o seu entusiasmo. Se cabe uma hipótese, o locutor põe em jogo uma “chamada de atenção”, calculando que “o meu leitor não vai resistir a tantas provas!” Segundo Charaudeau e Maingueneau (2012, p. 189) “[...] a análise da argumentação no discurso parte do princípio de que uma relação estreita [...] associa a emoção à racionalidade [...]”. Por esse ângulo, diríamos que, em conjunto, os discursos citados (representativos da razão) produzem efeitos de dramatização, satisfazendo, assim, a restrição de emocionalidade (visada de *captação*) do discurso midiático; este, em nome do crédito e da imagem da revista, investe criteriosamente na denominação dos locutores de origem.

Em divulgação científica midiática, a construção de credibilidade faz forte apelo aos cientistas, instituições científicas e profissionais autorizados a falar sobre o conhecimento científico, que são tratados por uma identificação. Visando o crédito do leitor, o locutor os apresenta pelo nome, pelo sobrenome, pela função, pelo título, pelo gentílico, pelo patronímico; pelo nome, sobrenome e função; ora de forma identificável, ora de forma não identificável. (CHARAUDEAU, 2013, p. 170). Assim sendo, cada uso da intertextualidade na forma de citação corresponde a um locutor de origem, cujo crédito vai ser atribuído pelo leitor que toma como referência a identidade que essa fonte receber do produtor do texto.

Em termos de identificação, sobressai a voz de “o neuropsicólogo David Lewis, que conduziu o teste” (segmentos 24 e 25), composta pelo *status* acadêmico “neuropsicólogo”, mais nome e sobrenome e um atributo que o qualifica como chefe de equipe, “que conduziu o teste”; essa escolha informa que o agente está autorizado a corroborar a pesquisa e, portanto, poderá extrair do leitor uma avaliação positiva. Observamos também um apelo “obsessivo” a “estudo/pesquisa” (“um estudo publicado no periódico *Trends in Cognitive Sciences* mostrou que...” (7), “Uma pesquisa feita em 2009 pela Universidade de Sussex revelou que...” (22) do começo ao fim do texto. São formas metonímicas que igualmente contribuem para a mobilização da credibilidade pensada pelo produtor do texto. Antes, contudo, convém dizer que as citações primam pela marca de “distanciamento”, seja pelo discurso indireto/modalização em discurso segundo (segmentos 2, 4, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 20, 22), formas que procuram apagar o locutor diante do público leitor ou indicar que não assume um enunciado (MAINGUENEAU, 2011), seja pelo discurso direto (24, 25), uso com o qual o locutor além de criar a autenticidade, procura distanciar-se para explicitar sua adesão respeitosa ao dito. (MAINGUENEAU, 2011).

Retomando a questão da credibilidade, saibamos que o locutor produtor desta notícia não é cientista; no entanto, cumpre o papel de divulgador da ciência. Essa possibilidade nasce do trabalho de legitimação que ele constrói diante do público leitor. Tomando como referência seu *status* social, a Revista Galileu concedeu-lhe o direito à fala. Mas é preciso reforçar esse direito de forma que o público o veja como uma voz séria, capaz de responder competently por esse domínio do conhecimento.

Na prática, para revestir-se de autoridade o locutor tomou como estratégia de persuasão a recorrência à intertextualidade na forma de citação. Isso é insistir no espírito de sinceridade (CHARAUDEAU, 2010) para persuadir o leitor de que quem está falando tem conhecimento de causa, conforme o demonstra as vozes abaixo, incorporadas de forma insistente e exibindo conhecimentos diversificados:

(2) *Pesquisas* comprovam **os benefícios da leitura para a saúde mental**

(4) [...] *vários estudos recentes indicaram benefícios cognitivos entre aqueles que mantêm o hábito de ler regularmente.*

(7) Todos os tipos de narrativas, incluindo ficção, podem impulsionar nossa compreensão e empatia pelas pessoas: *um estudo publicado no periódico Trends in Cognitive Sciences mostrou que a leitura nos ajuda a entender melhor o sentimento dos outros e também melhora a capacidade de mudarmos nós mesmos.*

(8) *Segundo a publicação, esse efeito é alcançado pelo envolvimento emocional durante uma leitura ao descobrir circunstâncias e personagens complexos.*

(10) A leitura está diretamente relacionada à criatividade: *um estudo do periódico Creativity Research Journal sugeriu que, após ler uma obra de ficção, as pessoas se sentem mais encorajadas a aceitar pensamentos ambíguos e passam a entender com mais clareza várias perspectivas sobre um mesmo assunto.*

(13) *Várias pesquisas indicaram que o estímulo mental da leitura ajuda a ‘atrasar’ sintomas de doenças como demência e Alzheimer.*

(14) *Um estudo do jornal Neurology, de 2013, descobriu que pessoas que sustentam o hábito de ler após a vida adulta também preservam por mais tempo suas habilidades mentais.*

(16) *Um estudo publicado no periódico Social Science and Medicine revelou que quem lê livros regularmente consegue viver por muito mais tempo. (17) Em testes com mais de três mil voluntários, aqueles que dedicaram cerca de três horas por semana à leitura viveram pelo menos dois anos a mais do que os participantes que não costumavam ler com frequência.*

(20) *Um estudo baseado na saga de livros de Harry Potter sugeriu que eles podem reduzir significativamente o preconceito contra homossexuais, refugiados e imigrantes.*

(22) *Uma pesquisa feita em 2009 pela Universidade de Sussex revelou que ler por apenas seis minutos já ajuda a reduzir em até 68% os níveis de estresse. (22) Esse tempo foi suficiente para que os voluntários diminuíssem a frequência cardíaca e aliviassem a tensão dos músculos.*

(24) *‘Perder-se em um livro é o maior estágio de relaxamento possível’, opinou o neuropsicólogo David Lewis, que conduziu o teste.*

(25) *‘Não importa qual é o livro, apenas o processo de escapar das preocupações do mundo cotidiano já é uma forma de relaxar.’*

De (2) a (25), o locutor dedica-se em construir a estratégia de legitimação que o legitima a dirigir-se ao leitor na condição de autoridade digna do reconhecimento do público a quem se dirige. O quadro a seguir permite uma visualização geral dos resultados da análise do texto.

Quadro 4 - Discursos relatados, efeito valorativo, modo de identificação e visadas de informação e captação na notícia “7 provas de que ler faz bem para sua saúde”

<i>Discurso direto</i>	<i>Efeito valorativo</i>	<i>Modo de Identificação</i>	<i>Visadas</i>
(24) “Perder-se em um livro é o maior estágio de relaxamento possível” , opinou o <i>neuropsicólogo David Lewis</i> , que conduziu o teste.		<i>o neuropsicólogo David Lewis, que conduziu o teste</i>	VI
(25) “Não importa qual é o livro, apenas o processo de escapar das preocupações do mundo cotidiano já é uma forma de relaxar.”		<i>o neuropsicólogo David Lewis, que conduziu o teste</i>	VI
<i>Discurso indireto</i>		<i>Modo de Identificação</i>	<i>Visadas</i>

(2) Pesquisas comprovam os benefícios da leitura para a saúde mental	Efeito de saber	<i>Pesquisas</i>	VC
(4) vários estudos recentes indicaram benefícios cognitivos entre aqueles que mantêm o hábito de ler regularmente.		<i>vários estudos recentes</i>	VC
(7) [...] um estudo publicado no periódico Trends in Cognitive Sciences mostrou que a leitura nos ajuda a entender melhor o sentimento dos outros e também melhora a capacidade de mudarmos nós mesmos.		<i>um estudo publicado no periódico Trends in Cognitive Sciences</i>	VI
(10) A leitura está diretamente relacionada à criatividade: um estudo do periódico <i>Creativity Research Journal</i> sugeriu que, após ler uma obra de ficção, as pessoas se sentem mais encorajadas a aceitar pensamentos ambíguos e passam a entender com mais clareza várias perspectivas sobre um mesmo assunto.		<i>um estudo do periódico Creativity Research Journal</i>	VI
(13) Várias pesquisas indicaram que o estímulo mental da leitura ajuda a “atrasar” sintomas de doenças como demência e Alzheimer.		<i>Várias pesquisas</i>	VI
(14) Um <i>estudo do jornal Neurology</i> , de 2013, descobriu que pessoas que sustentam o hábito de ler após a vida adulta também preservam por mais tempo suas habilidades mentais.		<i>Um estudo do jornal Neurology</i>	VI
(16) <i>Um estudo publicado no periódico Social Science and Medicine</i> revelou que quem lê livros regularmente consegue viver por muito mais tempo. (17) Em testes com mais de três mil voluntários, aqueles que dedicaram cerca de três horas por semana à leitura viveram pelo menos dois anos a mais do que os participantes que não costumavam ler com		<i>Um estudo publicado no periódico Social Science and Medicine</i>	VI
(20) <i>Um estudo baseado na saga de livros de Harry Potter</i> sugeriu que eles podem reduzir significativamente o preconceito contra homossexuais, refugiados e imigrantes.		<i>Um estudo baseado na saga de livros de Harry Potter</i>	VI
(22) <i>Uma pesquisa feita em 2009 pela Universidade de Sussex</i> revelou que ler por apenas seis minutos já ajuda a reduzir em até 68% os níveis de estresse. (23) Esse tempo foi suficiente para que os voluntários diminuíssem a frequência cardíaca e aliviassem a tensão dos músculos.		<i>Uma pesquisa feita em 2009 pela Universidade de Sussex</i>	VI
MDS		Modo de Identificação	Visadas
(8) Segundo a <i>publicação</i> , esse efeito é alcançado pelo envolvimento emocional durante uma leitura ao descobrir circunstâncias e personagens complexos.	<i>a publicação</i>	VI	
Ilha textual	Modo de Identificação	Visadas	
-	-	-	

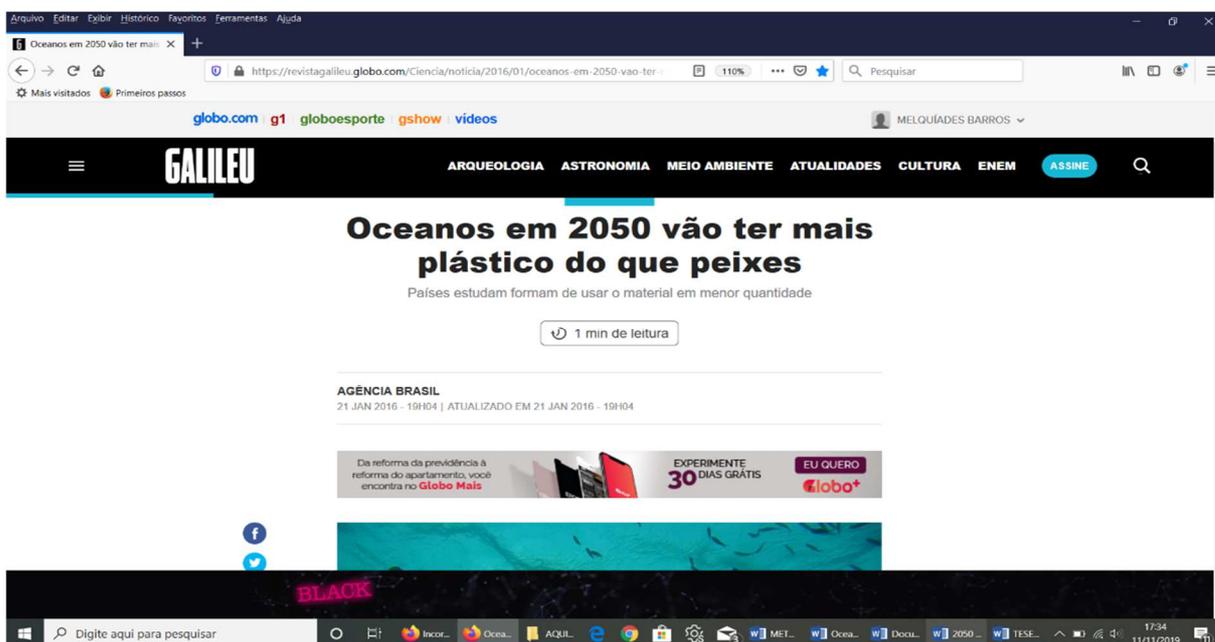
Fonte: Elaborado pelo autor.

5.4 Análise da Notícia “Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes”

Esta notícia foi escrita para a Revista Galileu *online* pela Agência Brasil em janeiro de 2016, agência pública de notícias criada pelo governo federal em 1989 que produz

notícias para um público especialmente nacional, cujos conteúdos são reproduzidos tanto por sites e veículos impressos de todo o país como também do exterior⁷⁴. Permitindo acesso livre aos leitores, a Agência Brasil visa alcançar um público bastante diversificado. Interessa-se por temas que, de uma forma ou de outra, estão voltados para o bem social, como *Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixe*, cujo propósito é alertar a humanidade do excesso de plásticos arremessados nos mares, lixo que aumenta gradualmente com o passar dos anos. Trazemos esta notícia na figura 12

Figura 12 - *Print* da notícia “Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes”



Fonte: Agência Brasil (2016).

- (1) Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes
 - (2) Países estudam formam [sic] de usar o material em menor quantidade
- 21/01/2016 - 19H04/ atualizado 19H04 / por Agência Brasil

⁷⁴ Informação extraída do site. (AGÊNCIA BRASIL, 2019),



(Foto: Flickr/PhOtOnQuAnTiQuE)

(3) O aumento da utilização de plásticos é tão significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes, alertou o Fórum Econômico Mundial de Davos, que começou na quarta-feira (21).

(4) “O sistema atual de produção, de utilização e de abandono de plásticos tem efeitos negativos significativos: entre US\$ 80 bilhões e US\$ 120 bilhões (entre 73 bilhões de euros e 109 bilhões de euros) em embalagens de plástico são perdidos anualmente. (5) A par do custo financeiro, se nada mudar, os oceanos terão mais plásticos do que peixes [em peso] até 2050”, indicou um comunicado do fórum, que vai reunir até sábado (23) líderes mundiais e bilionários.

(6) Essas conclusões têm como base um estudo da fundação da reconhecida velejadora britânica Ellen MacArthur, em parceria com a consultora McKinsey. (7) Segundo o relatório, a proporção entre as toneladas de plástico e as toneladas de peixe registradas nos oceanos era de 1 para 5 em 2014. Em 2025, será de 1 para 3 e em 2050 irá evoluir de 1 para 1.

(8) O fórum considera necessária “uma reformulação total das embalagens e dos plásticos em geral”, bem como a procura de alternativas ao petróleo, principal matéria para a produção do plástico. (9) Caso não seja encontrada uma matéria alternativa, essa indústria irá consumir 20% da produção petrolífera em 2050.

(10) Vários países tentam atualmente limitar o uso de sacos plásticos. Em Portugal, entrou em vigor em fevereiro de 2015 uma taxa (de 10 centavos) sobre os sacos plásticos leves. (11) A França quer proibir o uso único de sacos plásticos em março, enquanto o Reino Unido também aprovou uma legislação que exige que o uso de sacos plásticos seja sujeito a pagamento. (Agência Brasil, 2016)

A notícia “Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes” tem por fim informar (“fazer saber”) o leitor sobre os impactos do excesso de plásticos nos oceanos, explicar (“fazer compreender”) ao leitor um recorte da realidade que até o momento

talvez não possua, e tentar sensibilizá-lo (“fazer sentir”) para que se sinta motivado a adquirir as informações recentes sobre a ameaça dos plásticos às águas dos oceanos.

Com o título (1) “Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes”, o locutor projeta no leitor não só uma expectativa de verdade do fato, mas também uma imagem dramática em seu imaginário; afinal, 2050 está próximo e a natureza é a fonte da vida. Com esse discurso, o locutor sinaliza que deseja atingir a emotividade do leitor; portanto, há, aí, fortes sinais da restrição de emocionalidade (visada de *captação*). Contudo, apesar da seriedade observada em (1), aos olhos do locutor essa estratégia ainda lhe parece fraca para conquistar o leitor. À vista disso, visando fortalecer o impacto, ele lança mão de uma nova estratégia, um discurso direto sem aspas (3), no primeiro parágrafo, e um discurso direto com aspas (4), ambos reproduzidos adiante.

Segundo Charaudeau (2016, p. 555),

[...] a restrição de seriedade pode igualmente aparecer, em dosagens variáveis, por meio de um jogo dialógico de referências científicas destinadas a lembrar o leitor que ele se encontra num domínio que é, ao mesmo tempo, reservado aos especialistas [...].

Assim sendo, ciente de que “a restrição de seriedade pode aparecer por dosagens”, o locutor sinaliza que propõe negociar com o leitor, pois nesse “jogo dialógico de referências científicas”, diante de uma instância de recepção heterogênea, representante de níveis de conhecimento e opiniões diversas (CHARAUDEAU, 2016), há a necessidade de uma estratégia que apresente os fatos com cautela, ou seja, primeiro os mais familiares, como em (3); depois os menos familiares da instância pública (de 4 em diante).

(3) O aumento da utilização de plásticos é tão significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes, alertou o *Fórum Econômico Mundial de Davos*, que começou na quarta-feira (21).

(4) ‘O sistema atual de produção, de utilização e de abandono de plásticos tem efeitos negativos significativos: entre US\$ 80 bilhões e US\$ 120 bilhões (entre 73 bilhões de euros e 109 bilhões de euros) em embalagens de plástico são perdidos anualmente. (5) A par do custo financeiro, se nada mudar, os oceanos terão mais plásticos do que peixes [em peso] até 2050’, indicou *um comunicado do fórum*, que vai reunir até sábado (23) líderes mundiais e bilionários.

Já é sabido que na construção da credibilidade é a influência que está em jogo. As mídias sempre procuram suscitar uma reação no leitor. Assim, o título (1), juntamente com (3, primeiro parágrafo), ao mesmo tempo que informam, cumprindo a visada de

informação (“fazer saber”), produzem um efeito de afetividade no leitor (cumprindo a visada de *captação* (“fazer sentir”), uma vez que as duas citações não manifestam interesse em revelar saberes mais profundos, o que praticamente obriga o leitor a satisfazer sua provável curiosidade de saber mais.

Da mesma forma que em (3) e (4-5), em (7) o locutor tira partido da situação retomando uma citação que funciona como testemunho *de um dizer* (CHARAUDEAU, 2008, p. 240), desejando com isso incutir no leitor que o que está sendo dito é verdadeiro:

(7) *Segundo o relatório, a proporção entre as toneladas de plástico e as toneladas de peixe registradas nos oceanos era de 1 para 5 em 2014. Em 2025, será de 1 para 3 e em 2050 irá evoluir de 1 para 1.*

Semelhantemente, em (8) o locutor chama a atenção do leitor para o foco da informação com uma ilha textual, já no nível das “propostas” do Fórum:

(8) *O fórum considera necessária ‘uma reformulação total das embalagens e dos plásticos em geral’, bem como a procura de alternativas ao petróleo, principal matéria para a produção do plástico.*

Nos dois últimos casos, o primeiro uma modalização em discurso segundo e o segundo uma ilha textual, o locutor põe em evidência o “fazer saber” da visada de *informação*. Sendo assim, o tempo todo o leitor está sob a vigilância do locutor, que sinaliza que as informações que procura estão ali. Como a certeza é improvável no que tange ao convencimento do leitor, o locutor propõe negociar com este as estratégias de *informação* e *captação*. Assim sendo, a construção da credibilidade, passa, portanto, pelas constantes retomadas da intertextualidade na forma de citação, que funciona como prova, como poder de persuasão do leitor, conforme anotamos, em bloco, para uma visão panorâmica do raciocínio do locutor ao priorizar o efeito de credibilidade na construção da notícia, satisfazendo, portanto, a restrição de seriedade:

(1) Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes

(3) O aumento da utilização de plásticos é tão significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes, alertou o Fórum Econômico Mundial de Davos, que começou na quarta-feira (21).

(4) ‘O sistema atual de produção, de utilização e de abandono de plásticos tem efeitos negativos significativos: entre US\$ 80 bilhões e US\$ 120 bilhões (entre 73 bilhões de euros e 109 bilhões de euros) em embalagens de plástico são perdidos anualmente. (5) A par do custo financeiro, se nada mudar, os oceanos terão mais plásticos do que peixes [em peso] até 2050’,

indicou *um comunicado do fórum*, que vai reunir até sábado (23) líderes mundiais e bilionários.

(7) **Segundo o relatório, a proporção entre as toneladas de plástico e as toneladas de peixe registradas nos oceanos era de 1 para 5 em 2014. Em 2025, será de 1 para 3 e em 2050 irá evoluir de 1 para 1.**

(8) **O fórum considera necessária 'uma reformulação total das embalagens e dos plásticos em geral'.**

Em divulgação científica midiática, a construção de credibilidade faz forte apelo aos cientistas, instituições científicas e profissionais autorizados a falar sobre o conhecimento científico, que são tratados por uma identificação. Visando o crédito do leitor, o locutor os apresenta pelo nome, pelo sobrenome, pela função, pelo título, pelo gentílico, pelo patronímico; pelo nome, sobrenome e função; ora de forma identificável, ora de forma não identificável. (CHARAUDEAU, 2013, p. 170). Assim sendo, cada uso da intertextualidade na forma de citação corresponde a um locutor de origem, cujo crédito vai ser atribuído pelo leitor que toma como referência a identidade atribuída pelo produtor do texto.

Sobressai nesta notícia a voz do “Fórum”. Em (3), sua identidade vem marcada pelo nome, “Fórum”, a abrangência territorial, “mundial” e onde ocorreu, “Davos”; em (4-5), a designação evidencia “um comunicado do fórum”; em (7), sobressai o “relatório” e em (8), “o fórum”. Em todo os casos, as denominações eleitas giram em torno do mesmo eixo, o fórum, certamente por que o locutor produtor tem a intenção de dirigir o olhar do leitor para as ações do Fórum (o Fórum *alertou*, *indicou* um comunicado, *segundo* o relatório, o fórum *considera*), ressaltando o valor coletivo do locutor de origem e procurando extrair do leitor uma avaliação positiva do evento.

Convém aqui ressaltar que os discursos diretos sem aspas em (1) e (3), ao reproduzirem o conteúdo substancial da fala de seus locutores de origem (O Fórum Econômico Mundial de Davos/comunicado do fórum) almejam garantir o peso do crédito debitado nessas fontes; o discurso direto com aspas em (4-5), procura fazer crer ao leitor que este está diante das palavras tais como foram ditas pelo locutor de origem, ressaltando a autenticidade; a modalização em discurso segundo (7), em que o locutor produtor procura não assumir a responsabilidade pelo dito e, em (8), uma ilha textual, que procura manter o foco do leitor em uma ação importante do fórum, “uma reformulação total das embalagens e dos plásticos em geral”.

Semelhantemente aos outros textos, o locutor que escreve esta notícia apenas cumpre o papel de divulgador da ciência. Mas para adquirir o direito à palavra é

necessário legitimar-se diante do público leitor. Primeiro foi legitimado por uma instituição, a Revista Galileu, que lhe concedeu o direito à fala. Contudo, foi preciso reforçar esse direito de forma que o público o visse como uma voz séria, capaz de responder sem suspeitas por essa área do saber.

No discurso, para revestir-se de autoridade o locutor tomou como estratégia de persuasão a recorrência à intertextualidade na forma de citação para persuadir o leitor de que quem está falando conhece o assunto, conforme demonstram as vozes abaixo, que reproduzimos para mostrar o caminho da construção da seriedade do locutor:

(1) Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes

(3) O aumento da utilização de plásticos é tão significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes, alertou o *Fórum Econômico Mundial de Davos*, que começou na quarta-feira (21).

(4) ‘O sistema atual de produção, de utilização e de abandono de plásticos tem efeitos negativos significativos: entre US\$ 80 bilhões e US\$ 120 bilhões (entre 73 bilhões de euros e 109 bilhões de euros) em embalagens de plástico são perdidos anualmente. (5) A par do custo financeiro, se nada mudar, os oceanos terão mais plásticos do que peixes [em peso] até 2050’, indicou *um comunicado do fórum*, que vai reunir até sábado (23) líderes mundiais e bilionários.

(7) Segundo o relatório, a proporção entre as toneladas de plástico e as toneladas de peixe registradas nos oceanos era de 1 para 5 em 2014. Em 2025, será de 1 para 3 e em 2050 irá evoluir de 1 para 1.

(8) O fórum considera necessária ‘uma reformulação total das embalagens e dos plásticos em geral’.

De (1) a (8), o locutor empenha-se em construir a posição de legitimidade que lhe dá o direito de falar sobre a poluição nos oceanos. Para ele, as falas são provas que o legitimam a dirigir-se ao leitor na condição de autoridade digna do reconhecimento do público a quem se dirige. Para visualização dos resultados da análise do texto, sugerimos o quadro que segue.

Quadro 5 - Discursos relatados, efeito valorativo, modo de identificação e visadas de informação e captação na notícia “*Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes*”

<i>Discurso direto</i>	<i>Efeito valorativo</i>	<i>Modo de Identificação</i>	<i>Visadas</i>
(1) Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes			VC
(3) O aumento da utilização de plásticos é tão significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes,		<i>o Fórum Econômico Mundial de Davos</i>	VC

alertou o <i>Fórum Econômico Mundial de Davos</i> , que começou na quarta-feira (21).	Efeito de saber		
(4) “O sistema atual de produção, de utilização e de abandono de plásticos tem efeitos negativos significativos: entre US\$ 80 bilhões e US\$ 120 bilhões (entre 73 bilhões de euros e 109 bilhões de euros) em embalagens de plástico são perdidos anualmente. (5) A par do custo financeiro, se nada mudar, os oceanos terão mais plásticos do que peixes [em peso] até 2050”, indicou <i>um comunicado do fórum</i> , que vai reunir até sábado (23) líderes mundiais e bilionários.		<i>um comunicado do fórum</i>	VI
Discurso indireto		Modo de Identificação	Visadas
-		-	-
MDS		Modo de Identificação	Visadas
(7) Segundo o relatório, a proporção entre as toneladas de plástico e as toneladas de peixe registradas nos oceanos era de 1 para 5 em 2014. Em 2025, será de 1 para 3 e em 2050 irá evoluir de 1 para 1.		<i>o relatório</i>	VI
Ilha textual		Modo de Identificação	Visadas
(8) O fórum considera necessária “uma reformulação total das embalagens e dos plásticos em geral”		<i>O fórum</i>	VI

Fonte: Elaborado pelo autor.

Finalizadas as análises, quanto aos quadros observamos estes resultados: quadro 2: 4 VC⁷⁵ e 6 VI⁷⁶; quadro 3: 1 VC e 3 VI; quadro 4: 2 VC e 10 VI; quadro 5: 2 VC e 3 VI). Ou seja, apesar da frequência maior de VI, os locutores (uns mais outros menos) investiram na dramatização da informação no entorno do título ao primeiro parágrafo. Isso demonstra que o “fazer-saber” e o “fazer-sentir” são uma característica marcante da construção da Galileu *online*.

Dito isso, passamos à “Discussão dos resultados”, em que fazemos uma comparação das análises das quatro notícias selecionadas: (i) “*Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo*”, diz astronauta; (ii) *Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea*; (iii) *7 provas de que ler faz bem para sua saúde*; (iv) *Oceanos em 2050 vão ter mais plásticos do que peixe*.

⁷⁵ VC = VISADA DE CAPTAÇÃO

⁷⁶ VI = VISADA DE INFORMAÇÃO

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos nossas reflexões sobre os resultados obtidos, procurando enfatizar as diferenças e semelhanças entre as notícias analisadas, bem como os efeitos produzidos pelas citações, a fim de explicitar a consistência da intertextualidade na produção do DCM.

Entre os variados meios constituídos pela Galileu *online* para informar e cativar o leitor está a intertextualidade na forma de discursos relatados, foco da nossa investigação. Se para Charaudeau (2016, p. 552), a “[...] finalidade da comunicação midiática, com sua dupla visada de *informação* e *captação*, é assumida em meio a três lógicas: a democrática, a de mercado e a de influência”, na lógica de influência o locutor serve-se das mais variadas estratégias de conquista para atingir o leitor da divulgação científica, seja para fazê-lo agir, seja para emocioná-lo, seja para orientar seu pensamento. (CHARAUDEAU, 2005).

Em “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo’, diz astronauta” (anexo a), para fisgar o leitor, a estratégia de acesso à notícia percorreu uma hipótese que pode ser reconstruída da seguinte forma: de posse do texto, o leitor já esbarraria em uma “fala-título” (1), uma citação sob a responsabilidade do astronauta, personagem central da temática em discussão. A expressão “ressaca”, que tem valor simbólico bastante acentuado no imaginário popular, é orientada sob a forma de suas consequências no título (1), no subtítulo (2) e no primeiro parágrafo (3) e (5), como segue:

(1) **‘Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo’, diz astronauta**

(2) Depois de seis meses no espaço, *o astronauta britânico Tim Peake* relata **desconfortos** desde sua chegada

(3) *O astronauta britânico Tim Peake* afirmou estar vivendo **‘a pior ressaca do mundo’** [...]

(5) **‘Você fica feliz por voltar, mas não dá para aproveitar bem a experiência porque, para ser sincero, você se sente horrível’,** afirmou Peake a ITV News.

Para o locutor, essa aproximação semântica é projetada tanto para orientar o leitor e fazê-lo agir quanto para produzir efeitos de emocionalidade. Caso aceite a provocação, o leitor vai se aventurar na busca dos detalhes, argumentos de autoridade conduzidos pela restrição de *seriedade*. Note-se ainda, que em (5), o

locutor tomou a citação como uma estratégia que tem a intenção de negociar com o leitor apresentando os fatos a partir do que presumivelmente ele já conhece (a ressaca deixa as pessoas “horíveis”), para o que provavelmente constitui as informações desconhecidas, distribuídas no corpo do texto.

Na notícia “Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea” (anexo b), o locutor preparou uma estratégia diferente. Em vez de trazer uma “fala-título”, preferiu condensar na sua própria voz a informação que lhe pareceu o cerne do problema para o leitor brasileiro, como mostra o título (1), e deslocou o plano de atração do leitor para outra porção do texto, o primeiro parágrafo (3), com esta citação:

(3) **Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram.** A informação foi divulgada em um *novo atlas global da poluição luminosa publicado no jornal científico Science Advances.*

Neste ponto, o locutor inseriu uma citação do Atlas, que além de transmitir um saber (visada de *informação*), cumpre o papel preponderante de provocar o leitor (visada de *captação*), já que essa fala amplia a informação do título, (1) “Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea”, passando de um espaço delimitado (“brasileiros), para um espaço aberto (“população mundial”). O que está em jogo é o lugar estratégico da citação: esta citação não é periférica, é central, motivo por que recebe o que vem antes e encaminha o que vem depois. No processo de encenação discursiva, para o locutor o primeiro parágrafo é o “eixo” da questão. Há uma decisão a ser tomada neste ponto que poderá levar o leitor a completar o ciclo das informações que lhe são propostas (visada de *informação*).

De forma semelhante à programação anterior, em “7 provas de que ler faz bem para sua saúde” (anexo c), a singularidade que desponta é não deixar escapar ao leitor que a credibilidade de fato preparada para ele começa no subtítulo (2) (“Pesquisas comprovam os benefícios da leitura para a saúde mental”). Com este fragmento, o locutor, ao negociar, apresenta o fato de forma ainda generalizada a fim de sustentar o leitor e tentar convencê-lo a conhecer as “7 provas” que, pelas citações, compõem quase a totalidade do texto. A decisão de segurar o leitor é estendida ao primeiro parágrafo, momento em que o locutor dirige-se ao leitor retomando os conhecimentos mais gerais, provavelmente mais conhecidos (3):

(3) Além de ser uma forma de entretenimento, a leitura é uma ótima maneira de aumentar seu vocabulário [...].

A partir daí, é que o locutor esforça-se em animar o leitor trazendo as citações que detalham os conhecimentos provavelmente ainda ignorados pela instância pública, conhecimentos que vêm anunciados no segmento (4):

(4) [...] e *vários estudos recentes* indicaram **benefícios cognitivos entre aqueles que mantêm o hábito de ler regularmente.**

E para não espantar o leitor diante do volume de informações visualmente maçante, o locutor as apresenta, em sete seções bem definidas, entretítulos que embasam o leitor do que encontrará nas citações, as quais acionam o que há de mais sólido do “fazer saber” da notícia (visada de *informação*). Assim, o locutor confirma a estratégia de usar o subtítulo (2) como um mobilizador de afetividade que orienta o leitor a chegar ao primeiro parágrafo (4), onde se depara com outra fala (sob a responsabilidade de “vários estudos recentes”), instruída não só para cativar o leitor mas também para orientá-lo de que se envolverá com um bloco de citações, uma após a outra, praticamente “num só fôlego”, cada qual com sua “novidade”.

A estratégia do último texto, “Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes” (anexo d), assemelha-se à tática dos demais. Contudo, uma singularidade desponta: ao acionar um título assombroso como (1) “Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes”, o locutor propõe surpreender o leitor, numa tentativa de desarmá-lo de qualquer meio que possa livrar-se do choque e, assim, atraí-lo para dentro do texto.

Assim, na construção de hipóteses sobre como afetar a emoção do leitor mobilizando a categoria “trágico” (CHARAUDEAU, 2013), com esse título o locutor sinaliza querer tocar o emocional do leitor para fazê-lo recordar certas representações abrigadas em sua memória social: se a natureza se equilibra na lógica “mais peixe que lixo”, mas o oposto é o esperado, esse previsão faz evocar imagens partilhadas sobre o fim da vida pela própria ação humana (o fim dos tempos).

Essa estratégia de mobilização da reação, contudo, estende-se ao primeiro parágrafo (3, reproduzido abaixo), quando o locutor, com a citação, indica ao leitor que pretende satisfazer a expectativa de sinceridade, efeito só estabilizado em (4) (prejuízos financeiros investidos em plástico), (7) (os cálculos entre toneladas de peixes e toneladas de lixo) e (8) (proposta de reformulação das embalagens), citações destinadas a fazer saber ao interlocutor aquilo que ele provavelmente precisa saber (restrição de *seriedade*). No entanto, pelo fato de (3), “O aumento da utilização de

plásticos é tão significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes...”, servir de material para o título, essa citação atinge diretamente a afetividade do leitor, pondo em ação a restrição de *emocionalidade*.

Em síntese, no que tange à produção, todos os locutores usam a informação (“fazer saber”) como critério predominante da divulgação científica midiática. Na notícia “7 provas de que ler faz bem para sua saúde”, o locutor investiu maciçamente na visada de informação (a intertextualidade na forma de citação compõe quase a totalidade do texto), objetivando ressaltar o “fazer saber” ao leitor sobre os acontecimentos do mundo, e apostou no subtítulo e no primeiro parágrafo como critério básico de visada de *captação*. Já em “Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea”, o locutor procurou deixar o leitor mais à vontade com os discursos e convencê-lo a voltar os olhos diretamente para o que o texto tem de informativo, pois a credibilidade está sempre em jogo. Como estratégia de captação, o locutor confiou apenas na citação do primeiro parágrafo, segmento (3) “Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram”.

Por sua vez, nas notícias “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta” e “Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes”, os produtores investem mais intensamente na estratégia de dramatização, que cobre do título ao primeiro parágrafo, explorando diretamente a representação “trágico” da vida, categoria “[...] a que correspondem, no tratamento da informação, estratégias discursivas de dramatização”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 82).

Voltando o olhar para o discurso científico, o midiático e o didático, na intersecção dos quais se situa o DCM, em todas as notícias a visada de informação (“fazer saber”) sobressai na *autenticação* dos fatos (as próprias citações respondem por isso), na *revelação* (tudo o que é dito passou por debates na instância midiática) e na *explicação* ao público do “porquê” e do “como” dos acontecimentos.

Para ilustrar, quanto a esta última estratégia (explicação), na notícia “Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes”, o “porquê” se justifica na produção e utilização desregradadas de plásticos que vão parar nos oceanos. Mas “como” ocorre o fato? A resposta poderá vir nas citação (3), que, juntamente com o título (1), respondem pela concorrência (visada de *captação*), e na citação (7); em bloco elas se referem às consequências da produção, utilização e abandono de plásticos nas águas dos oceanos, valendo a pena reproduzi-las:

(1) **Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes**

(3) **O aumento da utilização de plásticos é tão significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes**, alertou o *Fórum Econômico Mundial de Davos*, que começou na quarta-feira (21).

(7) *Segundo o relatório*, **a proporção entre as toneladas de plástico e as toneladas de peixe registradas nos oceanos era de 1 para 5 em 2014. Em 2025, será de 1 para 3 e em 2050 irá evoluir de 1 para 1.**

Por fim, na Galileu *online* a intertextualidade na forma de citação responde de forma preponderante pela visada de informação na medida em que as citações são convocadas a partir de um “efeito valorativo” (efeito de saber), “[...] quando a declaração emana de um locutor que tem posição de autoridade pelo saber”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 169). Assim sendo, a insistência com que a intertextualidade é retomada nos textos nos faz crer tratar-se de uma estratégia decisiva na finalidade do “fazer saber”, produzindo efeitos de credibilidade para satisfazer a restrição de seriedade, cumprindo a visada dominante de informação; contudo, essa recorrência também procura produzir efeitos de emotividade (restrição de emocionalidade), sobretudo quando ocorre nos títulos, subtítulos e lide (primeiro parágrafo) das notícias.

As 31 citações provenientes dos quatro textos analisados são respaldadas pelo “efeito de saber” (CHARAUDEAU, 2013, p. 169), o que quer dizer que a credibilidade do DCM vem sempre endossada por um especialista em uma área do conhecimento. A seguir, reproduzimos a totalidade das intertextualidades na forma de citação das quatro notícias analisadas, dispondo-as em grupos: (a) discurso direto com aspas, (b) discurso direto sem aspas, (c) discurso indireto, (d) modalização em discurso segundo e (e) ilha textual. Nesses discursos, destacamos os títulos e os subtítulos que assumem a estratégia de visada de captação, e os primeiros parágrafos que também assumem essa estratégia e funcionam como o “eixo” de expectativa das informações. Nossa intenção é mostrar o poder de argumentação da intertextualidade, compreendendo-a no escopo das estratégias de credibilidade, de legitimação e de captação do DCM, e a posição de autoridade pelo saber (efeito de saber) (CHARAUDEAU, 2013) dos locutores de origem, cujas designações são bastante reveladoras do posicionamento do enunciador (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012, p. 365):

a) Discurso direto com aspas

‘Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo’, diz *astronauta* (anexo a - 1)

‘Você fica feliz por voltar, mas não dá para aproveitar bem a experiência porque, para ser sincero, você se sente horrível’, afirmou *Peake* a *ITV News*. (anexo a - 5)

‘Geralmente, levam-se anos para desenvolver fibrose nos ratos, mesmo que tenham uma dieta pouco saudável’, explicou a *física Karen Jonscher, que faz parte da equipe*. (anexo a - 16)

‘Se ratos apresentam sinais de fibrose sem alteração na dieta em 13,5 dias, o que pode acontecer nos humanos?’ (anexo a - 17)

‘Gerações inteiras nos Estados Unidos e em muitos outros lugares do mundo não viram nem nunca verão a Via Láctea. É triste, porque grande parte de nossa conexão com o Cosmo foi perdida’, lastima *Chris Elvidge, um dos coautores do atlas e pesquisador Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA)* (anexo b - 5)

‘Perder-se em um livro é o maior estágio de relaxamento possível’, opinou o *neuropsicólogo David Lewis, que conduziu o teste*. (anexo c - 24)

‘Não importa qual é o livro, apenas o processo de escapar das preocupações do mundo cotidiano já é uma forma de relaxar.’ (anexo c - 25)

‘O sistema atual de produção, de utilização e de abandono de plásticos tem efeitos negativos significativos: entre US\$ 80 bilhões e US\$ 120 bilhões (entre 73 bilhões de euros e 109 bilhões de euros) em embalagens de plástico são perdidos anualmente. (5) A par do custo financeiro, se nada mudar, os oceanos terão mais plásticos do que peixes [em peso] até 2050’, indicou *um comunicado do fórum* (anexo d - 4)

b) Discurso direto sem aspas

Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram. (4) A informação foi divulgada em *um novo atlas global da poluição luminosa publicado no jornal científico Science Advances*. (anexo b – 3-4)

Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes (anexo d - 1)

O aumento da utilização de plásticos é tão significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes, alertou o *Fórum Econômico Mundial de Davos*, que começou na quarta-feira (21). (anexo d - 3)

c) Discurso indireto

Depois de seis meses no espaço, *o astronauta britânico Tim Peake* relata **desconfortos** desde sua chegada (anexo a - 2)

Os médicos vão avaliar a causa **da náusea e dos desmaios** dos quais o *astronauta* tem se queixado desde que aterrisou no planeta. (anexo a - 7)

Um estudo da Universidade do Colorado mostrou **que ratos que passaram 13,5 dias em órbita voltaram com danos no fígado**. (anexo a - 14)

O estudo publicado com o atlas também mostrou **que mais de 80% da humanidade está exposto a um nível relativamente alto de poluição luminosa**. (anexo b - 15)

Pesquisas comprovam **os benefícios da leitura para a saúde mental** (anexo c - 2)

[...] *vários estudos recentes* indicaram **benefícios cognitivos entre aqueles que mantém o hábito de ler regularmente**. (anexo c - 4)

Todos os tipos de narrativas, incluindo ficção, podem impulsionar nossa compreensão e empatia pelas pessoas: *um estudo publicado no periódico Trends in Cognitive Sciences* mostrou **que a leitura nos ajuda a entender melhor o sentimento dos outros e também melhora a capacidade de mudarmos nós mesmos**. (anexo c - 7)

A leitura está diretamente relacionada à criatividade: *um estudo do periódico Creativity Research Journal* sugeriu **que, após ler uma obra de ficção, as pessoas se sentem mais encorajadas a aceitar pensamentos ambíguos e passam a entender com mais clareza várias perspectivas sobre um mesmo assunto**. (anexo c - 10)

Várias pesquisas indicaram **que o estímulo mental da leitura ajuda a 'atrasar' sintomas de doenças como demência e Alzheimer**. (anexo c - 13)

Um estudo do jornal Neurology, de 2013, descobriu **que pessoas que sustentam o hábito de ler após a vida adulta também preservam por mais tempo suas habilidades mentais**. (anexo c - 14)

Um estudo publicado no periódico Social Science and Medicine revelou **que quem lê livros regularmente consegue viver por muito mais tempo. Em testes com mais de três mil voluntários, aqueles que dedicaram cerca de três horas por semana à leitura viveram pelo menos dois anos a mais do que os participantes que não costumavam ler com frequência**. (anexo c - 16)

Um estudo baseado na saga de livros de Harry Potter sugeriu **que eles podem reduzir significativamente o preconceito contra homossexuais, refugiados e imigrantes**. (anexo c - 20)

Uma pesquisa feita em 2009 pela Universidade de Sussex revelou **que ler por apenas seis minutos já ajuda a reduzir em até 68% os níveis de estresse. Esse tempo foi suficiente para que os voluntários diminuíssem a frequência cardíaca e aliviassem a tensão dos músculos**. (anexo c - 22)

d) Modalização em discurso segundo (MDS)

Segundo a agência europeia, os *astronautas* **perdem 1,5% da massa dos ossos a cada mês que passam no espaço**. (anexo a - 9)

Segundo os pesquisadores os efeitos foram similares aos da doença gordurosa hepática não-alcoólica e um princípio de fibrose. (anexo a - 15)

Segundo o chefe da pesquisa, Fabio Falchi, do Instituto Italiano de Ciência e Tecnologia da Poluição Luminosa, a tendência é que as coisas piorem, já que a maior parte das administrações municipais de grandes cidades considera substituir todas as tradicionais lâmpadas de iluminação pública que funcionam a vapor de sódio por lâmpadas de LED, que, apesar de mais econômicas no gasto de energia, emitem luz mais forte e poderosa. (anexo b - 17)

Segundo a publicação, esse efeito é alcançado pelo envolvimento emocional durante uma leitura ao descobrir circunstâncias e personagens complexos. (anexo c - 8)

Segundo o relatório, a proporção entre as toneladas de plástico e as toneladas de peixe registradas nos oceanos era de 1 para 5 em 2014. Em 2025, será de 1 para 3 e em 2050 irá evoluir de 1 para 1. (anexo d - 7)

e) Ilha Textual

O astronauta britânico Tim Peake afirmou estar vivendo ‘a pior ressaca do mundo’ [...] (anexo a - 3)

O fórum considera necessária ‘uma reformulação total das embalagens e dos plásticos em geral’, bem como a procura de alternativas ao petróleo, principal matéria para a produção do plástico. (anexo d - 8)

De todo esse conjunto de argumentos de autoridade, observamos:

- 2 títulos que assumem estratégia de visada de captação:

Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo’, diz astronauta (anexo a - 1)

Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes (anexo d - 1)

- 2 subtítulos que assumem estratégia de visada de captação:

Depois de seis meses no espaço, o astronauta britânico Tim Peake relata desconfortos desde sua chegada (anexo a - 2)

Pesquisas comprovam os benefícios da leitura para a saúde mental (anexo c - 2)

- 4 citações (primeiros parágrafos) que assumem estratégia de visada de captação e que funcionam como um “eixo” de expectativa (ponto em que se orientam as informações das mais conhecidas para as menos conhecidas):

O astronauta britânico Tim Peake afirmou estar vivendo ‘a pior ressaca do mundo’ depois de sua estadia de 6 meses na Estação Espacial Internacional. (anexo a - 3)

Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram. (4) A informação foi divulgada em *um novo atlas global da poluição luminosa publicado no jornal científico Science Advances*. (anexo b - 3-4)

[...] *vários estudos recentes* indicaram **benefícios cognitivos entre aqueles que mantém o hábito de ler regularmente**. (anexo c - 4)

O aumento da utilização de plásticos é tão significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes, alertou o *Fórum Econômico Mundial de Davos*, que começou na quarta-feira (21) (anexo d - 3)

Esses resultados significam estratégias de discurso construtoras da estratégia argumentativa da Galileu *online*. Nesta revista, os locutores investem declaradamente na intertextualidade na forma de citação para construir seriedade diante do leitor (estratégia de *legitimação*), baseando-se em efeitos valorativos (efeitos de saber), comprovando o que diz (estratégia de *credibilidade*) e procurando motivar o interesse do leitor para que compartilhe com sua opinião (estratégia de *captação*). (CHARAUDEAU, 2009; 2010; 2012).

No próximo capítulo, dedicamo-nos à conclusão da presente pesquisa.

7 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, discorreremos sobre a relação entre a intertextualidade e as visadas de *informação* e *captação* do discurso midiático, amparando-nos em postulados da Linguística Textual e da Teoria Semiolinguística do Discurso. Isto posto, constituímos um *corpus* afinado com nosso posicionamento teórico e com a problemática abordada: a intertextualidade sob a forma de citação direta, indireta, modalização em discurso segundo e ilha textual na Revista Galileu *online*, aba ciência. E para tirar proveito da diversidade de temas disponíveis nessa aba, construimos um *corpus* de 20 textos; destes, quatro foram selecionados para a análise final: “*Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo*”, diz *astronauta* (Nathan Fernandes); *Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea* (Lucas Alencar); *7 provas de que ler faz bem para sua saúde* (Humberto Abdo) e *Oceanos em 2050 vão ter mais plásticos do que peixe* (Agência Brasil).

Com esse *corpus*, inferimos que já era possível responder às perguntas de pesquisa e comprovar a hipótese, buscando apoio em Marcuschi (2008), que ao lado de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), Koch e Travaglia (2011), nos permitiram compreender a textualidade (destacando-se a intertextualidade) como recurso textual-discursivo relevante na construção de sentidos. E, de forma central, a Teoria Semiolinguística do Discurso (CHARAUDEAU, 2008, 2013), notadamente a noção de contrato de midiatização da ciência e as restrições de seriedade e de emocionalidade (CHARAUDEAU, 2010, 2016), além das estratégias discursivas de legitimidade, credibilidade, de captação (CHARAUDEAU, 2009, 2010; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012) e as noções de efeito valorativo e modo de identificação (CHARAUDEAU, 2013). Da mesma forma, no que tange à classificação dos discursos citados, servimo-nos de Maingueneau (2011).

Em interface, essas duas disciplinas nos permitiram alcançar o resultado almejado. Dito isso, perguntamos: que contribuição traz um estudo que procura relacionar a intertextualidade com as visadas de informação e de captação do discurso midiático?

De modo geral, os estudos sobre a intertextualidade reservam-se à construção de sentidos na relação de um texto com outro texto⁷⁷, sem aventurar outros recursos que a ela podem ser relacionados, como é o caso de avaliá-la em situações específicas do discurso de midiatização da ciência, dando a devida importância às encenações midiáticas que lhe atribuem papéis que vão além da relação entre textos. É no contrato de midiatização que tudo é planejado. Movidos por uma lógica de influência, os atores procuram atingir seus leitores mobilizando as visadas de informação, “fazer saber”, e de captação, “fazer sentir”, apostando que eles sintam-se desafiados a aceitar (o que nem sempre é possível) a mensagem proposta. (CHARAUDEAU, 2010). Essa é a base conceitual que nos permitiu responder a estas perguntas:

- a) a intertextualidade nas notícias do *corpus* marca, de forma relevante, a presença do discurso científico na divulgação científica midiática?
- b) Em que medida a intertextualidade serve às visadas de informação e captação do discurso de midiatização da ciência?

Estas são as questões de pesquisa que nos levaram às seguintes conclusões:

Quanto à primeira, antecipamos que a ruptura que a instância midiática impõe ao discurso científico, por ocasião da construção do DCM, não significa nem distanciamento nem negação da ciência neste domínio. De fato, visando o acesso especialmente ao público não especializado (daí a necessidade da transformação do discurso de base, o científico), as citações (na realidade, todo o ato de comunicação) continuam abonando a base argumentativa que sustenta o discurso científico. Daí a referência à expressão “relevância” por nós atribuída na pergunta.

Segundo Charaudeau (2016, p. 552), “[...] as mídias não transmitem o acontecimento em estado bruto, mas um acontecimento construído por elas”. De fato, caso não se submetesse o discurso científico ao processo de construção das mídias, estariam violados os três princípios que representam o proveito de conhecimentos científicos (via divulgação) a quem interessar: a percepção (poder ver), a saliência (ser surpreendido) e a pregnância (poder reencontrar o já conhecido).

⁷⁷ Referindo-se à *intertextualidade*, diz Marcuschi: “Este critério subsume as relações entre um dado texto e outros textos relevantes encontrados em experiências anteriores, com ou sem mediação”. (MARCUSCHI, 2008, p. 129).

(CHARAUDEAU, 2016, p. 552). Concordamos com a ideia segundo a qual o leitor de divulgação científica midiática consome informações científicas não para se tornar especialista em assuntos científicos, mas para informar-se sobre os acontecimentos do mundo e debater sobre eles quando for preciso. (CHARAUDEAU, 2016). Por isso, confirmamos que, usando a intertextualidade como base, o locutor busca negociar com o leitor estratégias de seriedade (legitimação), de persuasão (credibilidade) e de sensibilização do leitor (captação), a fim de trazê-lo para o texto; por isso as citações respondem pela essência do “fazer saber” e do “efeito de saber” representativos da autoridade do locutor de origem.

Insistimos: todos os discursos relatados que analisamos foram usados para respaldar a restrição de seriedade que tem como um dos trunfos da credibilidade o argumento de autoridade. Por exemplo, a partir do subtítulo, o locutor encaixou 12 citações oriundas de fontes científicas na notícia “7 provas de que ler faz bem para sua saúde” (anexo c) para legitimar-se, construir provas para, com *status* de autoridade, propor efeitos de credibilidade ao leitor. Ao lado das citações, o locutor, em sua operação de seleção, procura dar voz àqueles atores que respondam às suas representações, às suas crenças perante o leitor. Por exemplo, identificar o locutor de origem como “Chris Elvidge, um dos coautores do atlas e pesquisador do Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA)” (anexo b, 5-6), significa, para o produtor, que essa forma de designar o declarante pode elevar a avaliação do leitor. É provável que o leitor a valorizasse mais do que se a designação fosse apenas “Elvidge”. Assim sendo, o discurso científico chega, com força, no DCM, pela intertextualidade na forma de citação porque, quantitativamente (em todo o *corpus* são 127 citações), ela sustenta as notícias do começo ao fim, e, qualitativamente, o “fazer saber/fazer sentir” e o “efeito de saber” dominam a lógica discursiva das notícias; e os atores eleitos estão munidos de legitimidade que, pelo menos idealisticamente, podem contribuir para persuadir os leitores a aceitarem a leitura.

Quanto à segunda pergunta (“Em que medida a intertextualidade serve às visadas de informação e captação do discurso de midiaticização da ciência?”), por um lado, no DCM o efeito da intertextualidade na forma de citação sustenta todo o texto, oferecendo ao leitor o máximo possível de argumento de autoridade (restrição de *seriedade*). Por outro, no que tange às estratégias de captação motivadas por essa mesma intertextualidade, sabemos que o esforço voltado para apaixonar o leitor é

bastante localizado. Nossas análises indicaram que, no entorno do “título-subtítulo-primeiro parágrafo”, há sempre a presença da intertextualidade que cumpre um papel que supera o “fazer saber” da visada de informação. Nesse entorno, a intertextualidade não só informa mas também amplia a expectativa do leitor, apresentando o que ele (provavelmente) já sabe e o estimulando a conhecer o que ele (provavelmente) não sabe (caso reservado aos primeiros parágrafos), cumprindo portanto, a visada de *captação*.

Essa frequência, renitente, da intertextualidade na forma de citação no entorno do “título-subtítulo-primeiro parágrafo”, nos faz crer tratar-se da construção consciente de estratégias de captação do leitor por meio dessa estratégia. Isso nos permite afirmar tratar-se de procedimentos discursivos usados “[...] para, no âmbito da argumentação, produzir certos efeitos de persuasão” (CHARAUDEAU, 2008, p. 236).

É assim que a intertextualidade serve às visadas de *informação* e *captação* da Galileu *online*. Logo, se ela é um procedimento sempre voltado para a produção de sentidos (KOCH, BENTES, CAVALCANTE, 2012; KOCH, ELIAS, 2016a, 2016b), isso é verdadeiro, porém os sentidos estão fortemente vinculados à situação de comunicação do discurso midiático; a instância midiática não se conforma com a retomada de um texto por outro simplesmente; ela exige algo mais. Assim sendo, as estratégias do locutor são construídas tanto para “fazer saber” quanto para atingir a sensibilidade do leitor, de quem espera retribuição ao estímulo indicado.

E para sermos coerentes com os resultados alcançados, convém dizer que comprovamos a nossa hipótese: a recorrência ao recurso da intertextualidade nas notícias da Galileu *online* é uma estratégia relevante para inscrever a ciência nessa revista, cumprindo a dupla finalidade do domínio midiático: informar e captar o leitor. De igual forma, evidencia-se a resposta ao objetivo geral da tese, assim resumida: a intertextualidade relaciona-se com as visadas de informação e de captação porque, no processo de encenação midiática, o locutor incentiva o leitor a cumprir a finalidade do “fazer saber”, prometendo-lhe seriedade com *discursos de autoridade* (efeito de racionalidade) com o objetivo de defender a credibilidade do dispositivo. Porém, ele precisa seduzir o leitor, necessidade que o leva a apelar para o seu emocional (“fazer sentir”, efeito de emocionalidade) pondo em ação representações emocionais como as categorias “repetitivo” e “trágico”. (CHARAUDEAU, 2013, p. 82). Por exemplo, quanto à primeira categoria, em “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo’, diz astronauta”, a intertextualidade proporciona uma obsessão pela “ressaca” que

rodeia todo o entorno do “título-subtítulo-primeiro parágrafo”; quanto à segunda (que também repete), em “(1) Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes”, a intertextualidade proporciona uma “força de dramatização ameaçadora” (CHARAUDEAU, 2016, p. 555) que põe o ser humano frente a frente com seu próprio destino (trágico).

Quando apresentamos este trabalho, referimo-nos a certo viés pedagógico da nossa pesquisa, mas não se trata de proposições pedagógicas. No entanto, da forma como sistematizamos a investigação, a partir de textos empíricos e embasados com teorias que se ocupam da construção de sentidos nos textos, a Linguística Textual e a Análise do Discurso, os resultados podem servir de “inspiração” para o trabalho de construção de sentido com DCM na sala de aula, tomando-se a intertextualidade na forma de citação como estratégia não só para informar conhecimentos científicos, mas também para tentar convencer o leitor a aderir à proposta defendida nas notícias. Tratar a intertextualidade como critério discursivo no âmbito da situação de discurso de mediação da ciência significa ler com os olhos voltados para o discurso científico, o didático e o midiático a um só tempo.

Por fim, da análise se deduz que, na *Galileu online*, a intertextualidade na forma de citação funciona não só para sustentar argumento de autoridade, mas também, sobretudo nos títulos, subtítulos e primeiros parágrafos, como mecanismo linguístico-discursivo usado para suscitar o interesse, e assim afetar os valores afetivo-sociais do leitor.

Nossa pesquisa limitou-se à questão da intertextualidade e sua relação com categorias discursivas. No entanto, ela poderá ser testada com outras possibilidades do DCM, como as demais restrições do discurso midiático. Ou, ainda, esta mesma pesquisa poderá ser aprofundada com *corpora* diferentes ou com outra aba do mesmo dispositivo, para pôr à prova questões de estratégias de informação e captação com as citações. Assim, acreditamos que esta pesquisa mostra-se relevante para a Linguística Aplicada (LA) na medida em que explora um tema que reflete diretamente o letramento científico, domínio em que se espera um tratamento da linguagem em situações interativas de comunicação, como é o caso da análise que ora apresentamos.

Disso resulta nossa contribuição para a área da LA, no âmbito da linha de pesquisa *Texto, Léxico e Tecnologia* (LP2) do Programa de Pós-Graduação da Unisinos, que destaca os estudos sobre os discursos midiáticos e de divulgação

científica. Na prática, contempla a produção de efeitos de sentido a partir do modelo do contrato de comunicação da Teoria Semiolinguística do Discurso. Com esse modelo, desloca-se uma atividade educativa ainda focada na linguagem descontextualizada para uma análise focada nos “efeitos possíveis” de um texto de DCM. Com isso, temos em prática um modelo de análise em que a instância de produção propõe um desafio à instância de recepção que, sendo bastante heterogênea em suas crenças, conhecimentos, opiniões e situações de recepção (CHARAUDEAU, 2016), pode ou não corresponder ao esperado pelos atores da produção. De acordo com os resultados, é possível afirmar que esta investigação contribui para o conjunto de trabalhos no campo da Linguística Aplicada direcionados à formação de um leitor ciente do poder da linguagem, principalmente em notícias de divulgação científica.

REFERÊNCIAS

ABDO, Humberto. 7 provas de que ler faz bem para sua saúde. **Revista Galileu**, São Paulo, 29 dez. 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/12/7-provas-de-que-ler-faz-bem-para-sua-saude.html>. Acesso em: 30 dez. 2016.

AGÊNCIA BRASIL. **Institucional**. Brasília, DF. 2019. <http://www.ebc.com.br/institucional/veiculos/agencia-brasil>. Acesso em: 11 dez. 2019.

AGÊNCIA BRASIL. Oceanos em 2050 vão ter mais plásticos do que peixe. **Revista Galileu**, São Paulo, 21 jan. 2016. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/01/oceanos-em-2050-va-ter-mais-plastico-do-que-peixes.html>. Acesso em: 23 jan. 2016.

ALENCAR, Lucas. Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea. **Revista Galileu**, São Paulo, 13 jun. 2016. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2016/06/quase-dois-tercos-dos-brasileiros-nunca-poderao-ver-lactea.html>. Acesso em: 15 jun. 2016.

ANGELI. A flora brasiliense. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 abr. 2001. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?sxsrf=ACYBGNTB7tgI4cU1Gt65ppV07jzXD3Mlg:1579094031749&q=a+flora+brasiliense+fraudulencia&tbm=isch&source=univ&sa=X&ved=2ahUKEwjY0dDW14XnAhUQLK0KHU5XCt0QsAR6BAgKEAE&biw=1408&bih=642>. Acesso em: 14 jan. 2020.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dialogismo e divulgação científica. Tradução de Eduardo Guimarães. **Rua**, v. 5, n. 1, p. 9-16. 1999. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640645>. Acesso em: 10 jun. 2019.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ASSINE Galileu. **Revista Galileu**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.assineglobo.com.br/produtos/galileu/GC/>. Acesso em: 5 fev. 2020.

ASSINE GLOBO. <https://www.assineglobo.com.br/produtos/galileu/GC/>. Acesso em: 5 fev. 2020.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS DE COMUNICAÇÃO SEGMENTADA (ANATEC). **Galileu**. São Paulo, [2019?]. Disponível em: <http://www.anatec.org.br/index.php/component/content/article/30-midia-impressa/ciencia-educacao-e-linguistica/641-galileu>. Acesso em: 14 out. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2018.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção tópicos).

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mário Laranjeira. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. **Introducción a la lingüística del texto**. Barcelona: Editorial Planeta, 2016.

BERNARDO, André. Cientistas debatem sobre os efeitos psicológicos causados por viagens para fora da Terra. **Revista Galileu**, São Paulo, 19 mar. 2015. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/03/cientistas-debtem-sobre-os-efeitos-psicologicos-causados-por-viagens-para-fora-da-terra.html>. Acesso em: 16 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 6 jun. 2018.

BUARQUE, Chico. **Subúrbio**. Belo Horizonte, [2020?]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/537331/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. De la competencia social de comunicación a las competencias discursivas. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, Venezuela, v. 1, 2001. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/de-la-competencia-social-de.html>. Acesso em: 4 fev. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de. **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, Nad/Fale-UFMG, 2004. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Visadas-discursivas-generos.html>. Acesso em: 7 jun. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida L.; GAVAZZI, S. **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-27. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. El contrato de comunicación en una perspectiva lingüística: Normas psicosociales y normas discursivas. **Opcion**, Maracaibo, v. 22, n. 49, p. 38-54, abr. 2006. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1012-15872006000100004&lng=pt&nrm=iso6. Acesso em: 7 jun. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Coordenação da equipe de tradução: Ângela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. *In*: PIETROLUONGO, Márcia (org.). **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326, 2009. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>. Acesso: 9 ago. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. *In*: STAFUZZA, Grenissa; PAULA, Luciane de (org.). **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**. Uberlândia: Edufu, 2010. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso: 5 abr. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, n. 10, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3932> Acesso em: 10 dez. 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Ângela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. Sobre o discurso científico e sua midiaticização. Tradução: Maria Eduarda Giering e Luciana Cavalheiro. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 14, n. 3, p. 550-556, set./dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.143.18/5819>. Acesso em: 7 dez. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Comesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução de Magda França Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. *In*: LOPES, Luiz Paulo da Moita (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.

FERNANDES, Nathan. “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta. **Revista Galileu**, São Paulo, 21 jun. 2016. Disponível em: <http://revista.galileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2016/06/voltar-terra-e-como-ter-pior-ressaca-do-mundo-diz-astronauta.html>. Acesso em: 22 jun. 2016.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-192.

GALILEU. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/>. Acesso em: 15 jan. 2016.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GIERING, Maria Eduarda; SOUZA, Juliana Alles de Camargo de. Informar e captar: objetos de discurso em artigos de divulgação científica para crianças. *In*: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de. (Org.) **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013. p. 205-232.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: WMMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Linguagem).

GRESILLON, Almuth; MAINGUENEAU, Dominique. Polyphonie, proverbe et détournement, ou un proverbe peut en cacher un autre. **Langages**, Paris, ano 19, n. 73, p. 112-125, 1984. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1984_num_19_73_1168. Acesso em: 25 mar. 2018.

IDEOLOGEMA. *In*: CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**. Lisboa, 2009. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ideologema/>. Acesso em: 25 mar. 2019.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna C. Bentes; CAVALCANTE, Mônica M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semântica**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. Intertextualidade. *In*: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Comesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 288.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MÔNADA. *In*: JAPIASSÚ Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: <http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2020.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. 2. ed. Coordenação de tradução: Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2012.

RACIONAIS MC's. **Periferia é periferia**. São Paulo, [2020?b]. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/discografia/sobrevivendo-no-inferno.html>. Acesso em: 14 jan. 2020.

RACIONAIS MC's. **Salve**. São Paulo, [2020?a]. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/discografia/sobrevivendo-no-inferno.html>. Acesso em: 14 jan. 2020.

REDAÇÃO GALILEU. Site da Galileu vence prêmio internacional de design. **Revista Galileu**, São Paulo. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI281470-17770,00-SITE+DA+GALILEU+VENCE+PREMIO+INTERNACIONAL+DE+DESIGN.html>. Acesso em: 14 out. 2019.

SAMSUNG ELECTRONICS. **Guia de início rápido**. [S. l.], 2018. Disponível em: https://www.samsung.com.br/notebook-flash/assets/files/Manual_NP530XBB_digital.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.

SARDINHA, Tony Berber. Tamanho de corpus. **The ESPECIALIST**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-122. 2002. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/9381/6952>. Acesso em: 2 abr. 2020.

SEMANTEMA. *In*: MICHAELIS: Dicionário brasileiro da língua portuguesa. [S. l.], 2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Pq0ZL>. Acesso em: 4 fev. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim Severino. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SNOW, C. P. **As duas culturas e uma segunda leitura**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza e Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Edusp, 2015. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/x85c1>. Acesso em: 14 set. 2019.

VOGT, Carlos. **A espiral da cultura científica**. [S. l.], 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/dossies-1-72/carta/cultura.htm>. Acesso em: 1 jul. 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZAMBONI, Lílian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Autores Associados, 2001.

ANEXO A - “VOLTAR À TERRA É COMO TER A PIOR RESSACA DO MUNDO”, DIZ ASTRONAUTA

(1) “Voltar à Terra é como ter a pior ressaca do mundo”, diz astronauta

(2) Depois de seis meses no espaço, o astronauta britânico Tim Peake relata desconfortos desde sua chegada

21/06/2016 - 17H06/ atualizado 17H0606 / por Nathan Fernandes



(Foto:

European Space Agency)

(3) O astronauta britânico Tim Peake afirmou estar vivendo “a pior ressaca do mundo” depois de sua estadia de 6 meses na Estação Espacial Internacional. (4) Ele chegou ao planeta na semana passada e deve passar por um monitoramento de três semanas para se reacostumar à vida terráquea. (5) “Você fica feliz por voltar, mas não dá para aproveitar bem a experiência porque, para ser sincero, você se sente horrível”, afirmou Peake a ITV News.

(6) Nas próximas semanas, o astronauta deve passar por uma bateria de exames, regime e monitoramento psicológico. (7) Os médicos vão avaliar a causa da náusea e dos desmaios dos quais o astronauta tem se queixado desde que aterrisou no planeta.

(8) Entre os efeitos que a microgravidade causou no astronauta estão a fraqueza dos músculos e dos ossos. (9) Segundo a agência europeia, os astronautas perdem 1,5% da massa dos ossos a cada mês que passam no espaço. Além disso, seu coração também diminuiu de tamanho — felizmente, por um período temporário.

(10) Em outubro de 2015, o astronauta Scott Kelly quebrou o recorde de dias consecutivos em órbita, em um total de 340. (11) Ele é atualmente a pessoa mais indicada para mostrar quais são os efeitos de longas viagens espaciais. (12) O problema é que ainda não se sabe o que pode ocorrer com o corpo humano em viagens que durem mais do que isso.

(13) Isso sem falar na radiação cósmica e na falta que o campo magnético da Terra pode exercer sobre o corpo humano. (14) Um estudo da Universidade do Colorado mostrou que ratos que passaram 13,5 dias em órbita voltaram com danos no fígado. (15) Segundo os pesquisadores os efeitos foram similares aos da doença gordurosa hepática não alcoólica e um princípio de fibrose.

(16) “Geralmente, levam-se anos para desenvolver fibrose nos ratos, mesmo que tenham uma dieta pouco saudável”, explicou a física Karen Jonscher, que faz parte da equipe. (17) “Se ratos apresentam sinais de fibrose sem alteração na dieta em 13,5 dias, o que pode acontecer nos humanos?” (18) A ideia da equipe é intensificar os testes com ratos no espaço.

(19) A preocupação é válida uma vez que tanto empresas particulares quanto a agências espaciais já planejam voos tripulados de longa distância, como a missão para Marte, por exemplo, que deve durar 150 dias só de ida.

ANEXO B - QUASE DOIS TERÇOS DOS BRASILEIROS NUNCA PODERÃO VER A VIA LÁCTEA

- (1) Quase dois terços dos brasileiros nunca poderão ver a Via Láctea
 (2) Poluição luminosa do Brasil é maior do que a de toda a União Europeia junta
 13/06/2016 - 19H06/ atualizado 19H0606 / **por Lucas Alencar**



Via Láctea à noite, na cidade de Fjarðabyggð, na Islândia (Foto: Creative Commons)

(3) Mais de um terço da população mundial não consegue ver a Via Láctea do local onde moram. (4) A informação foi divulgada em um novo atlas global da poluição luminosa publicado no jornal científico Science Advances.

(5) “Gerações inteiras nos Estados Unidos e em muitos outros lugares do mundo não viram nem nunca verão a Via Láctea. (6) É triste, porque grande parte de nossa conexão com o Cosmo foi perdida”, lastima Chris Elvidge, um dos coautores do atlas e pesquisador Centro Nacional de Informações Ambientais da Administração Nacional para Oceanos e Atmosfera dos EUA (NOAA).

(7) Antes fonte de inspiração e de estudo para astrônomos amadores e entusiastas do espaço, a Via Láctea já foi paisagem constante até nas artes visuais, como no quadro *A noite estrelada*, do pintor holandês Vincent van Gogh. (8) Hoje, são poucos os que conseguem visualizar pedaços de nossa galáxia e para quem nasceu e cresceu em grandes metrópoles, a ideia parece até utópica.

(9) No Brasil, cerca de 62% da população nunca verá a Via Láctea de suas casas. (10) O percentual é parecido com o da União Europeia, onde apenas 40% das pessoas podem ver a galáxia de seus lares; em geral, nos países escandinavos, como a Islândia, a Dinamarca e a Suécia. (11) Nos Estados Unidos, a situação é ainda mais preocupante: apenas 20% da população pode visualizar a Via Láctea ao olhar para o céu.

Impactos

(12) A poluição luminosa que nos impede de observar as estrelas com clareza é

causada por múltiplos fatores: semáforos, postes de iluminação, faróis de carros, outdoors iluminados, placas em luz neon, iluminações de aviões; enfim, qualquer luz artificial que perturbe a escuridão natural pode ser considerada poluição luminosa.

(13) Além de impedir que aqueles que amam e se inspiram pelas estrelas as observem, há indícios de que a poluição luminosa prejudique a saúde de seres humanos e de animais com hábitos noturnos. (14) Portanto, este tipo de perturbação também afeta o meio ambiente.

(15) O estudo publicado com o atlas também mostrou que mais de 80% da humanidade está exposto a um nível relativamente alto de poluição luminosa. (16) Cerca de 14% das pessoas vivem em cidades extremamente iluminadas — com brilho do céu equivalente ou acima de 3 mil mcd/m² (microcandela por metro quadrado) —, que, ao longo dos anos, seus olhos perdem a visão escotópica, que é, basicamente, a “habilidade” de enxergar no escuro.

(17) Segundo o chefe da pesquisa, Fabio Falchi, do Instituto Italiano de Ciência e Tecnologia da Poluição Luminosa, a tendência é que as coisas piorem, já que a maior parte das administrações municipais de grandes cidades considera substituir todas as tradicionais lâmpadas de iluminação pública que funcionam a vapor de sódio por lâmpadas de LED, que, apesar de mais econômicas no gasto de energia, emitem luz mais forte e poderosa.

(18) Logo, para aqueles que sonham em observar as estrelas a olho nu, as notícias não são nada boas.

[...]

ANEXO C - 7 PROVAS DE QUE LER FAZ BEM PARA SUA SAÚDE

- (1) 7 provas de que ler faz bem para sua saúde
 (2) Pesquisas comprovam os benefícios da leitura para a saúde mental
 29/12/2016 - 16H27/ atualizado 16H27 / por Humberto Abdo



(Foto: Reprodução/Tumblr)

(3) Além de ser uma forma de entretenimento, a leitura é uma ótima maneira de aumentar seu vocabulário e (4) vários estudos recentes indicaram benefícios cognitivos entre aqueles que mantêm o hábito de ler regularmente. (5) Se quiser viver mais, melhorar a memória ou reduzir o estresse em 2017, considere acrescentar alguns livros para sua meta no próximo ano e confira como a leitura pode fazer bem para sua saúde:

(6) *1 - Sua empatia aumenta*

(7) Todos os tipos de narrativas, incluindo ficção, podem impulsionar nossa compreensão e empatia pelas pessoas: um estudo publicado no periódico *Trends in Cognitive Sciences* mostrou que a leitura nos ajuda a entender melhor o sentimento dos outros e também melhora a capacidade de mudarmos nós mesmos. (8) Segundo a publicação, esse efeito é alcançado pelo envolvimento emocional durante uma leitura ao descobrir circunstâncias e personagens complexos.

(9) *2 - Você fortalece a criatividade*

(10) A leitura está diretamente relacionada à criatividade: um estudo do periódico *Creativity Research Journal* sugeriu que, após ler uma obra de ficção, as pessoas se sentem mais encorajadas a aceitar pensamentos ambíguos e passam a entender com mais clareza várias perspectivas sobre um mesmo assunto. (11) Em outras palavras, fica mais fácil enxergar novas possibilidades em sua rotina.

(12) *3 - Os riscos de desenvolver Alzheimer ou demência após a vida adulta diminuem*

(13) Várias pesquisas indicaram que o estímulo mental da leitura ajuda a “atrasar” sintomas de doenças como demência e Alzheimer. (14) Um estudo do jornal *Neurology*, de 2013, descobriu que pessoas que sustentam o hábito de ler após a vida adulta também preservam por mais tempo suas habilidades mentais.

(15) *4 - Sua expectativa de vida aumenta*

(16) Um estudo publicado no periódico *Social Science and Medicine* revelou que quem lê livros regularmente consegue viver por muito mais tempo. (17) Em testes com mais de três mil voluntários, aqueles que dedicaram cerca de três horas por semana à leitura viveram pelo menos dois anos a mais do que os participantes que não costumavam ler com frequência.

(18) *5 - A leitura também reduz alguns preconceitos*

(19) Aprender sobre o universo de outras pessoas pode ajudá-lo a ter menos preconceitos. (20) Um estudo baseado na saga de livros de Harry Potter sugeriu que eles podem reduzir significativamente o preconceito contra homossexuais, refugiados e imigrantes.

(21) *6 - ...e os níveis de estresse*

(22) Uma pesquisa feita em 2009 pela Universidade de Sussex revelou que ler por apenas seis minutos já ajuda a reduzir em até 68% os níveis de estresse. (23) Esse tempo foi suficiente para que os voluntários diminuíssem a frequência cardíaca e aliviassem a tensão dos músculos. (24) “Perder-se em um livro é o maior estágio de relaxamento possível”, opinou o neuropsicólogo David Lewis, que conduziu o teste. (25) “Não importa qual é o livro, apenas o processo de escapar das preocupações do mundo cotidiano já é uma forma de relaxar.”

(26) *7 - Existe até um tipo de terapia feita com livros*

(27) A biblioterapia é um conceito antigo que envolve o uso de leituras terapêuticas para reduzir o estresse, sintomas de distúrbios como depressão ou alguma perturbação emocional. (28) Seu uso clínico pode incluir a leitura de ficção e não-ficção e leva em consideração a relação do paciente com o conteúdo de cada livro.

ANEXO D - OCEANOS EM 2050 VÃO TER MAIS PLÁSTICO DO QUE PEIXES

- (1) Oceanos em 2050 vão ter mais plástico do que peixes
(2) Países estudam formas [sic] de usar o material em menor quantidade
21/01/2016 - 19H04/ atualizado 19H04 / por Agência Brasil



(Foto: Flickr/PhOtOnQuAnTiQuE)

(3) O aumento da utilização de plásticos é tão significativo que, em 2050, os oceanos terão mais detritos desse material do que peixes, alertou o Fórum Econômico Mundial de Davos, que começou na quarta-feira (21).

(4) “O sistema atual de produção, de utilização e de abandono de plásticos tem efeitos negativos significativos: entre US\$ 80 bilhões e US\$ 120 bilhões (entre 73 bilhões de euros e 109 bilhões de euros) em embalagens de plástico são perdidas anualmente.

(5) A par do custo financeiro, se nada mudar, os oceanos terão mais plásticos do que peixes [em peso] até 2050”, indicou um comunicado do fórum, que vai reunir até sábado (23) líderes mundiais e bilionários.

(6) Essas conclusões têm como base um estudo da fundação da reconhecida velejadora britânica Ellen MacArthur, em parceria com a consultora McKinsey. (7) Segundo o relatório, a proporção entre as toneladas de plástico e as toneladas de peixe registradas nos oceanos era de 1 para 5 em 2014. Em 2025, será de 1 para 3 e em 2050 irá evoluir de 1 para 1.

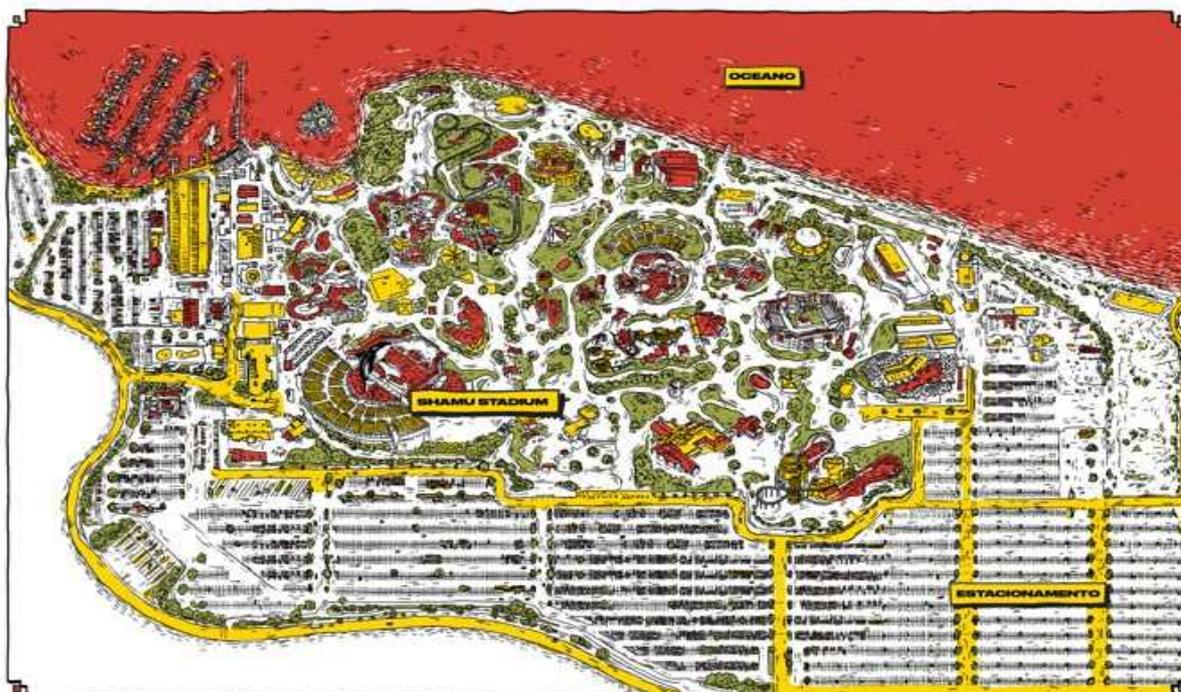
(8) O fórum considera necessária “uma reformulação total das embalagens e dos plásticos em geral”, bem como a procura de alternativas ao petróleo, principal matéria para a produção do plástico. (9) Caso não seja encontrada uma matéria alternativa, essa indústria irá consumir 20% da produção petrolífera em 2050.

(10) Vários países tentam atualmente limitar o uso de sacos plásticos. Em Portugal, entrou em vigor em fevereiro de 2015 uma taxa (de 10 centavos) sobre os sacos plásticos leves. (11) A França quer proibir o uso único de sacos plásticos em março, enquanto o Reino Unido também aprovou uma legislação que exige que o uso de sacos plásticos seja sujeito a pagamento.

ANEXO E - SHOW DE HORRORES: PRECISAMOS FALAR SOBRE A EXPLORAÇÃO DE ANIMAIS

- (1) Show de horrores: precisamos falar sobre a exploração de animais
- (2) Após uma série de casos trágicos envolvendo animais em cativeiro e humanos, futuro de zoológicos, aquários e circos entra em discussão

13/10/2016 - 18H30/ atualizado 18H30 / por Giuliana de Toledo



(Ilustração: Márcio Moreno | Fonte: ONG Whale and Dolphin Conservation)

- (3) O mundo está mudando e nós estamos mudando também.
- (4) É isso que diz um anúncio do SeaWorld divulgado no início deste ano para avisar que a atual geração de orcas será a última do parque, já que os programas de reprodução dos animais finalmente foram encerrados.
- (5) A verdade é que a tal mudança dos tempos foi acelerada pela queda de bilheteria sentida após o documentário Blackfish: Fúria Animal, de 2013.
- (6) O filme narra a vida de Tilikum, capturado do oceano quando filhote, em 1983, e com largo histórico de maus-tratos em cativeiro.
- (7) Hoje com 35 anos e saúde comprometida, ele já foi o principal reprodutor do SeaWorld, a despeito do risco de serem passados adiante os genes de um animal que acumula ao menos dois ataques fatais a treinadoras — um possível terceiro caso, este com um visitante, nunca foi esclarecido.
- (8) Fora de cativeiro não se tem registro de mortes de humanos provocadas por orcas.
- (9) Por causa do pouco espaço destinado aos animais, imagens aéreas dos três empreendimentos SeaWorld nos Estados Unidos se tornaram símbolos das campanhas que pedem o fechamento dos parques.
- (10) No de San Diego, o mar fica bem à frente, mas as baleias vivem e fazem shows no Shamu Stadium, que ocupa uma fração pequena do terreno — a maior parte é dedicada ao estacionamento.
- (11) Guardadas as proporções do corpo, se um homem fosse confinado em um cativeiro equivalente ao tanque em que Tilikum é mantido na unidade de Orlando, uma piscina

de 5,7 metros de largura, 9,5 de comprimento e 2,1 de profundidade seria todo o espaço que ele teria à disposição. (12) Segundo a ONG Whale and Dolphin Conservation, o SeaWorld ainda possui 23 orcas.

(13) “As pessoas já se deram conta de que as orcas são animais muito inteligentes e que não pertencem a um tanque tão pequeno, onde precisam passar toda a sua vida nadando em círculos intermináveis. (14) Na natureza, elas nadariam cerca de 160 quilômetros por dia”, afirma Alicia Aguayo, gerente para a América Latina da ONG Peta (People for the Ethical Treatment of Animals). (15) “Os brasileiros são o maior grupo de estrangeiros no SeaWorld de Orlando. (16) Ajudaria muito se parassem de visitá-lo”, diz.

(17) A companhia de parques aquáticos também já anunciou mais uma medida para 2017. (18) O atual espetáculo das suas “baleias assassinas” — em inglês, as orcas são chamadas de killer whales — só será realizado até o fim deste ano no parque da Califórnia. (19) Até 2019, o modelo de show também mudará em San Antonio (Texas) e na Flórida.

(20) “Vamos introduzir novos, inspiradores e naturais encontros com orcas em substituição aos espetáculos teatrais”, escreve a empresa, que também confirmou investimento de US\$ 50 milhões nos próximos cinco anos para se tornar a mais importante organização de resgate de animais marinhos do mundo.

(21) O objetivo é acabar com o comércio de baleias, focas e tubarões. (22) Há mais de 30 anos o SeaWorld não captura orcas selvagens, mas as primeiras foram adquiridas dessa forma para os shows. (23) Por esse histórico, o programa de conservação é visto com desconfiança por entidades como a Whale and Dolphin Conservation. (24) De acordo com a ONG, o valor é irrisório: a cada US\$ 1 milhão de receita, US\$ 600 vão para esse fundo.

(25) *Um ano selvagem*

(26) Nos primeiros oito meses deste ano, já foram registradas ao menos seis tragédias envolvendo bichos em cativeiro e humanos, mas também houve algumas conquistas para o bem-estar de animais

[...]

(27) *Escolha uma vida*

(28) Além das novidades anunciadas pelo SeaWorld, o debate em torno da tensão entre seres humanos e animais em cativeiro cresceu neste ano motivado por diversos casos ocorridos nos últimos meses. (29) Até agosto, foram registradas ao menos seis tragédias pelo mundo. (30) Só em maio houve três episódios com mortes.

(31) “A mamãe está aqui!”, “Fique calmo”, ouve-se repetidas vezes em um vídeo viralizado na internet de um menino de três anos diante do gorila Harambe no Zoológico de Cincinnati (EUA), em 29 de maio. (32) A mãe, que se distraiu enquanto o garoto invadia a área, e outros visitantes gritam tentando ajudar.

(33) A gravação dura pouco mais de dois minutos e meio, suficientes para ver o primata desorientado. (34) Olha para os lados, olha para a criança. (35) Segura, solta, empurra, arrasta por metros pela água do fosso o visitante inesperado. (36) A maior tensão, porém, não está na cena. (37) Do lado de fora do viveiro, os responsáveis pelo zoológico e policiais decidiram intervir para garantir a integridade do garoto. (38) Harambe foi morto com um tiro. (39) Segundo os tratadores, não havia outra opção,

porque dardos com tranquilizantes, até surtirem efeito, poderiam aumentar a agressividade do animal.

(40) A primatóloga Jane Goodall, uma das maiores especialistas do mundo no comportamento desses animais, declarou dias depois que não havia outra solução para o caso. (41) “Harambe poderia, sim, ter machucado a criança, mesmo sem a intenção de fazer mal”, disse ela.

(42) Um dos truques mais tradicionais dos números de elefantes adestrados em circos é o de se equilibrar com as quatro patas em cima de uma pequena bola. (43) A pose foi reproduzida em uma escultura por Rodrigo Bastos Didier, artista recifense radicado em São Paulo — e é essa escultura que você vê na capa desta edição da GALILEU. (44) Com formação em design, ele estudou na Gnomon School of Visual Effects, em Hollywood. (45) A referência visual para a escultura veio de vídeos disponíveis na internet com trechos de apresentações conduzidas pelo treinador norte-americano Brian Franzen. (46) Um dos adestradores de elefantes e tigres mais conhecidos dos Estados Unidos, ele está na lista negra dos ativistas dos direitos dos animais.

(47) A trajetória de Brian no mundo circense é longa e peculiar. (48) Aos 50 anos, seu pai, Wayne Franzen, também treinador de tigres, foi morto por um dos seus felinos em pleno picadeiro, diante de 200 pessoas, em 1997. (49) Para os investigadores, Lucca, o tigre-de-bengala de seis anos de idade e mais de 180 quilos, atacou o dono por ter sido atraído pelo seu novo traje, cheio de brilhos. (50) Brian usou uma vara para ferir o animal na cabeça até que o corpo do pai fosse solto, já sem vida.

(51) No dia seguinte à morte, o circo abriu normalmente. (52) “O show tem que continuar”, disse Tina Franzen, ex-mulher de Wayne e administradora da companhia.

(53) *Uma visita inesperada*

(54) Gorila Harambe foi morto após menino de três anos cair no seu habitat

(55) “E seria difícil mesmo para pessoas familiarizadas com Harambe determinar as intenções dele a distância, em pouco tempo, enquanto poderia haver um mal irreparável”, completou a britânica, pioneira na área. (56) “Foi horrível para a criança, para os pais, para Harambe, para o zoológico, para os tratadores e para o público, mas, quando pessoas entram em contato com animais selvagens, decisões de vida e morte às vezes têm que ser tomadas”, disse. (57) Nas redes sociais, a escolha, porém, foi condenada. (58) Um abaixo-assinado com 510 mil assinaturas pede que os pais sejam responsabilizados pela morte do gorila de 17 anos — completados na véspera da tragédia. (59) O promotor disse que a família não será processada.

(60) Já para Lori Gruen, filósofa que estuda as relações éticas entre humanos e animais, culpar os pais do menino ou o Zoológico de Cincinnati é olhar o problema de maneira superficial. (61) “Parece que temos de culpar alguém, mas os dedos estão apontados para a direção errada”, destaca a professora da Universidade Wesleyan, de Connecticut. (62) Para ela, a questão é maior: a própria existência de zoológicos é o que gera casos como esse. (63) A sociedade precisa mudar e parar de manter essas instituições, afirma, para evitar episódios semelhantes. (64) “Espero que a gente desenvolva empatia. (65) Tenho visitado vários zoológicos recentemente e vejo muitas pessoas rindo, se divertindo, batendo nos vidros. (66) Não existe um ambiente de respeito aos animais.”

(67) “A morte de Harambe fez as pessoas refletirem sobre a existência dos zoológicos e está gerando uma conversa muito importante sobre por que mantemos animais em

cativeiro”, diz a organizadora do livro *The Ethics of Captivity (A Ética do Cativeiro)*. (68) “O cativeiro é uma experiência angustiante, inclusive para os humanos. (69) Eu me pergunto como ficam as pessoas que testemunharam o caso de Harambe ou que ainda vão passar por aquele zoológico. (70) Sério que isso é ter uma boa experiência turística?”

(71) *Irracionais*

(72) Também em maio, oito dias antes, no Chile, outra dessas decisões de vida ou morte teve de ser tomada. (73) Um homem nu invadiu o recinto dos leões do Zoológico de Santiago. (74) Assim como no caso de Harambe, a cena foi registrada e publicada na internet por frequentadores, alheios à tentativa de suicídio. (75) “Mas de onde saiu esse cara?”, diz uma voz feminina em um vídeo. (76) “Olha, está enjaulado e não acontece nada”, comenta um homem, enquanto o animal e o rapaz estão atacadados. (77) Mas, sim, aconteceu: quando os guardas chegaram, dois animais de origem africana, macho e fêmea, foram sacrificados para que parassem de atacar o jovem. (78) Ele saiu com ferimentos graves, mas sobreviveu.

(79) “A gente conta com o bom senso das pessoas. (80) Uma pessoa tem que ultrapassar várias barreiras para sofrer um acidente, mas, se ela quiser se jogar no fosso do animal, ela consegue, né?”, diz Kátia Cassaro, bióloga responsável pelo zoológico do parque de diversões Beto Carrero, em Penha (SC). (81) Uma das maiores coleções particulares do país, o local tem cerca de mil animais.

(82) No Brasil, pelas normas do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para zoológicos, o afastamento mínimo do público em relação aos viveiros tem de ser de 1,5 metro. (83) Somente se houver vidros essa distância é dispensada.

(84) Observando o comportamento dos visitantes, a administração decidiu reforçar a segurança nos últimos tempos, conta Cassaro. (85) “Aqui você sobe em uma passarela e avista no plano inferior os leões e os tigres. (86) Esse espaço foi todo preenchido com vidro porque notamos que os pais sentavam as crianças pequenas em cima da mureta”, diz ela, sobre a obra feita há cerca de cinco anos. (87) “Assim, mesmo que a pessoa queira se jogar para se suicidar, não consegue.”

(88) Nos últimos meses, os recintos da girafa e da zebra também ganharam mais uma barreira para impedir a entrada de braços de visitantes. (89) Além de vergalhões, agora telas separam os bichos. (90) “Muitas vezes as pessoas não se dão conta do perigo que representa uma zebra ou uma girafa, porque olham o animal no recinto, bem tranquilo, e isso passa uma imagem de que você pode chegar perto”, afirma a bióloga.

(91) A falta de noção sobre como lidar com animais silvestres se reflete também na vontade de ter em casa bichos que não são domesticáveis. (92) O hábito é preocupante porque alimenta o tráfico. (93) Essa cadeia move R\$ 2,5 bilhões por ano no país e provoca a morte de, em média, 90% dos animais capturados antes mesmo que cheguem a ser vendidos, principalmente pelo transporte em condições inadequadas, segundo estimativas da Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres.

(94) “O brasileiro gosta de ter bicho em casa, seja bicho legal, seja bicho ilegal. (95) Isso é bem grave”, ressalta Maria Izabel Gomes, coordenadora de fauna do Ibama. (96) “Então, diferentemente do que está ocorrendo em outras partes do mundo, onde há rejeição a zoológicos, no Brasil a gente ainda tem que alterar muito da nossa

cultura para começar a entender movimentações contrárias à exposição de animais ou à colocação deles em ambientes que não são naturais.”

[...]

(97) “Só deu tempo de ouvir meu filho dizer: ‘Ai, pai’. (98) Ele sorria. (99) Parecia achar que o leão estava brincando”, lembrou José Miguel dos Santos Fonseca em entrevista à revista *Época*, dez anos depois do ataque que matou seu filho, aos seis anos, em pleno picadeiro do Circo Vostok, na Grande Recife, em 2000.

(100) O garoto passava pela jaula dos leões quando foi agarrado pelas patas de um deles. (101) O caso terminou com a morte do menino, Júnior, e de quatro dos cinco leões. (102) O Superior Tribunal de Justiça determinou, em 2010, dez anos após a morte, o pagamento de indenização de R\$ 275 mil à família.

(103) *O espetáculo mais triste*

(104) Na legislação, a resposta ao caso foi mais rápida. (105) No ano seguinte, o estado de Pernambuco sancionou lei que proíbe animais em apresentações circenses ou teatrais. (106) De lá para cá, outros dez estados brasileiros também passaram a vetar circos com bichos. (107) Fora esses locais, há ainda alguns municípios de outros estados que têm leis semelhantes.

(108) Em âmbito nacional, o Projeto de Lei 7.291, de 2006, aguarda votação na Câmara dos Deputados. (109) A proposta pretende acabar com o emprego de animais em circos em todo o território, além de criar um controle nacional dessas atividades. (110) Atualmente, são os estados e municípios os responsáveis por cuidar do tema. (111) A regulamentação de zoológicos e aquários também é feita pelos estados e prefeituras. (112) O Ibama, órgão federal, age exclusivamente na fiscalização em casos de denúncias. (113) “É o equivalente à Polícia Federal, que participa de investigações especiais”, diz a coordenadora de fauna do instituto.

(114) Fora do país, 2016 já é um ano marcante para a história dos circos. (115) No início de maio, a companhia Ringling Bros, um dos principais alvos de campanhas de ativistas nos Estados Unidos, fez seu último show com elefantes. (116) Agora aposentados, 42 animais foram enviados para um centro de preservação na Flórida mantido pela própria empresa.

(117) “É agridoce”, disse Ryan Henning, apresentador das performances dos elefantes por mais de uma década. (118) “É amargo no sentido de que é o fim de uma era. (119) Mas isso realmente vai nos permitir ter foco na conservação e no nosso programa de reprodução, para assegurar que esses ‘caras’ estejam por aqui por muitas e muitas gerações.”

(120) Os “caras”, tanto asiáticos quanto africanos, sofrem risco de extinção. (121) “Só no continente africano são mortos por ano quase 50 mil elefantes. (122) Se você calcular que a população é de 450 mil, vê que é uma situação de alto risco. (123) Em poucos anos, eles podem ser extintos se não forem tomadas medidas drásticas”, diz Junia Machado, brasileira criadora do primeiro santuário de elefantes da América Latina, que receberá as suas primeiras moradoras neste mês.

(124) *Hora de mudança*

(125) Santuários são o modelo de instituição defendido por ativistas dos direitos dos animais como a opção mais confortável para bichos que não podem sobreviver fora

de cativeiros. (126) Os viveiros devem ser mais amplos do que em zoológicos, tentando reproduzir ao máximo o ambiente na vida selvagem.

(127) Por isso, em geral, santuários não aceitam receber visitantes. (128) Atualmente, existe por volta de uma dezena no Brasil. (129) Pela legislação, no entanto, esse tipo de local não tem distinção. (130) A licença precisa ser obtida da mesma forma que para manter um zoológico tradicional.

(131) As elefantas asiáticas Maia e Guida, de cerca de 44 e 42 anos, aguardam a mudança para o santuário de Machado em um sítio em Minas Gerais, onde vivem há seis anos, desde que foram apreendidas de um circo na Bahia pelo Ibama. (132) Machado, que estima que haja no país em torno de 25 elefantes em cativeiros, fechou acordo com o Ministério Público para cuidar delas.

(133) Para chegarem ao santuário, um sítio com 1,1 mil hectares na Chapada dos Guimarães, no Mato Grosso, as elefantas viajarão em caminhões dentro de contêineres especiais, com respiradouros e espaço para o acúmulo de excrementos.

(134) As caixas metálicas estão sendo construídas com consultoria técnica do Santuário de Elefantes do Tennessee (EUA), organização parceira no projeto, assim como a ONG Elephant Voices, que tem base em Moçambique e no Quênia. (135) A próxima hóspede, com chegada prevista para o ano que vem — desta vez por avião —, será a elefanta Ramba, do Chile, outra asiática aposentada de circo e com histórico de maus-tratos.

(136) As ONGs esperam conseguir doações para o deslocamento das elefantas. (137) “Para o transporte por terra da Maia e da Guida, conseguimos um orçamento de R\$ 45 mil. (138) Por avião, para a Ramba, deve custar o triplo”, diz Machado. (139) Para a compra do terreno, arrecadaram R\$ 67 mil em uma vaquinha online — valor baixo, perto dos gastos totais. (140) A obra inicial de estrutura para receber os animais custa mais de R\$ 1,5 milhão.

(141) A falta de doações também é sentida no Santuário de Sorocaba, que funciona em um sítio no interior paulista e abriga mais de 50 chimpanzés, além de outros 250 bichos — parte deles foi comprada pelo proprietário. (142) A manutenção é feita com R\$ 100 mil mensais vindos de recursos próprios “colocados a fundo perdido”, define o dono, o microbiologista e empresário Pedro Ynterian.

(143) “Eu não tenho condições de aceitar mais animais. (144) Tenho solicitações para receber animais de Portugal, Argentina, Espanha... Mas não posso aceitar mais”, afirma o cubano radicado no Brasil. (145) “Os santuários dão uma vida mais decente para os animais maltratados, porém, não são uma solução definitiva. (146) A única saída que existe é proibir o cativeiro.” (147) Para Ynterian, a forma de romper o ciclo que mantém esses animais longe do seu habitat natural, seja em zoológicos e circos, seja em santuários, é impedir a sua reprodução. (148) “Esperar anos até que esses animais morram é a única solução.”

[...]

(149) *Reprodução assistida*

(150) O tema da reprodução em cativeiro é um dos mais polêmicos entre ativistas e cientistas. (151) Mara Marques, bióloga do Zoológico de São Paulo, diz que seria temerário suspender os programas acompanhados por pesquisadores, que funcionam como um backup, ou seja, uma cópia de segurança da natureza.

(152) “Se ocorre um incêndio de grandes proporções, por exemplo, uma espécie pode ser dizimada se não tivermos animais geneticamente prontos, saudáveis, para repovoar essas áreas”, afirma Marques. (153) “Um exemplo é o mico-leão-dourado. (154) Animais vindos de cativeiros ficaram em adaptação e depois foram soltos. (155) É um sucesso reprodutivo que tem conseguido se manter. (156) Podemos dizer que o mico-leão-dourado só sobreviveu porque os zoológicos ajudaram.”

(157) Segundo a bióloga, para os animais que não podem voltar à natureza, o estresse da vida em cativeiro pode ser minimizado com atividades acompanhadas pelos tratadores. (158) Para melhorar a função de “reserva”, programas de “zoológicos congelados” são a aposta de cientistas. (159) O mais famoso do mundo é o Frozen Zoo, de San Diego, que conserva em tanques de nitrogênio líquido amostras genéticas de 10 mil indivíduos de mil espécies diferentes. (160) O modelo da Califórnia serve de inspiração para o Departamento de Pesquisas Aplicadas, criado em 2013 no Zoológico de São Paulo.

(161) Essa espécie de “arca de Noé” a ser construída na zona sul da capital paulista é o primeiro projeto do gênero em um zoológico da América Latina — e ainda está bem no começo.

(162) A prioridade é guardar material da chamada lista vermelha, dos animais mais ameaçados de extinção. (163) Por enquanto, são 400 as amostras de DNA armazenadas. (164) O banco de sêmen, no entanto, tem somente o de muriqui-do-sul, primata nativo da Mata Atlântica, conhecido como mono-carvoeiro. (165) “A gente está caminhando na questão da conservação. (166) Um zoológico não pode ser mais simplesmente comprar um bilhete e entrar para ver bichos”, diz Patrícia Locosque Ramos, bióloga que coordena o departamento. (167) “Há gente a favor e contra os zoológicos, mas nós precisamos trabalhar com o mesmo intuito, que é o de ajudar. (168) O importante é o bicho.”

[...]

ANEXO F - CIENTISTAS DEBATEM SOBRE OS EFEITOS PSICOLÓGICOS CAUSADOS POR VIAGENS PARA FORA DA TERRA

(1) Cientistas debatem sobre os efeitos psicológicos causados por viagens para fora da Terra

(2) Deslumbramento, desconexão, depressão... com o barateamento e o avanço do turismo espacial, essa discussão está cada vez mais válida

André Bernardo

19 Mar 2015 - 10h57 Atualizado em 19 Mar 2015 - 10h57



(Foto: Rafael Pereira)

(3) Quando a cantora britânica Sarah Brightman terminar o treinamento que a levará à Estação Espacial Internacional (ISS), algo previsto para 2016, ela será a oitava pessoa “comum” a chegar ao espaço. (4) O estreante foi o magnata americano Dennis Tito, de 72 anos, que, em 2001, desembolsou US\$ 20 milhões para passar sete dias a bordo de uma nave russa. (5) Agora, ele quer mais. Em 2018, pretende enviar um casal a Marte, em uma viagem de 501 dias, entre ida e volta.

(6) Mas, para alguns especialistas, quem conhece o espaço não volta ileso. (7) Segundo o psiquiatra Nick Kanas, da Universidade da Califórnia, além de depressão, tédio e ansiedade, uma expedição a Marte oferece também outro risco, ainda não experimentado por nenhum viajante interplanetário: o *earth out of view* (ou “falta de visão da Terra”, em tradução livre). (8) A uma distância estimada de 500 milhões de quilômetros, nosso planeta ficará reduzido a um ponto insignificante. (9) Ou, como diria o astrônomo Carl Sagan, a um “grão de poeira suspenso num raio de sol”.

(10) “Pela primeira vez, os astronautas vão experimentar uma sensação de abandono e solidão, agravada pela defasagem de até 44 minutos na comunicação com a base”, alerta Kanas. (11) “Para piorar, olhar pela escotilha e não avistar uma bela esfera azul solta no espaço pode ter um impacto devastador na saúde mental da tripulação”, especula o cientista.

(12) Das empresas que querem mandar o homem a Marte, nenhuma é tão audaciosa quanto a Mars One. (13) Não satisfeita em fornecer um passeio ao planeta vermelho, a companhia holandesa quer colonizá-lo. Isso em 2025. (14) A cada um dos 24 colonizadores será dada uma passagem – só de ida. (15) Por enquanto, 705 candidatos estão na corrida (entrevistamos a única brasileira que ainda está no processo seletivo). (16) Coordenadora do Centro de Microgravidade da PUC-RS e ph.D. em fisiologia espacial, Thais Russomano é a única brasileira entre os 26 consultores do projeto. “Pouco se pode antecipar. (17) Mas fenômenos como o *earth out of view* podem, sim, ocorrer”, ela admite.

(18) Para minimizar os riscos de uma viagem a Marte, simulações são feitas a todo momento. (19) A mais recente delas, a *Mars-500*, ocorreu em Moscou, na Rússia, em 2010. Durante 520 dias, seis voluntários – três russos, um chinês, um francês e um italiano – ficaram confinados em uma “espaçonave” de 72 metros quadrados, hermeticamente fechados e sem poder ver a luz do Sol. (20) Uma das poucas distrações a bordo era o game *Guitar Hero*.

(21) Para o psicólogo Vadim Gushin, do Instituto de Problemas Biomédicos da Rússia, um dos parceiros da Agência Espacial Europeia (ESA) na empreitada, o inimigo oculto do astronauta numa aventura interplanetária é a longa duração. (22) Enquanto uma viagem à Lua leva, em média, uma semana, uma expedição a Marte dura em torno de dois anos. (23) “Missões de longa duração, acima dos três meses, tendem a ser bem mais problemáticas”, alerta Gushin.

(24) A história conta que a viagem nem precisa ser assim tão longa para despertar sentimentos negativos na tripulação. (25) Caso famoso é o do astronauta norte-americano John Blaha, 72 anos. (26) Em 1996, ele entrou em depressão após colocar os pés na estação espacial russa Mir. (27) Felizmente, a estadia durou “apenas” 118 dias. (28) A esses e outros efeitos colaterais os cientistas dão o nome de efeito *break off* (“sentimento de desconexão”). (29) “Muitos astronautas sofrem emocionalmente por se sentirem afastados da Terra. (30) É como se estivessem desconectados de tudo o que conhecem”, explica Thais Russomano.

(31) A engenheira aeronáutica e psicóloga Valerie Gawron relatou uma série de histórias do tipo em um capítulo do livro *Spacial Desorientation in Aviation*. (32) Uma das ilusões foi batizada como “a mão esquerda de Deus”, por causa do sentimento, segundo alguns astronautas, de ter uma mão gigante pressionando a nave para baixo.

(33) "Se contar a verdade representasse um risco às chances de voar, eles preferiam mentir"

(34) O pesquisador Jordan Bimm, da Universidade de York, no Canadá, afirma que o *break off* não é privilégio de viajantes espaciais, acontece também com quem pilota aviões em altitudes muito elevadas, como Gawron notou. (35) Depois de perder um filho, um piloto informou à psicóloga que ouviu a voz da criança dizendo: “Papai, cuidado!”. (36) Foi quando percebeu que estava indo em direção ao solo. (37) Outros 20 pilotos compartilharam histórias semelhantes.

(38) Os primeiros casos foram relatados por pilotos de caça da força aérea dos Estados Unidos, na década de 1950. (39) Na ocasião, o psicólogo Brant Clark e o cardiologista Ashton Graybiel entrevistaram 137 pilotos. (40) “Um em cada seis admitiu ter sentido algo estranho durante um voo”, registra Jordan Bimm. (41) Durante o Projeto Mercury, que durou de 1958 a 1963, Clark e Graybiel bem que tentaram entrevistar astronautas, mas não tiveram êxito. (42) A Nasa não deixou. (43) Os

viajantes espaciais, por sua vez, também não se sentiam muito à vontade para expor seus pontos fracos. (44) “Se contar a verdade representasse um risco às chances de voar, eles preferiam mentir”, afirma Bimm. (45) Não à toa, assim que a corrida espacial começou a se intensificar, na década de 1970, a discussão sobre os efeitos psicológicos das viagens espaciais sumiu do meio acadêmico.

(46) ERAM OS DEUSES ASTRONAUTAS?

(47) Segundo Bimm, o aparecimento do *break off* coincidiu com o do *overview* (“visão global”). (48) Enquanto o primeiro evoca um sentimento ruim, de isolamento e desconexão, o segundo desperta uma sensação boa, de deslumbre e encantamento. (49) Quase uma epifania, descrevem alguns astronautas no livro *The Overview Effect*, de Frank White. (50) “O que vi era demasiadamente belo, ordenado e cheio de propósito para ser fruto de um mero acidente cósmico. (51) No espaço, me senti na obrigação de louvar a Deus”, afirmou Eugene Cernan, 80 anos, comandante da Apollo 17, a última das missões Apollo a pousar na Lua, em 1972. (52) “Cada um reage de uma maneira. (53) Pessoas diferentes tendem a experimentar sensações diferentes em órbita”, analisa Bimm.

(54) Primeiro astronauta brasileiro, Marcos Pontes, 51 anos, garante não ter sentido nenhum efeito psicológico, positivo ou não, nos dez dias que passou no espaço em 2006. (55) “Não tive tempo para isso”, desconversa ele, que teve de realizar oito experimentos durante sua estada no espaço. (56) Segundo Marcos, os piores inimigos de um astronauta são o estresse e o cansaço. (57) Dono de uma agência de turismo espacial, ele vê com ressalvas a iniciativa de empresas como a Space X. (58) “Esse tipo de viagem demanda tripulação experiente. (59) Em uma situação de emergência, turistas não terão a mesma estrutura emocional que nós. (60) Se eles entrarem em pânico, aí sim teremos um problema”, avisa o astronauta, cauteloso.

ANEXO G - ASTRÔNOMOS DESCOBREM QUE O CORAÇÃO DE PLUTÃO ESTÁ "BATENDO" "BATENDO"

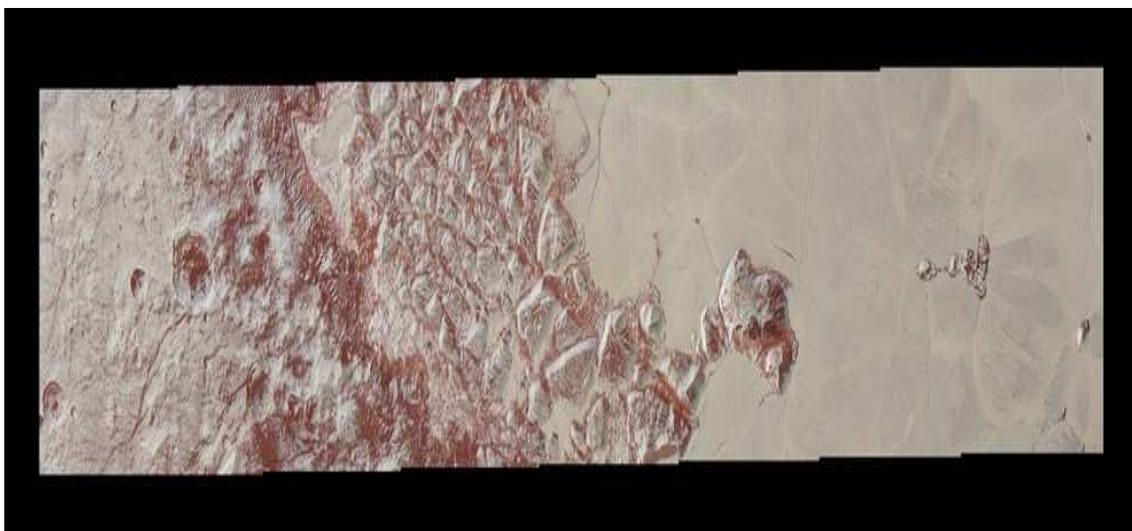
- (1) Astrônomos descobrem que o coração de Plutão está "batendo"
(2) Dois estudos explicam a atividade da região Sputnik Planum do planeta anão
03/06/2016 - 13H01/ atualizado 13H05 / por Isabela Moreira



Plutão é ainda mais fascinante do que imaginávamos (Foto: reprodução)

(3) O encantador coração de Plutão está "batendo". (4) É o que indicam dois estudos publicados nesta semana no periódico científico Nature. (5) De acordo com astrônomos das universidades de Washington em St. Louis e Purdue, nos Estados Unidos, a Sputnik Planum — região do planeta anão que tem o formato de um coração — se renova de tempos em tempos.

(6) Quando a sonda New Horizons começou a enviar dados sobre Plutão para a NASA, uma das maiores surpresas dos cientistas foi constatar que a geologia do planeta anão é tão variada quanto a da Terra. (7) Plutão é cheio de montanhas, vales, vulcões, crateras e planícies. (8) A única região que parecia não ter sofrido muitos impactos era a Sputnik Planum, onde há a maior concentração de gelo de nitrogênio na superfície do planeta anão.



Detalhes de Sputnik Planum à direita (Foto: NASA)

(9) De acordo com os astrônomos, no coração de Plutão ocorrem muitas atividades geológicas, só que elas são diferentes do que estamos acostumados. (10) No caso, gelo de nitrogênio é bombeado no centro da Sputnik Planum, se espalhando pela superfície do planeta anão e congelando a região. (11) Como a atividade em questão se repete, espalhando novas quantidades de gelo, as partes acidentadas desaparecem, deixando o coração de Plutão parecendo novinho em folha.

(12) Ambos os estudos chegaram à essa conclusão. (13) A única diferença da abordagem dos dois grupos de astrônomos é a profundidade na qual o gelo de nitrogênio se encontra antes de ser bombeado para superfície e sua espessura após o processo ocorrer. (14) "Estou mais empolgado em relação às semelhanças das duas pesquisas. (15) Nossos resultados são bem parecidos, e é isso o que você quer ver na ciência", disse Alexander Trowbridge, da Universidade Purdue, em entrevista à *National Geographic*.

(16) As pesquisas indicam que a Sputnik Planum consegue se renovar completamente a cada período de 500 mil a um milhão de anos. (17) É um tempo relativamente curto no que diz respeito a atividades geológicas. [...]

ANEXO H - MISTERIOSAS BOLAS DE METAL VINDAS DO ESPAÇO CAEM NO VIETNÃ

(1) Misteriosas bolas de metal vindas do espaço caem no Vietnã
(2) Objetos aterrissaram em área residencial, "ao som de trovão"
08/01/2016 - 15H40/ atualizado 15H40 / por Cláudia Fusco



Autoridades escavam bolas de metal (Foto: VIETNAM PEOPLE'S ARMY NEWSPAPER via Mashable)

(3) Três misteriosas bolas metálicas, aparentemente vindas do espaço, estão intrigando autoridades e moradores vietnamitas. (4) Os objetos, que caíram em uma área residencial ao norte do país, teriam atingido a Terra após "um som de trovão, mas sem chuva", segundo os locais. (5) Uma delas chegou a cair em uma casa, mas não feriu ninguém, de acordo com o jornal VietnamNet Bridge.

(6) De acordo com o Ministério da Defesa, os objetos não continham material explosivo e provavelmente são lixo espacial. (7) Por estarem intactas, especula-se que estavam mais abaixo na atmosfera. (8) Também foram identificadas algumas inscrições em russo na superfície das bolas, que podem dar mais pistas sobre sua procedência.



Esfera encontrada no solo intrigou moradores e autoridades (Foto: VIETNAM PEOPLE'S ARMY NEWSPAPER via Mashable)

(9) O professor Nguyen Khoa Son, do programa espacial do Vietnã, sugeriu que "provavelmente foi culpa de um lançamento de satélite mal-sucedido". (10) Todas as bolas estão sendo investigadas.

(11) Não é a primeira vez que bolas metálicas caem do espaço e causam confusão entre os terráqueos: em novembro de 2015, um objeto similar foi encontrado no sul da Espanha. (12) À época, também se estimou que a "aterisagem" tenha sido causada por um satélite ou outro pedaço de material espacial. (13) Vale aguardar o que o departamento de Defesa do país dirá sobre o assunto.